

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

EDUARDA VIVIANE MÜLLER

**TRANSFORMANDO AMBIENTES E MOLDANDO UM MUNDO MAIS JUSTO:
UMA ANÁLISE ECOFEMINISTA DA PRÁXIS TEOLÓGICA E DO
EMPODERAMENTO FEMININO NA COOPERATIVA DE TRABALHO MUNDO
MAIS LIMPO**

São Leopoldo

2025

EDUARDA VIVIANE MÜLLER

**TRANSFORMANDO AMBIENTES E MOLDANDO UM MUNDO MAIS JUSTO:
UMA ANÁLISE ECOFEMINISTA DA PRÁTICA TEOLÓGICA E DO
EMPODERAMENTO FEMININO NA COOPERATIVA DE TRABALHO MUNDO
MAIS LIMPO**

Dissertação
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação

Orientadora: Carolina Bezerra de Souza

São Leopoldo

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M958t Müller, Eduarda Viviane

Transformando ambientes e moldando um mundo mais justo: uma análise ecofeminista da práxis teológica e do empoderamento feminino na cooperativa de trabalho mundo mais limpo/ Eduarda Viviane Müller; orientadora Carolina Bezerra de Souza. – São Leopoldo : EST/PPG, 2025.

122 p. : il. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) - Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação em Teologia. São Leopoldo, 2025.

1. Ecofeminismo. 2. Teologia feminista. 3. Pesquisa-ação. I. Souza, Carolina Bezerra de, orientadora. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

EDUARDA VIVIANE MÜLLER

TRANSFORMANDO AMBIENTES E MOLDANDO UM MUNDO MAIS JUSTO

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Religião, Teologias e
Sociedade

Data de Aprovação: 03 de novembro de 2025

PROF^a. DR^a. CAROLINA BEZERRA DE SOUZA (PRESIDENTE)
Assinado digitalmente

PROF^a. DR^a. LAUDE ERANDI BRANDENBURG (EST)
Assinado digitalmente

PROF. DR. ANDRÉ MUSSKOPF (UFJF)
Docente visitante

Assinado
digitalmente por:
Laude Erandi
Brandenburg :
XXX.548.850-XX
Date: 04/11/2025
08:48:57 -03:00



Assinado
digitalmente por:
Carolina Bezerra de
Souza :
XXX.525.341-XX
Date: 04/11/2025
13:02:58 -03:00



AGADECIMENTOS

À Deus, pela vida, pela força e pela inspiração que guiaram cada passo desta jornada acadêmica e pessoal.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro essencial que tornou possível a dedicação integral a esta pesquisa, permitindo aprofundar o estudo e contribuir para o conhecimento.

À minha orientadora, Carolina Bezerra de Souza, pela confiança, pela orientação perspicaz e pelo incentivo constante. Sua sabedoria e paciência foram cruciais para o desenvolvimento deste trabalho e para meu crescimento acadêmico.

Ao meu pai, Elton Alanhe Müller, à minha mãe, Lisete Elisa Müller, pelo amor incondicional, pelos valores transmitidos e pelo constante incentivo à educação e à busca por um mundo mais justo. Vocês são a minha base e a minha maior inspiração.

Ao meu marido, Tiago Schroeder, pela paciência, compreensão, apoio irrestrito e por ser meu porto seguro em todos os momentos, especialmente nos desafios que a vida acadêmica impõe. Sua parceria foi fundamental.

À minha irmã, Fernanda Larissa Müller, pela cumplicidade, apoio e por sempre estar presente, tornando os momentos mais leves e alegres.

Às minhas amigas e aos meus amigos, Taiana Luiza Wish, Jéssica Laís Kriese Duffeck, Samira Rosman Ramlow, Letícia Zimmer Quintal, Francielle Becker, Felipe Hobus Volrath, Odilon Duffeck, Elton Luís Kuss, William Rezende Quintal, Antônio Zimmer Quintal, Guilherme Thiago Riva, que com suas palavras de encorajamento, escuta atenta e presença constante, tornaram o caminho mais leve e significativo. A partilha de ideias e o afeto de vocês foram um bálsamo.

À minha psicóloga, pelo apoio inestimável e pela escuta qualificada, que foram fundamentais para a manutenção da minha saúde mental e bem-estar ao longo deste desafiador percurso.

Às mulheres da Cooperativa de Trabalho Mundo Mais Limpo, pela generosidade em compartilhar suas histórias, vivências e saberes. A práxis transformadora de vocês é a prova viva de que outro mundo é possível e a maior inspiração deste trabalho.

“O ecofeminismo é a crítica feminista da dominação da natureza e a crítica ecológica da dominação das mulheres.”

Rosemary Radford Ruether

RESUMO

Esta pesquisa investiga a profunda interconexão entre o ecofeminismo, a teologia e a busca por justiça socioambiental. O estudo se insere no contexto da crise civilizatória contemporânea, caracterizada por uma crise ecológica sem precedentes e pela persistência de profundas desigualdades sociais. Nesse cenário, o ecofeminismo emerge como uma perspectiva teórica e política robusta, capaz de articular a crítica à dominação da natureza com a crítica às estruturas patriarcais que subjagam as mulheres, propondo um novo paradigma baseado no cuidado, na relacionalidade e na sustentabilidade da vida. A questão norteadora é: em que medida a pesquisa-ação com uma proposta formativa baseada na teologia ecofeminista pode auxiliar as mulheres da Cooperativa de Trabalho Mundo Mais Limpo, localizada em São Leopoldo/RS, a identificar violências sofridas e desenvolver estratégias de enfrentamento para alcançar uma vivência com justiça de gênero promovendo mudanças na sociedade. A investigação parte do pressuposto de que a opressão das mulheres e a exploração da natureza são manifestações interligadas de um sistema patriarcal e antropocêntrico. O corpo teórico da pesquisa é construído a partir da articulação entre a teologia feminista, a teologia ecológica e a teologia ecofeminista. Sendo, o feminismo e a teologia feminista, utilizados para desvelar as estruturas patriarcais, as violências de gênero e a subordinação feminina na sociedade e na esfera religiosa. A teologia ecológica critica o paradigma antropocêntrico e a instrumentalização da natureza, propondo uma espiritualidade que resgata o cuidado e a relacionalidade com a Terra. O ecofeminismo e a teologia ecofeminista, surgem como a moldura teórica que conecta radicalmente essas duas frentes de luta. Ele postula que a dominação das mulheres e a exploração da natureza possuem raízes ideológicas e estruturais comuns, defendendo uma epistemologia plural e contextual que valoriza a interdependência entre todos os seres vivos. Essa perspectiva propõe uma reorganização social baseada na sustentabilidade da vida em comunidade, onde o cuidado é resgatado como elemento fundamental para uma economia a serviço da vida. A metodologia adotada é a pesquisa-ação, coerente com o referencial ecofeminista. Como parte do processo, foi concebida e aplicada uma proposta formativa intitulada “ecofeminismo com os pés no chão”, visando enraizar conceitos ecofeministas nas práticas cotidianas das mulheres. A pesquisa confirmou a potência do ecofeminismo como lente analítica e ferramenta política, demonstrando que a cooperativa é um microrganismo vivo da transformação ecofeminista em ação. O estudo evidenciou, porém, contradições e desafios como a internalização da culpa, naturalização do auto negligenciamento em saúde, na dificuldade em questionar interpretações religiosas patriarcais e na reprodução sutil de hierarquias, mesmo em um espaço horizontal de cooperativa. Essa dissertação demonstra que a teologia ecofeminista, longe de ser uma teoria abstrata, é uma ferramenta vital para interpretar e fortalecer as lutas das mulheres que, com os pés no chão de sua realidade, já constroem, com suor, sabão e solidariedade, as sementes de um futuro mais equitativo. O cuidado com a Terra e o cuidado com as outras mostram-se, assim, como o fio contido para a libertação integral e a construção de um mundo onde todas as vozes e formas de vida sejam, de fato, respeitadas e valorizadas.

Palavras-chave: Teologia Ecofeminista. Pesquisa-Ação. Cooperativa.

ABSTRACT

This research investigates the profound interconnection between ecofeminism, theology, and the search for socio-environmental justice. The study is set in the context of the contemporary civilizational crisis, characterized by an unprecedented ecological crisis and the persistence of profound social inequalities. In this scenario, ecofeminism emerges as a robust theoretical and political perspective, capable of articulating criticism of the domination of nature with criticism of the patriarchal structures that subjugate women, proposing a new paradigm based on care, relationality, and the sustainability of life. The guiding question is: to what extent can action research with a formative proposal based on ecofeminist theology help women from the Mundo Mais Limpo Work Cooperative, located in São Leopoldo/RS, to identify the violence they suffer and develop strategies to confront it in order to achieve gender justice and promote changes in society? The investigation is based on the assumption that the oppression of women and the exploitation of nature are interconnected manifestations of a patriarchal and anthropocentric system. The theoretical framework of the research is built on the articulation between feminist theology, ecological theology, and ecofeminist theology. Feminism and feminist theology are used to unveil patriarchal structures, gender violence, and female subordination in society and in the religious sphere. Ecological theology criticizes the anthropocentric paradigm and the instrumentalization of nature, proposing a spirituality that restores care and relationality with the Earth. Ecofeminism and ecofeminist theology emerge as the theoretical framework that radically connects these two fronts of struggle. It posits that the domination of women and the exploitation of nature have common ideological and structural roots, advocating a plural and contextual epistemology that values the interdependence of all living beings. This perspective proposes a social reorganization based on the sustainability of community life, where care is restored as a fundamental element for an economy at the service of life. The methodology adopted is action research, consistent with the ecofeminist framework. As part of the process, a training proposal entitled “down-to-earth ecofeminism” was designed and implemented, aiming to root ecofeminist concepts in women's daily practices. The research confirmed the power of ecofeminism as an analytical lens and political tool, demonstrating that the cooperative is a living microorganism of ecofeminist transformation in action. However, the study highlighted contradictions and challenges such as the internalization of guilt, the normalization of self-neglect in health, the difficulty in questioning patriarchal religious interpretations, and the subtle reproduction of hierarchies, even in a horizontal cooperative space. This dissertation demonstrates that ecofeminist theology, far from being an abstract theory, is a vital tool for interpreting and strengthening the struggles of women who, with their feet firmly planted in their reality, are already building, with sweat, soap, and solidarity, the seeds of a more equitable future. Care for the Earth and care for others thus prove to be the thread that leads to integral liberation and the construction of a world where all voices and forms of life are, in fact, respected and valued.

Keywords: Ecofeminist Theology. Action Research. Cooperative.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	17
2.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1	FEMINISMO E TEOLOGIA.....	20
2.1.1	Histórico das opressões e do surgimento do feminismo	20
2.1.2	Contribuições epistemológicas e teológicas do feminismo.....	23
2.1.3	Violências de gênero como expressão do patriarcado	26
2.1.4	Teologia feminista: crítica ao patriarcado e propostas transformadoras	30
2.1.5	Conclusão parcial.....	35
2.2	ECOLOGIA E TEOLOGIA ECOLÓGICA	35
2.2.1	A crise ecológica como crise ética e espiritual	36
2.2.2	Crítica à teologia tradicional e ao paradigma antropocêntrico	39
2.2.3	Teologia ecológica: cuidado relacionalidade e espiritualidade da terra .	42
2.2.4	Conclusão parcial: limites e abertura ao ecofeminismo	43
2.3	ECOFEMINISMO E TEOLOGIA.....	44
2.3.1	História e desenvolvimento	45
2.3.2	Conclusão parcial.....	50
2.4	MÉTODOS DE PESQUISA	51
2.4.1	Pesquisa-ação.....	52
2.4.2	Conclusão parcial.....	59
2.5	CONCLUSÃO.....	60
3.	COOPERATIVA DE TRABALHO MUNDO MAIS LIMPO	61
3.1	HISTÓRIAS E PRINCÍPIOS	62
3.1.1	Fundação.....	62
3.1.2	Cooperativismo e economia solidária	67
3.2	DIÁLOGOS E VIVÊNCIAS	71
3.2.1	Moldando relações: a inserção ética no território da cooperativa	72
3.2.2	Relatos de vida: ecofeminismo na pele	76
3.2.3	Autogestão e autoritarismo: dilemas éticos na prática cooperativista ...	81
3.2.4	Empoderamento como libertação integral: a reconquista da própria autoridade	83
3.2.5	Religião e gênero: a bíblia como campo de disputa.....	84
3.2.6	Saúde e autocuidado: quando sobreviver é mais urgente que viver.....	86
3.3	CONCLUSÃO.....	88

4.	PROPOSTA FORMATIVA	91
4.1	ECOFEMINISMO EM AÇÃO: MULHERES, COOPERAÇÃO E SUSTENTABILIDADE	92
4.1.1	Encontro 1 – O que é Ecofeminismo?.....	93
4.1.2	Encontro 2 – Mulheres e o Cuidado com a Terra	93
4.1.3	Encontro 3 – Ecofeminismo na Prática: O Trabalho da Cooperativa	94
4.1.4	Encontro 4 – Autonomia e Resistência: O Poder das Mulheres na Sustentabilidade.....	94
4.1.5	Encontro 5 – Reflexão e Encerramento do Módulo.....	94
4.1.6	Conclusão parcial	95
4.2	ECOFEMINISMO COM OS PÉS NO CHÃO	95
4.2.1	Cuidado como categoria central.....	96
4.2.2	Escuta da natureza e espiritualidade ecofeminista.....	98
4.2.3	Ecofeminismo vivido	101
4.2.4	Conclusão parcial	105
4.3	SEMENTES ECOFEMINISTAS: CUIDAR DE SI, DA COMUNIDADE E DA TERRA.....	106
4.3.1	Módulo 1 – O cuidado que liberta: autocuidado e saúde como ato político	107
4.3.2	Módulo 2 – Nomeando nossas práticas: do sabão ao ecofeminismo ...	107
4.3.3	Módulo 3 – Autogestão e poder compartilhado: desafios e potencialidades	108
4.3.4	Conclusão parcial	108
4.4	CONCLUSÃO	108
5.	CONCLUSÃO	111
	REFERÊNCIAS.....	113
	ANEXO 1.....	119

1. INTRODUÇÃO

A encruzilhada civilizatória do nosso tempo, marcada pela crise ecológica sem precedentes e pela persistência de profundas desigualdades sociais, exige respostas que sejam tão complexas e interligadas quanto os próprios problemas. Nesse cenário, o ecofeminismo emerge como uma potente perspectiva teórica e política que articula a crítica à dominação da natureza com a crítica às estruturas patriarcais que subjagam as mulheres, propondo um novo paradigma baseado no cuidado, na relacionalidade e na sustentabilidade da vida em sua integralidade. Essa dissertação se insere nesse debate, partindo do pressuposto de que tais transformações paradigmáticas não são apenas desejáveis, mas já estão sendo gestadas em experiências concretas de resistência e recriação da vida.

Ponto de partida empírico dessa investigação é a Cooperativa de Trabalho Mundo Mais Limpo, localizada na cidade de São Leopoldo no estado do Rio Grande do Sul – Brasil. Formada por mulheres em situação de vulnerabilidade socioeconômica, a cooperativa dedica-se à reciclagem de óleo de cozinha usado, transformando-o em produtos de limpeza e velas artesanais. Mais do que uma iniciativa de geração de renda, essa prática evidencia uma confluência singular entre preocupação ambiental, organização econômica solidária e empoderamento feminino, configurando um lócus privilegiado para investigar como os princípios ecofeministas se manifestam e são reinventados no cotidiano do trabalho e das relações.

A relevância dessa pesquisa para o campo da Teologia é tríplice. Em primeiro lugar, ela se insere no esforço de deslocar o lócus de produção teológica, valorizando o saber construído na prática por mulheres leigas que estão na linha de frente da crise socioambiental. Ao tomar a experiência da Cooperativa de trabalho Mundo Mais Limpo como fonte teológica, a dissertação contribui para um diálogo fecundo entre a teoria acadêmica e os saberes populares, onde a fé se articula com a luta concreta por dignidade e cuidado da “casa comum”. Em segundo lugar, o estudo responde a um chamado urgente das teologias contextuais, em especial da teologia ecofeminista, por uma reflexão encarnada nos corpos-territórios violentados pelo sistema patriarcal e capitalista. A análise demonstra como a opressão das mulheres e a exploração da natureza são questões teologicamente relevantes, demandando uma releitura das tradições religiosas à luz da busca por justiça socioambiental. Por fim, a pesquisa

oferece uma contribuição metodológica ao demonstrar a potência da pesquisa-ação e da perspectiva ecofeminista para a práxis teológica. Ela aponta para uma teologia que não se contenta em interpretar o mundo, mas que se assume como ferramenta de transformação, engajada nos processos de libertação integral das mulheres e da Terra, reafirmando, assim, o compromisso do discurso teológico com a defesa intransigente da Vida.

Do ponto de vista metodológico, optou-se pela pesquisa-ação, uma escolha coerente com o referencial ecofeminista adotado, que valoriza o conhecimento situado e o compromisso com a transformação. A pesquisa desenvolveu-se em estreita relação com as cooperadas, utilizando-se de rodas de conversa, observação participante e registros em caderno de campo, garantindo o anonimato das participantes através do uso de pseudônimos florais. O processo investigativo foi norteado por princípios éticos, tendo sido aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa e amparado pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A estrutura da dissertação está dividida em cinco capítulos. Após esta introdução, o capítulo 2 constrói a fundamentação teórica, percorrendo a trajetória do feminismo e da teologia feminista, a crítica ecológica e teológica ao paradigma antropocêntrico, a síntese ecofeminista e, por fim, a justificativa da opção metodológica pela pesquisa ação. O capítulo 3 adentra o universo da Cooperativa de Trabalho Mundo Mais Limpo, apresentando sua história, seus princípios de cooperativismo e economia solidária, e analisando os diálogos e vivências que revelam as marcas do patriarcado e as sementes de resistência ecofeminista. O capítulo 4 dedica-se a proposta formativa, detalhando o percurso de interação, a atividade *Ecofeminismo com os pés no chão* que foi realizada e a proposta mais ampla *Sementes ecofeministas* desenhada para um futuro desdobramento. Por fim, o capítulo 5 apresenta as considerações finais, sintetizando os achados da pesquisa, respondendo ao problema de investigação e apontando limitações e possibilidades para estudos futuros.

Ao reconhecer na Mundo Mais Limpo um espaço onde se planta a vida com os pés no Terra e o coração aberto, esta pesquisa espera contribuir para a construção de teologias e práticas mais encarnadas, justas e cuidadoras, onde o bem viver não seja um privilégio, mas um direito de todas as formas de vida.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo constitui a espinha dorsal teórica da pesquisa, dedicando-se à construção do arcabouço conceitual que orientará a análise da práxis da Cooperativa de Trabalho Mundo Mais Limpo. Se o problema de pesquisa investiga como o trabalho cooperativo pode configurar um ambiente de transformação ecofeminista, torna-se imperioso definir com precisão os contornos destes conceitos-chave. Longe de serem noções autoevidentes, “ecofeminismo”, “gênero” e “cuidado” são campos semânticos densos, fruto de trajetórias históricas e embates teóricos específicos. Para tanto, o capítulo está organizado em quatro eixos interligados, que progridem do geral para o particular, da crítica à proposta.

Inicialmente, o tópico 2.1 desvela as estruturas patriarcais que subordinam as mulheres, tanto na sociedade quanto na esfera religiosa, estabelecendo as bases da crítica feminista que será fundamental para toda a argumentação subsequente. Em seguida, o tópico 2.2 amplia o foco na crítica, examinando o paradigma antropocêntrico de dominação da natureza e apresentado as contribuições de uma teologia que afirma o cuidado e a relacionalidade como valores centrais. A convergência entre essas duas frentes de análise se dará no tópico 2.3, onde se demonstra como a opressão das mulheres e a exploração da natureza são faces de uma mesma moeda, e se apresenta o ecofeminismo como proposta epistemológica e prática que articula a libertação integral. Por fim, o tópico 2.4 justifica a opção pela pesquisa-ação, argumentando sua coerência profunda com os princípios relacionais, dialógicos e transformadores do ecofeminismo, posicionando-a não como uma mera técnica, mas como o desdobramento metodológico natural do referencial adotado.

Ao final desse percurso, estará devidamente fundamentado o conjunto de lentes analíticas, feminista, ecológica, ecofeminista e participativa, que permitirão adentrar, no capítulo 3, no universo da Cooperativa, não como observadora externa, mas como parte implicada em um processo de conhecimento e transformação mútuos.

2.1 FEMINISMO E TEOLOGIA

A história das relações entre homens e mulheres é marcada por assimetrias de poder e pela perpetuação de narrativas que consolidam a supremacia masculina. Desde a antiguidade, passando pelas civilizações grega e romana, até os períodos medievais e modernos, observamos como o papel feminino foi relegado a funções naturais ou sociais que restringiam sua autonomia. Com o passar dos séculos, movimentos feministas emergiram para contestar essas estruturas, ampliando debates sobre direitos políticos, civis e culturais. O feminismo não apenas se opõe às desigualdades de gênero, mas também expõe como os sistemas de conhecimento, religião e poder foram moldados por uma visão masculina que exclui outras perspectivas. Essa exclusão reforça hierarquias e limita o reconhecimento do papel das mulheres na construção social e histórica. Neste ponto, buscamos explorar a trajetória das mulheres ao longo da história, destacando suas conquistas, lutas e os desafios que permanecem na busca por equidade e justiça social.

2.1.1 Histórico das opressões e do surgimento do feminismo

Ao longo da história, a desigualdade de gênero foi consolidada por diferentes sociedades. Na Grécia Antiga e em Roma¹, a educação e o poder eram privilégios masculinos, e as mulheres eram limitadas a funções domésticas e reprodutivas, com a legislação romana reforçando a soberania masculina.² Na Idade Média, antes da reintrodução do direito romano, as mulheres chegaram a exercer diversas profissões, possuir propriedades e atuar no comércio, impulsionadas pela ausência dos homens que eram recolhidos às guerras e aos monastérios.³ No entanto, essa autonomia gerou reações, culminando na caça às bruxas, que perseguiu e matou milhares de mulheres.⁴ Com o Renascimento, o trabalho feminino foi gradativamente desvalorizado, e as atividades produtivas passaram a ser consideradas exclusivas dos

¹ Para uma descrição do patriarcado como forma de organização social veja: RICHTER REIMER, Ivoni. Patriarcado e economia política. O jeito romano de organizar a casa. In: RICHTER REIMER, Ivoni. *Economia no mundo bíblico: Enfoques sociais, históricos e teológicos*. São Leopoldo: CEBI/Sinodal, 2006.

² ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é Feminismo*. 2. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1982. p. 11-14.

³ ALVES; PITANGUY, 1982, p. 16.

⁴ ALVES; PITANGUY, 1982, p. 20-21.

homens, reforçando a subordinação feminina e consolidando a exclusão da mulher de diversos espaços sociais e econômicos.⁵

No Ocidente temos como marco do nascimento do feminismo a data de 19 e 20 de julho de 1848, quando, em Nova Iorque, se realizou a 1ª Convenção para o Direito das Mulheres. Ainda que tal convenção tenha desencadeado um sentimento antifeminista, ele não pode ser caracterizado pela aprovação de resoluções radicais, podemos perceber seu caráter moderado quando observamos que o direito das mulheres ao voto assumiu caráter secundário e foi aprovado como uma diferença baixa de votos.⁶ Porém, não foi sem muita luta e determinação de mulheres que o sufrágio aconteceu, e mesmo que ele não se confunda com o feminismo ele é sim um movimento feminista visto que denuncia a exclusão feminina ao ato democrático de participar de decisões públicas.⁷

A instauração do nazismo e do fascismo no final do século XIX e adentrando o século XX abafa o movimento feminino de libertação e promove a ideia de que a presença ou ausência de úteros e ovários é o que melhor define o sexo da pessoa, tornando a função reprodutiva feminina como sendo a essência do ser mulher.⁸ Contudo, devido a instauração de guerras mundiais, novamente a mão de obra feminina se faz necessária, visto que, os homens são chamados a servir e o mundo do trabalho se encontra com um número baixo de trabalhadores. Da mesma forma como ocorreu em momentos de guerras anteriores, com o início delas, as mulheres passam a ter valor e, com o seu fim e o retorno dos homens às suas casas, a mulher deixa de ter valor para o mundo empregatício e rapidamente surgem propagandas e destaques que colocam a mulher como pertencente apenas ao âmbito doméstico.⁹

Simone de Beauvoir estuda a fundo o desenvolvimento psicológico da mulher e os condicionamentos que ela sofre durante o período de sua socialização, condicionamentos que, ao invés de integrá-la a seu sexo, tornam-na alienada, posto que é treinada para ser mero apêndice do homem. Para a autora, em nossa cultura é o homem que se afirma através de sua identificação com seu sexo, e esta autoafirmação, que o transforma em sujeito, é feita sobre a sua

⁵ ALVES; PITANGUY, 1982, p. 26.

⁶ GONÇALVES, Andréa Lisly. *História & gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 15-16.

⁷ ALVES; PITANGUY, 1982, p. 48.

⁸ LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. In.: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, p. 58-91, 2020. p. 69.

⁹ ALVES; PITANGUY, 1982, p. 49-50.

oposição com o sexo feminino, transformando em objeto, e visto através do sujeito.¹⁰

A partir do ano de 1960 o movimento feminista começa a incorporar mais frentes à sua luta. Além de lutar contra desigualdades no exercício de direitos, como políticos e civis, começa também a questionar as raízes dessas desigualdades que são culturais, visto que, o mundo como o temos, é uma construção social de uma cultura predominantemente masculina.¹¹ “O ‘masculino’ e o ‘feminino’ são criações culturais e, como tal, são comportamentos aprendidos através do processo de socialização que condiciona diferentemente os sexos para cumprirem funções sociais específicas e diversas.”¹² Por isso, se faz necessário o feminismo ser definido como “um movimento para acabar com a opressão sexista” pois, tal definição, “é crucial ao desenvolvimento da teoria porque constitui um ponto de partida para a investigação e análise.”¹³

Ao longo da história, aceitamos naturalmente relações de poder impostas às mulheres, pois aprendemos como é ser homem e mulher, bem como aprendemos a aceitar como naturais essas relações de poder.¹⁴ Da mesma forma, aceitamos a ideia de que é da natureza da mulher ser frágil e é da natureza do homem ser bruto e grosseiro, essa mesma naturalização com intenção de inferiorizar certo grupo de pessoas é utilizada para justificar teorias racistas, camuflando as origens da opressão sobre mulheres que, em verdade, ocorre devido a relações de poder baseadas em reducionismos biológicos.¹⁵ Vale lembrar, “[s]endo *História*, e não *natureza*, é passível de transformação.”¹⁶ A submissão feminina, imposta as mulheres desde o seu nascimento, ocasiona baixa autoestima, passividade, dependência, sentimento de não pertencimento de seu corpo a si mesma, inibição de desejos sexuais próprios, negação de si mesma e sexualidade apenas a serviço dos interesses masculinos.¹⁷

¹⁰ ALVES; PITANGUY, 1982, p. 52.

¹¹ ALVES; PITANGUY, 1982, p. 54-55.

¹² ALVES; PITANGUY, 1982, p. 55.

¹³ HOOKS, Bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. Trad. Reiner Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019. p. 59-60.

¹⁴ ALVES; PITANGUY, 1982, p. 55.

¹⁵ ALVES; PITANGUY, 1982, p. 56.

¹⁶ ALVES; PITANGUY, 1982, p. 56.

¹⁷ DEIFELT, Wanda. Teologia feminista: uma história construída em mutirão. In: MUSSKOPF, André S.; BLASI, Marcia (orgs.). *História, saúde e direitos: sabores e saberes do IV Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: CEBl, p. 17-26, 2016. p. 22.

Cada país é único, bem como cada época tem sua particularidade e em cada local ou data as reivindicações femininas mudam, porém essas reivindicações podem ser agrupadas em categorias que vão sempre permear as lutas das mulheres, são elas: sexualidade e violência (com base em dados biológicos interpretados ideologicamente suportam a ideia da essencialidade da tarefa reprodutiva para as mulheres, por isso, o movimento feminista busca, entre tantas outras coisas, denunciar as manipulações dos corpos femininos enquanto reivindica o direito à informação, contracepção); saúde (o movimento propõe um ‘re-conhecimento’ dos corpos das mulheres, visto que desconhecer seu próprio corpo causa alienação quanto a menstruação, reprodução e relações sexuais); ideologia (o movimento feminista busca dismantelar as ideias ideológicas de que o masculino é superior e o feminino é inferior, visto que essas ideias nada mais são do que ideologias e não reflexo de uma diferença biológica); formação profissional e mercado de trabalhos (o movimento feminista se coloca como defensor de funções e cargos iguais para homens e mulheres, salários e direitos iguais, oportunidades iguais para ambos os sexos no mercado de trabalho bem como na ascensão e aprimoramento profissional).¹⁸

2.1.2 Contribuições epistemológicas e teológicas do feminismo

O feminismo pode ser definido como “um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão.”¹⁹ Definido assim para acabar com a ideia de uma libertação simplista que vai desconsiderar raça e classe social como fatores que amplificam forma e intensidade de discriminação, opressão e exploração, sob a qual, cada indivíduo será submetido.²⁰

¹⁸ ALVES; PITANGUY, 1982, p. 59-65.

¹⁹ HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Trad. Ana Luiza Libâno. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018. p. 21.

Sexismo: “retaliação preconceito e/ou atitudes negativas dirigida às mulheres, tendo como justificativa esse fato, ou seja, seu sexo físico e seu gênero correspondente. [...] relação de supremacia dos homens em relação às mulheres, colocando-as em papel de submissão, inferiorizando o feminino em relação ao masculino. Uma ideia ou comportamento será considerado sexista no momento em que o gênero masculino estiver se sobrepondo ao feminino, construindo uma atmosfera de depreciação e estigmatização.” BOTTON, Andressa; STREY, Marlene Neves; ROMANI, Patrícia Fasolo; PALMA, Yáscara Arrial. *Sexo/Sexismo*. In.: COLLING, Ana Maria; TODESCHI, Losandro Antônio (org.). *Dicionário crítico de gênero*. 2 ed. Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, p. 666-669, 2019. p. 667.

²⁰ HOOKS, 2019, p. 44.

Desse modo

Com o desenvolvimento do feminismo percebemos que a tarefa de conhecer de maneira “científica” se desenvolveu mais através dos seres humanos masculinos que universalizaram o saber a partir de sua experiência de sabedoria e poder. Quando se falava em conhecimento científico, filosófico, teológico ou apenas conhecimento verdadeiro, a referência era o conhecimento realizado e divulgado pelos homens. Às mulheres e ao povo pobre restava o conhecimento empírico, baseado na experiência cotidiana e que não era reconhecido como verdadeiro.²¹

Percebemos que, apesar de o conhecimento não possuir um sexo e pertencer à humanidade, ele é construído com base na experiência de apenas uma parte da humanidade, os homens, e nos é apresentado como sendo universal. Essa situação reproduz a inferiorização do pensamento das mulheres e das pessoas pobres, que tinham suas visões associadas a baixos níveis de abstração, ciência e sabedoria. De igual forma, reforça a hierarquização social que exclui a maioria em favor da elite masculina.²²

Opondo-se a isso, epistemologias do ponto de vista feminista que

afirmam que os estudos que começam se perguntando sobre o mundo e as atividades das mulheres são mais adequados, porque nos permitem um olhar de baixo para cima e essa perspectiva nos permite ter um olhar mais amplo, completo e menos distorcido.²³

Justamente porque, diferentemente dos homens, que olham apenas para as suas próprias atividades e deixam de dar atenção ao âmbito do cuidado, as mulheres estão postas no lugar do cuidado e não olham apenas para essa perspectiva pois ocupam-se também em observar as atividades realizadas por homens.²⁴

Tem-se a consciência de que, sendo a erradicação do sexismo, a luta do feminismo, seu o trabalho precisa comprometer-se com a erradicação da ideologia de dominação presente em vários níveis da cultura ocidental, enquanto orchestra a reorganização da sociedade que permite a primazia do autodesenvolvimento pessoal

²¹ GEBARA, Ivone. *Teologia Ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião*. São Paulo: SP, 1997. p. 33.

²² GEBARA, 1997, p. 33.

²³ MIÑOSO, Yuderlys Espinosa. Fazendo uma genealogia da experiência: o método rumo a uma crítica da colonialidade da razão feminista a partir da experiência histórica na América Latina. In.: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, p. 109-134, 2020. p.121.

²⁴ MIÑOSO, 2020, p. 120-121.

sobre o imperialismo e desejos materiais. Perceber e ser capaz de analisar nossas trajetórias individuais é o começo da jornada de um longo processo de autodescoberta, visto que esse passo nos dá consciência crítica e política e nos motiva a perceber a realidade política que existe em ser mulher e que o sexismo remove.²⁵

Ao enxergar o feminismo como um compromisso político, estamos nos contrapondo ao feminismo enquanto mera identidade individual e estilo de vida (que não deve ser confundido com a necessidade real e legítima de unir teoria e prática). Trata-se de uma forma de resistência que nos engaja em uma práxis revolucionária.²⁶

Essa crítica se aprofunda ainda mais quando consideramos os aportes do feminismo negro, de cor e decolonial. Pois ampliam a denúncia feita pela epistemologia feminista clássica à ciência ocidental de que aquilo que é tido como universal não passa de um ponto de vista particular que se está historicamente situado, atravessado por raça, classe e privilégio. Essa perspectiva denuncia não só o androcentrismo²⁷ da produção científica, mas também o universalismo da categoria ‘mulher’, mostrando que, muitas vezes, o que se apresenta como teoria feminista é, na verdade, um ponto de vista das mulheres brancas universitárias, ancoradas em seus lugares de privilégio. Como contraponto, surge a proposta de construir uma teoria situada, com base na experiência das mulheres negras e racializadas, também na América Latina.²⁸

“A futura luta feminista precisa ser solidamente alicerçada no reconhecimento da necessidade de erradicar os fundamentos e as causas culturais do sexismo e de outras formas de opressão social.”²⁹ Por esse motivo, entender sobre violência e como ela se mostra ou não no nosso cotidiano se faz imprescindível. É necessário que

²⁵ HOOKS, 2019, p. 50-52.

²⁶ HOOKS, 2019, p. 56.

²⁷ **Androcentrismo:** O androcentrismo é uma construção ideológica que posiciona o homem como referência universal da experiência humana. Derivado de estruturas patriarcais, esse modelo compreende o masculino com centro do mundo, atribuindo-lhe autoridade para definir o que é justo, verdadeiro e normativo. Assim o que se apresenta como neutralidade ou universal é, na realidade, uma generalização da vivência masculina, naturalizada ao longo da história pelas instituições sociais e culturais. BONFIM, Cláudia Ramos de Souza; (et. al.). Androcentrismo e desigualdade da mulher na sociedade. In.: SILVA, Américo Junior Nunes da; SOUZA, Ivanete dos Santos de; LIRA, Ismael Santos (org). *Educação enquanto fenômeno social: perspectivas de evolução e tendências*. Ponta Grossa – PR: Atena, p. 72-85, 2022. p. 74-77.

²⁸ MIÑOSO, 2020, p. 119-120.

²⁹ HOOKS, 2019, p. 59.

saibamos perceber os braços da violência em todos os ambientes nos quais os encontramos para que consigamos superá-la.

2.1.3 Violências de gênero como expressão do patriarcado³⁰

Segundo Hanna Arendt violência pode ser definida como o ato de, indevidamente, usufruir de poder ou força para infringir em si próprio ou em outra pessoa algum dano físico, psicológico ou espiritual. Arendt vai definir a violência extrema como “Um contra Todos”³¹. Para ela, a violência tem caráter instrumental e é planejada e usada buscando a multiplicação, podendo, também, aparecer contra indivíduos contestadores como recurso último da manutenção de estruturas de poder.³²

Para Organização das Nações Unidas, a violência de gênero é definida como qualquer ato que resulte ou possa resultar em danos e/ou sofrimentos sexuais, físicos ou mentais para mulheres, ameaçar fazer tais atos, coagir, privar de liberdade publicamente ou de maneira privada, também são considerados atos de violência de gênero.³³ “A violência de gênero [...] não ocorre aleatoriamente, mas deriva de uma organização social de gênero, que privilegia o masculino.”³⁴ Como ato último dessa violência contra mulheres encontramos o feminicídio que é o assassinato de mulheres simplesmente por elas serem mulheres.³⁵

O feminicídio é a instância última de controle da mulher pelo homem: o controle da vida e da morte. Ele se expressa como afirmação irrestrita de posse, igualando a mulher a um objeto, quando cometido por parceiro ou ex-

³⁰ **Patriarcado:** “A palavra patriarcado se originada combinação das palavras gregas *pater* (pai) e *arkhe* (origem, comando). A expressão refere-se a uma forma de organização familiar e social em que um homem, o patriarca, submete [as outras pessoas membras] da família ao seu poder.” LIMA, Lana Lage da Gama; SOUZA, Suellen André de. Patriarcado. In.: COLLING, Ana Maria; TODESCHI, Losandro Antônio (org.). *Dicionário crítico de gênero*. 2 ed. Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, p. 578-582, 2019. p. 578.

³¹ ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*. Trad. André de Macedo Duarte. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011. p. 58.

³² ARENDT, 2011, p. 63-64.

³³ OPAS, Organização Pan-Americana da Saúde. *Violência contra as mulheres*. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women#:~:text=As%20Na%C3%A7%C3%B5es%20Unidas%20definem%20a,em%20vida%20p%C3%BAblica%20ou%20privada%22..> Acesso em: 11 mar. 2025.

³⁴ SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado, violência*. 2ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 85.

³⁵ SENADO Federal; SECRETARIA Geral da Mesa. *Comissão Parlamentar Mista de Inquérito da violência contra a mulher*: relatório final. Brasília, 2013. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/496481>. Acesso em: 11 mar. 2025. p. 1003.

parceiro; como subjugação da intimidade e da sexualidade da mulher, por meio da violência sexual associada ao assassinato; como destruição da identidade da mulher, pela mutilação ou desfiguração de seu corpo; como aviltamento da dignidade da mulher, submetendo-a a tortura ou a tratamento cruel ou degradante.³⁶

Para Saffioti, o feminicídio pode ser visto como um resquício de um patriarcado antigo, que já não mais existe ou que se encontra em processo de desaparecimento, em que o homem tinha total domínio sobre a vida e a morte de sua esposa, filhos e filhas. A não existência de uma lei que legitima a dominação masculina sobre a vida de sua família, contudo, não faz com que eles deixem de assassinar brutalmente suas parceiras e ex-parceiras. Os assassinos, quando sob julgamento, utilizam dos resquícios de um patriarcado antigo e do sexismo da sociedade, para saírem da cadeira de réus e passarem a ocupar a de vítima. Colocam-se como vítimas de uma mulher que os feriu a honra, fazendo com que essa mulher, a verdadeira vítima, ganhe a cadeira de réu ocasionando na absolvição masculina.³⁷ Sendo assim, temos como base de entendimento, para o termo violência, a ruptura de qualquer tipo de integridade da vítima indiferentemente se ela for de ordem psíquica, física sexual ou moral.

Se observarmos bem, a não ser que a pessoa violentada venha a adquirir uma doença mental grave as violências de ordem moral e psíquica não são palpáveis e passíveis de medição.³⁸ Por esse motivo, um conceito que muito nos ajuda a entender a respeito da violência de gênero é o da violência simbólica. A violência simbólica tem como sua maior aliada a adesão da violência por parte da pessoa dominada, que incorpora e naturaliza as agressões sofridas pelo ser dominante da relação. Pois essa violência possui, quase sempre, invisibilidade e uma faceta de doçura.³⁹

A violência simbólica tem como plano de fundo o poder simbólico. Esse é um “poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força”⁴⁰, é o poder modificado para uma faceta irreconhecível que atua na transubstanciação da violência exercida pelas relações de força, mas que produz efeitos reais sem a utilização de energia aparente. É o poder que mantém ou subverte

³⁶ SENADO, SECRETARIA, 2013, p. 1003.

³⁷ SAFFIOTI, 2015, p. 48.

³⁸ SAFFIOTI, 2015, p. 18.

³⁹ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 47.

⁴⁰ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 14.

a ordem a partir da crença depositada nas palavras e em quem as profere, sem que essa crença seja postulada a partir da competência das palavras.⁴¹

Ao tomar “simbólico” em um de seus sentidos mais correntes, supõe-se, por vezes, que enfatizar a violência simbólica é minimizar o papel da violência física e (fazer) esquecer que há mulheres espancadas, violentadas, exploradas, ou, o que é ainda pior, tentar desculpar os homens por essa forma de violência. O que não é, obviamente, o caso. Ao se entender “simbólico” como o oposto de real, de efetivo, a suposição é de que a violência simbólica seria uma violência meramente “espiritual” e, indiscutivelmente, sem efeitos reais.⁴²

Por esse motivo, a violência simbólica é, em partes, “executada” pelas próprias mulheres que a sofrem. Pois o produto da violência simbólica estrutural está incorporado nelas, fazendo com que seus pensamentos sejam o produto dessa internalização de relações de poder baseadas em oposições simbólicas fundantes.⁴³ A libertação, portanto, não pode decorrer de um mero esforço individual ou de uma súbita tomada de consciência. A violência, ao ser somatizada, transcende a esfera do social e se converte em uma lei interior e incorporada.⁴⁴ Apesar disso, não podemos considerar as mulheres como cúmplices dessa violência, pois se assim o fosse elas deteriam um poder similar ao masculino, o que não ocorre, o poder feminino é infinitamente menor que o masculino, desta maneira elas só podem ceder as agressões que sofrem ou consentir a elas.⁴⁵

Observa-se assim que, mesmo quando as pressões externas são abolidas e as liberdades formais — direito de voto, direito à educação, acesso a todas as profissões, inclusive políticas — são adquiridas, a auto-exclusão [...] vêm substituir a exclusão expressa: a rejeição aos lugares públicos, que, quando é explicitamente afirmada [...] condena as mulheres à discriminação de espaços e torna a aproximação de um espaço masculino, como o local de assembleias, uma prova terrível, pode também se dar em outros lugares, de maneira quase igualmente eficaz, por meio de uma espécie de **agorafobia socialmente imposta**, que pode subsistir por longo tempo depois de terem sido abolidas as proibições mais visíveis e que conduz as mulheres a se excluírem *motu próprio* da *agora*.⁴⁶ (grifo no original)

Contudo, ao contrário do que parece, as mulheres não gostam da dominação pela qual passam, antes a dominação e seus traços estão impressos nos corpos

⁴¹ BOURDIEU, 1989, p. 15.

⁴² BOURDIEU, 2012, p. 46.

⁴³ BOURDIEU, 2012, p. 45.

⁴⁴ BOURDIEU, 2012, p. 51.

⁴⁵ SAFFIOTI, 2015, p. 84.

⁴⁶ BOURDIEU, 2012, p. 51-52.

dominados. Essa impressão faz com que haja tendência a submissão e culpabilização da vítima. Ambos resultados de mecanismos que produzem e reproduzem estruturas objetivas e cognitivas que constroem o mundo no qual vivemos. Ou seja, longe de ser ato intelectual e consciente do sujeito, é sim, ato inscrito de maneira duradoura em esquemas de percepções no corpo dominado tornando-o sensível a manifestações simbólicas de poder.⁴⁷

Pelo fato de o fundamento da violência simbólica residir não nas consciências mistificadas que bastaria esclarecer, e sim nas disposições modeladas pelas estruturas de dominação que as produzem, só se pode chegar a uma ruptura da relação de cumplicidade que as vítimas da dominação simbólica têm com os dominantes com uma transformação radical das condições sociais de produção das tendências que levam os dominados a adotar, sobre os dominantes e sobre si mesmos, o próprio ponto de vista dos dominantes. A violência simbólica não se processa senão através de um ato de conhecimento e de desconhecimento prático, ato este que se efetiva aquém da consciência e da vontade e que confere seu "poder hipnótico" a todas as suas manifestações, injunções, sugestões, seduções, ameaças, censuras, ordens ou chamadas à ordem.⁴⁸

Vale lembrar que, frente a injustiças ou insatisfações de homens para homens, o machismo também surge ocasionando no direcionamento da violência simbólica a uma mulher que esteja ligada a ele.⁴⁹ Um bom exemplo é o que ocorreu no ano de 2019, quando, contrariado pelo presidente da França da época, Macron, o presidente do Brasil na época, Bolsonaro, em um post no Facebook, concorda com acusações de que Macron na verdade o estaria perseguindo por Bolsonaro ter uma esposa mais atraente.⁵⁰

As mulheres estão tão profundamente submersas em violências simbólicas que muitas vezes não são capazes de perceber onde estão para conseguirem se livrar dessas amarras. O machismo que legitima e ajuda na manutenção dessa violência dita que mulheres precisam estar submetidas a homens que as dominem não importando como.⁵¹

⁴⁷ BOURDIEU, 2012, p. 52-53.

⁴⁸ BOURDIEU, 2012, p. 54-55.

⁴⁹ KROB, Daniéli Busanello. *O gigante acordou... Só agora? Discursos sexistas no Movimento Popular de 2013 no Brasil*. In: MUSSKOPF, André S.; BLASI, Marcia. (org) *Ainda Feminismo e Gênero: histórias, gênero e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia*. São Leopoldo: CEBl, p. 145-154, 2014. p. 147.

⁵⁰ BBC News. *De Amazônia a ofensa a esposa, as frases da escalada de tensão entre Bolsonaro e Macron*. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49455361>. Acesso em: 20 mar. 2025.

⁵¹ KROB, 2014, p. 148.

No fundo, os homens sabem que o organismo feminino é mais diferenciado que o masculino, mais forte, embora tendo menor força física, capaz de suportar até mesmo as violências por eles perpetradas. Não ignoram a capacidade das mulheres de suportar sofrimentos de ordem psicológica, de modo invejável. Talvez por estas razões tenham necessidade de mostrar sua “superioridade”, denotando, assim, sua inferioridade.⁵²

A análise de Saffioti revela a persistência de uma lógica patriarcal que, mesmo sem amparo formal, continua a operar no imaginário social e no sistema judiciário. A inversão perversa de papéis, onde o agressor se apresenta como vítima de uma “honra manchada”, demonstra como a violência de gênero é perpetuada não apenas por atos brutais, mas também por estruturas simbólicas que naturalizam o domínio masculino e culpabilizam a mulher. Dessa forma, o feminicídio se consolida não como um ato isolado de loucura ou paixão, mas como a expressão última de um continuum de violências, que vai desde a violência simbólica e psicológica até a física, todas sustentadas por um sistema que tolera e, em última instância autoriza o controle e a posse sobre a vida das mulheres. Portanto, compreender a violência de gênero em sua dimensão estrutural e simbólica é condição fundamental para desnaturalizar essas práticas e enfrentar o patriarcado que as alimenta.

2.1.4 Teologia feminista: crítica ao patriarcado e propostas transformadoras

A crítica feminista, ao identificar as raízes patriarcais da violência de gênero, avança necessariamente para o questionamento das estruturas simbólicas que a legitimam, incluindo as religiosas. A teologia Feminista surge, assim, como um empreendimento epistemológico que interroga os fundamentos da teologia tradicional. Se, como visto, o patriarcado se sustenta por uma ordem simbólica que sacraliza a dominação masculina, a teologia feminista constitui-se como um projeto de desmantelamento dessa mesma ordem. Ela questiona as bases do conhecimento teológico, revelando que, o que foi apresentado como universal e atemporal é, na verdade, uma construção humana, historicamente situada e profundamente marcada pelo gênero.

A teologia feminista constitui-se não como um apêndice à teologia tradicional, mas como uma ruptura epistemológica que questiona seus fundamentos. Sua tarefa primordial é desvelar o androcentrismo que estruturou a compreensão do divino, da

⁵² SAFFIOTI, 2015, p. 35.

revelação e da autoridade religiosa. Nesse sentido, ela opera um duplo movimento, tal como formulado por Gebara “trata-se de fazer aparecer o quanto o discurso sobre Deus da teologia tradicional revela mais as ações masculinas como expressões do divino e obscurece o que está fora dos cânones patriarcais.”⁵³ Essa desconstrução é, portanto, uma questão de justiça cognitiva, que revela como o gênero masculino se tornou o critério não declarado de veracidade teológica.

Esse processo de ocultamento tem um impacto direto na autoimagem e no lugar social das mulheres. A teologia Feminista assume um compromisso político ao demonstrar que, se a visão de Deus é moldada pelos seres humanos dentro de uma sociedade patriarcal, a imagem divina que resulta deste processo reflete necessariamente sonhos, valores e paixões masculinos, tornando-se um instrumento de legitimação do poder patriarcal.⁵⁴ Esse compromisso alinha-se à perspectiva de hooks, para quem a erradicação do sexismo exige “erradicar os fundamentos e as causas culturais do sexismo e de outras formas de opressão social.”⁵⁵

A consequência dessa construção androcêntrica do sagrado é uma leitura seletiva das narrativas bíblicas, que silencia protagonismos femininos e naturaliza hierarquias. Gebara ilustra isso como o êxodo do Egito, observando que, embora estudos recentes destaquem a ação decisiva das mulheres, “nosso olhar continua limitado e condicionado a apreciar as ações masculinas e a perceber todas as ações como masculinas independente de quem as tenha realizado.”⁵⁶ Dessa forma, a teologia feminista, ao resgatar essas vozes silenciadas não apenas corrige uma injustiça histórica, mas amplia e enriquece radicalmente a própria compreensão da tradição e da ação divina na história.

A centralidade divina, portanto, revela-se como uma imagem criada por seres humanos. Essa estrutura embasa o ser humano como centro de tudo, havendo uma confusão entre antropocentrismo⁵⁷ e o monoteocentrismo. Essa fusão permitiu que o

⁵³ GEBARA, 1997, p. 43.

⁵⁴ GEBARA, 1997, p. 42-43.

⁵⁵ HOOKS, 2019, p. 59.

⁵⁶ GEBARA, 1997, p. 44-45.

⁵⁷ **Antropocentrismo:** “No antropocentrismo os seres humanos se veem como superiores a todos os demais seres e elementos que compõe a Terra, como os únicos que possuem consciência, valores e moral. A humanidade e a natureza são categorias separadas, e a segunda existe em função da sobrevivência e progresso da primeira.” SOLÓN, Pablo. Direitos da mãe terra. In.: SOLÓN, Pablo (org.). *Alternativas sistêmicas: Bem viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização*. Trad. João Peres. São Paulo, SP: Elefante, p. 145-173, 2020. p. 145.

monoteísmo ocidental e masculino adotasse uma postura imperialista para dominar e destruir outras expressões do sagrado, tidas como inferiores, bem como para diminuir e retirar das mulheres o poder sagrado.⁵⁸

“Nosso conhecimento é condicionado por aqueles que dão as ‘cartas do jogo’ e detêm o poder do conhecimento e de decisão na vida social.”⁵⁹ Por isso, em relatos bíblicos, como na fuga do Egito, a ação decisória de Deus, que ordena a libertação, corresponde a um histórico masculino de comando, justificando estruturas hierárquicas. Apesar de estudos recentes evidenciarem o papel indispensável das mulheres nesse evento fundante, nossa percepção permanece condicionada a valorizar ações masculinas.⁶⁰ Por esse motivo,

Assim como a criação física (luz, água, verde) parece obra de uma voz masculina, também o processo libertador, explicitado como busca de justiça social parece reduzido a uma iniciativa masculina. Ler a História sem perceber essas reduções foi próprio do ensinamento patriarcal. Tal leitura influencia nosso conhecimento, nosso agir e nossa identidade religiosa, cultural, social e pessoal. A história é compreendida como absolutamente dependente da vontade do Ser Supremo com imagem masculina. Este parece tomar partido e embora nem sempre se identifique de que lado está, o mundo bíblico situa-o freqüentemente [sic.] junto dos amantes da justiça e da misericórdia (de gênero mais masculino que feminino). Assim, as grandes decisões sociais e políticas e as obras de justiça e misericórdia proviriam do sexo masculino. O mundo doméstico, território das mulheres, não estaria na grande aventura de fazer acontecer a justiça, a solidariedade e a paz. Ao contrário, é o lugar de violentos castigos de Deus. Exemplos típicos são a história de Eva e de Miriam, irmã de Moisés e Aarão.⁶¹

Na sociedade patriarcal contemporânea, essa lógica persiste, as mulheres são responsabilizadas e culpabilizadas por tudo que possui relação com o lar e que não esteja fluindo bem, enquanto dos homens nada disto é cobrado. Mantém-se a história oficial como masculina, com compaixão para com as ações masculinas, porque os juízes são homens.⁶² Quando mulheres contestam essa verdade tida como absoluta e reivindicam direitos, por não serem vistas como parte da revelação de Deus, são tidas como heréticas.⁶³

O patriarcado possui uma visão linear não flexível de progresso, evocando o caminho da retidão e da moral onde o melhor se encontra sempre a nossa frente e

⁵⁸ GEBARA, 1997, p. 44.

⁵⁹ GEBARA, 1997, p. 45.

⁶⁰ GEBARA, 1997, p. 44-45.

⁶¹ GEBARA, 1997, p. 46.

⁶² GEBARA, 1997, p. 47.

⁶³ GEBARA, 1997, p. 52.

além de nós. Nessa linearidade, busca-se segurança e a clareza frente as diversidades sem nomes, acreditando-se encontrar nela a verdade sobre Deus. Embora possua seu valor na busca por alternativas, é preciso superá-la para acolher a complexidade da realidade. Tal linearidade leva a uma única interpretação cosmológica, antropológica e epistemológica com a consequência de privilegiar uma pequena parte em detrimento do todo, um sexo em relação ao outro, o desejo do Criador em relação ao da criatura, uma parte do corpo em relação a outra. Isso implica não só em ações, pensamentos e trabalhos tendo esse dualismo como ponto de partida, mas também na certeza de que foi Deus quem ordenou que assim fossem as coisas.⁶⁴

Apesar de observarmos a maneira como as mulheres vem sendo oprimidas ao longo de toda a história por um rosto comum, o do homem, a ideia de que exista um patriarcado mundial vem sendo fortemente criticada. Essa crítica sustenta que a concepção de um patriarcado universal resulta de uma construção discursiva empreendida pelo feminismo, a qual, embora estrategicamente eficaz para conferir solidez política às suas reivindicações, incorreria em generalizações que negligenciam a interseccionalidade das opressões. Por isso, se toma o atalho da universalidade da estrutura de dominação observada como sendo a responsável da experiência feminina comum de subjugação.⁶⁵ Ao contrário do que muitas vezes é posto, o feminismo não quer um mundo só de mulheres e de mulheres brancas. É multicultural, multiétnico, e para além dos gêneros pré-estabelecidos e de suas funções e capaz de reconhecer seus limites.⁶⁶

De acordo com a historiadora Joan Scott, gênero pode ser definido como “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos” e, de forma crucial, como “um primeiro modo de dar significado às relações de poder.”⁶⁷ Esta categoria analítica, portanto, desloca o foco da diferença biológica para a compreensão daquilo que é uma “criação inteiramente social de idéias [sic] sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres.”⁶⁸ O gênero, nessa

⁶⁴ GEBARA, 1997, p. 63-66.

⁶⁵ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 21.

⁶⁶ MIÑOSO, 2020, p. 119.

⁶⁷ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; LOURO, Guacira Lopes (org.). *Educação e realidade: mulher e educação*. Porto Alegre/RS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 16, n. 2, jul/dez, p. 5-22, 1990. p. 14.

⁶⁸ SCOTT, 1990, p. 7.

perspectiva, não é um dado natural, mas uma forma de organização social que produz e legitima hierarquias. Na teologia feminista, essa categoria é apropriada criticamente como uma ferramenta hermenêutica para desvelar e questionar as estruturas patriarcais inscritas nas tradições religiosas. Ela permite analisar como as representações do divino, as normas morais, os papéis dentro das comunidades de fé e a própria autoridade teológica são construídos a partir de uma lógica de gênero que, frequentemente, naturaliza a subordinação das mulheres. Dessa forma, o conceito de gênero, tal como formulado por Scott, torna-se fundamental para uma reflexão teológica que busca decodificar os sentidos e os mecanismos de poder que operam na religião, articulando “a organização e a percepção do conhecimento histórico”⁶⁹ e, podemos acrescentar teológico, por meio de uma lente analítica.

A teologia feminista que “afirma que a dimensão de gênero não só tem algo a acrescentar ao conhecimento, mas modifica seus princípios, seu fundamento e expressão histórica.”⁷⁰ Contudo, gênero nem sempre é constituído de forma linear e coerente nos diferentes momentos históricos. Isso se deve ao fato de que, ligada a ideia de gênero, estão questões étnicas, sexuais, regionais, raciais, de classe e de identidades construídas a partir de diferentes discursos. Ou seja, tornou-se impossível a separação da noção de gênero do contexto político e cultural no qual ela foi produzida e mantida.⁷¹

As questões de gênero que são levantadas pelo feminismo nos ajudam a quebrar a falsa ideia do universalismo masculino nos mais diferentes campos do saber. Elas querem quebrar as barreiras que tornam o conhecimento uma experiência masculina e buscam mostrar o quanto se esconde da história as vidas e as lutas de mulheres e de povos oprimidos.⁷² “A crítica feminista também deve compreender como a categoria das ‘mulheres’, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se a emancipação.”⁷³

⁶⁹ SCOTT, 1990, p. 7.

⁷⁰ GEBARA, 1997, p. 67.

⁷¹ BUTLER, 2003, p. 20.

⁷² GEBARA, 1997, p. 68.

⁷³ BUTLER, 2003, p. 19.

2.1.5 Conclusão parcial

A análise histórica e teórica empreendida neste tópico revela que a exclusão feminina e a naturalização das assimetrias de gênero foram metodicamente institucionalizadas em diferentes épocas e contextos. Consolidando um padrão de subjugação fundamentado em narrativas de poder. Seja na esfera da política, do direito, da economia ou da religião, percebe-se uma contínua construção social que reservou às mulheres um lugar de subalternidade. A teologia feminista, ao realizar uma crítica epistemológica radical, desvela como essa lógica patriarcal não apenas organizou as relações sociais, mas também moldou a imagem do divino, tornando-se um potente instrumento de legitimação simbólica da dominação.

Os movimentos feministas, em sua diversidade, emergiram como força contestatória essencial desafiando essas estruturas ao reivindicar direitos políticos, sociais, culturais e religiosos. A luta transcende a busca por direitos iguais em um sistema pré-estabelecido, questionando os próprios alicerces desse sistema. Conceitos como a violência simbólica de Bourdieu e a categoria analítica de gênero, tal como formulada por Joan Scott, tornam-se ferramentas cruciais para desnaturalizar hierarquias e compreender que a identidade feminina e masculina são, em grande medida, construções culturais e não essências biológicas.

Portanto, a contribuição do feminismo e da teologia feminista não se esgota na denúncia. Ela aponta para a necessidade de uma transformação profunda da base cultural que sustenta as desigualdades, propondo a inclusão de vozes, corpos e experiências feministas nos espaços de poder, de saber e de reinterpretação do sagrado. Esta desconstrução e reconstrução são fundamentais para a emancipação integral, permitindo a construção de uma sociedade e de uma espiritualidade onde todas as vozes sejam ouvidas, respeitadas e valorizadas. A história das mulheres, embora marcada por opressões é, também uma narrativa de resistência e resiliência que fundamenta e inspira a continuidade dessa luta por um mundo mais justo e equitativo.

2.2 ECOLOGIA E TEOLOGIA ECOLÓGICA

A ecologia aparece como o corpo dado a uma preocupação ética que cobra todas as instituições, saberes e poderes que começa sua atuação como o movimento

de preservação e conservação do planeta e de espécies em extinção. Ela se desenvolve para uma crítica radical ao que o ser humano se tornou e como construiu e desenvolveu a sua civilização. Muito além de ser apenas uma técnica para ajudar na administração dos bens naturais escassos, ela é uma nova ideia de como se relacionar com a natureza e com a vida como um todo e com o nosso futuro. Ou seja, desde a primeira formulação a respeito do que é a ecologia se tem a ideia fundamentada de que ela é o estudo que engloba todos os sistemas vivos e não vivos, ela busca entender as relações existentes entre todas as coisas, entre o meio ambiente e os seres vivos e não vivos.

2.2.1 A crise ecológica como crise ética e espiritual

O problema ecológico fundamental se encontra no modo com o qual a humanidade compreendeu e escolheu viver sua relação com a criação de Deus, com as outras pessoas e com o próprio Deus.⁷⁴ Quando pensamos no mundo como ele é hoje o que podemos perceber é que, havendo conflitos de interesses, o peso maior sempre é posto no desenvolvimento e no crescimento da civilização, mesmo que do outro lado esteja em risco toda a sustentabilidade de um ecossistema único e que sofrerá com um grande desequilíbrio ecológico.⁷⁵

A violência da estrutura patriarcal violenta também a relação com a natureza, transformando ermos e campos, beiras de rio e matagais em lugar de morte e sofrimento. A promessa desses fragmentos está na possibilidade de reencantar os relacionamentos humanos e os relacionamentos com a terra e seus seres, as águas e seus tamanhos.⁷⁶

Por esse motivo, não podemos colocar a ecologia em uma única área do conhecimento, ela faz parte do todo das nossas vidas e, conseqüentemente, do todo dos campos de estudo.

⁷⁴ FRANCISCO. *Laudato si'*: sobre o cuidado da casa comum. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf. Acesso em: 24 jul. 2025. p. 52.

⁷⁵ BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da Mãe Terra, grito dos pobres: dignidade e direitos da Mãe Terra*. Ed. rev. e ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 138.

⁷⁶ PEREIRA, Nancy Cardoso. *Remover pedras, plantas roseiras, fazer doces: por um ecossocialismo feminista*. São Leopoldo: CEBI, 2009. p. 34-35.

[...] a ecologia é um saber das relações, interconexões, interdependências e intercâmbios de tudo com tudo em todos os pontos e em todos os momentos. Nessa perspectiva, a ecologia não pode ser definida em si mesma, fora de suas implicações com outros saberes. Ela não é um saber de objetos de conhecimento, mas de relações entre os objetos de conhecimento. Ela é um saber de saberes entre si relacionados.⁷⁷

Se olharmos atentamente, veremos que a realidade relacional do nosso planeta é de longa data e de uma história de bilhões de anos em que animais e plantas existiram e se relacionaram sempre em equilíbrio, mas sem seres humanos. Este é um motivo que deveria levar a repensar o nosso papel no mundo, pois, a nossa existência é condicionada a existência do todo natural como o conhecemos hoje, contudo, a natureza, antes de nós, já existia.⁷⁸ “O conceito dos humanos como seres situados fora da natureza é uma inversão cultural da realidade natural.”⁷⁹

Para que tenhamos uma ideia do quão urgente se torna o estudo da ecologia e a preservação do meio ambiente, vamos ressaltar alguns números que chamam a atenção. Primeiramente, com relação a extinções de espécies:

Estimativas dizem: entre 1500-1850 foi presumivelmente eliminada uma espécie a cada 10 anos. Entre 1850-1950, um espécie [sic] por ano. A partir de 1990, uma espécie estava desaparecendo por dia. Atualmente, desaparece uma espécie por hora.⁸⁰

Em segundo lugar, temos números acerca da terra:

desertificação (a cada ano terras férteis equivalentes à superfície do Estado do Rio de Janeiro, ficam desérticas); desflorestamento: 42% das florestas tropicais já foram abatidas, o aquecimento da Terra não para de crescer e as chuvas ácidas podem dizimar a floresta mais importante para o Sistema Terra: a floresta boreal (6 bilhões de ha); superpopulação: em 2014 somávamos 7 bilhões de pessoas com um crescimento de 3-4% ao ano, enquanto que a produção dos alimentos aumentava somente 1,3%.⁸¹

Temos ainda alguns números que fazem menção apenas ao nível de seres humanos:

⁷⁷ BOFF, 2015, p. 19.

⁷⁸ RUETHER, Rosemary R. Ecofeminismo: conexões simbólicas e sociais entre a opressão das mulheres e a dominação da natureza. *Revista Estudos teológicos*, São Leopoldo – RS, v. 32, n. 3, p. 240-252, 1992. p. 241.

⁷⁹ RUETHER, 1992, p. 241.

⁸⁰ BOFF, 2015, p. 15.

⁸¹ BOFF, 2015, p. 17.

o ser mais ameaçado hoje é pobre. 79% da humanidade vive no Grande Sul pobre; 1 bilhão de pessoas vive em estado de pobreza; 3 (sobre 5,3) bilhões têm alimentação insuficiente; 60 milhões morrem anualmente de fome e 14 milhões de jovens abaixo de 15 anos morrem anualmente em consequência das doenças da fome.⁸²

As ciências da terra oferecem diagnósticos e análises que se mostram fundamentais diante da necessidade urgente de repensar nossa maneira de habitar o planeta. Elas contribuem para restaurar os ciclos da natureza e fortalecer a comunidade com vida.⁸³ Com isso, torna-se possível superar a lógica moderna de decifrar e dominar o mundo e adotar uma nova perspectiva baseada na complementariedade. Reconhece-se assim, que tudo está em constante interação com o universo. Produzimos e recebemos informações num ciclo contínuo de aprendizado, tal como faz a própria natureza ao se ajustar às mudanças que desafiam sua estabilidade.⁸⁴

Assim sendo, a lei do inter-retro-relacionamento torna-se a lei universal. Permitindo-nos entender sobre a sobrevivência e a multiplicação das espécies, pois tem sua base na ideia da comunhão e da sororidade universal que permitem a sobrevivência de indivíduos a partir das teias de relações que possui e que garantem a sustentabilidade de tudo e de todos os seres.⁸⁵ Partindo desse pressuposto, viver em comunidade exige reconhecer o valor e o direito à existência de todas as formas de vida e tratá-las de maneira equitativa e digna, desde animais e plantas até ventos, águas, bosques, geleiras.⁸⁶

Por isso, devemos dizer numa perfeita circularidade: o universo é direcionado para o ser humano como o ser humano é direcionado para o universo de onde proveio. Pertencemo-nos mutuamente: os elementos primordiais do universo, as energias que estão ativas desde o processo inflamatório do *big-bang*, o código de informações acumulado pelas interações de todos com todos, os demais fatores constituintes do cosmos e nós mesmos como espécie que irrompeu tardiamente na evolução.⁸⁷

Partindo dessa percepção, podemos dizer que, em consonância com a teologia feminista, a ecologia também precisa de um novo tipo de racionalidade que

⁸² BOFF, 2015, p. 14.

⁸³ SOLÓN, 2020, p. 150.

⁸⁴ BOFF, 2015, p. 33.

⁸⁵ BOFF, 2015, p. 52.

⁸⁶ SOLÓN, 2020, p. 147.

⁸⁷ BOFF, 2015, p. 55.

não seja o clássico. Na forma clássica de se estudar os seres vivos, escolhia-se um espécime da espécie, tirava-se do seu habitat, de suas relações, bem como era necessário tirar-lhe a vida e só então era estudado na sua singularidade, sem se levar em conta nada além de sua mera singularidade inanimada. Ou seja, na pesquisa clássica, o complexo é reduzido ao simples e se desconsidera todo o equilíbrio dinâmico por trás da vida. Acontece que, nos estudos ecológicos, não há recusa aos avanços e aos estudos reducionistas-simplificadores, mas há sim o reconhecimento de seus limites, visto que não podemos separar o objeto de pesquisa do seu meio, do ecossistema existente ao seu redor. O que importa é entender a parte que completa o todo e o todo que está presente nesta parte. Não queremos enrijecer o conhecimento e como ele nos é apresentado, queremos sim entender como o todo multiforme funciona.⁸⁸

A ecologia, em nível de paradigma, implica uma atitude básica: pensar sempre holisticamente, quer dizer, ver continuamente a totalidade que não resulta da soma das partes, mas da interdependência orgânica de todos os elementos; com isso se ultrapassa o pensamento meramente analítico, atomizado e desre-ligado da Modernidade.⁸⁹

Diante do cenário de degradação ambiental e do esgotamento dos vínculos entre humanidade e natureza, torna-se urgente reconhecer que a crise ecológica é também uma crise espiritual e ética. Trata-se de um momento decisivo, no qual a forma como escolhemos nos relacionar com a terra e com todas as formas de vida revelam não apenas uma dimensão política, mas sobretudo um chamado à responsabilidade e a beleza do mundo.⁹⁰

2.2.2 Crítica à teologia tradicional e ao paradigma antropocêntrico

A partir do mito da criação, há uma normatização e naturalização da inimizade humana para com a terra. A relação entre a mulher, a serpente e o homem exemplificam e emolduram o mito que a terra seria maldita porque a mulher é maldita. Estabelecendo, assim, o homem como o governante, apesar de também passar por

⁸⁸ BOFF, 2015, p. 61-64.

⁸⁹ BOFF, 2015, p. 90-91.

⁹⁰ CARTA DA TERRA INTERNACIONAL. *A Carta da Terra*: edição comemorativa Carta da Terra 20 anos. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/cnijma/EbookCartadaTerra2.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2025. p. 9.

sofrimentos, sempre senhor e controlador da natureza. Maldita a mulher e a terra, bem como seus filhos e suas filhas.⁹¹ Interpretamos erroneamente o mandato de dominar sobre a terra dado por Deus ao nos presentear com a imensidão terrena. Contudo o caminho atual deve ser o da rejeição da percepção de que o mandato de dominar a terra se refira ao domínio absoluto sobre outras criaturas e a natureza.⁹²

O antropocentrismo moderno desloca a razão técnica humana para um lugar de superioridade em relação à realidade, fazendo com que a natureza deixe de ser uma aliada da humanidade e passe a ser um mero objeto com o qual não importa o que se acometa.⁹³ O ser humano andropocentrado e predador é o responsável pelo problema ecológico em que vivemos. Nos tornamos uma civilização tecnológica que busca o poder e a dominação. Ou seja, usamos de tudo o que está ao nosso redor, na natureza, para conquistar mais poder/dominação, fazendo com que o sentimento de ligação existente entre todas as coisas seja rompido trazendo à tona no humano o sentimento de soberania frente a todas as coisas.⁹⁴

Essa tecnologia pode ser entendida como o saber aplicado da ciência, que analisa, critica e sistematiza a realidade. A ciência moderna está orientada por interesses práticos, que identificam as estruturas da realidade para transformá-las em operações que promovam progresso, crescimento industrial ou lucro. Essa perspectiva faz da tecnologia uma ferramenta central para mudanças, muitas vezes guiadas por objetivos econômicos.⁹⁵

Ao mesmo tempo, a tecnologia revolucionou as relações ecológicas e trouxe inúmeras vantagens para a humanidade, como a criação de eletrodomésticos e a superação de limitações de espaço e tempo. No entanto, sua aplicação prática frequentemente desconsidera os impactos ambientais, priorizando benefícios imediatos em detrimento do equilíbrio ecológico.⁹⁶

Ambos [espaço e tempo] foram profundamente modificados: o espaço fantasticamente encurtado pelos meios de comunicação e de transporte e o tempo drasticamente reduzido até a simultaneidade temporal pelas relações on line e das redes sociais. Em vastas regiões do mundo há tecnologia de menos, necessária para melhorar a produção de alimentos, propiciar transportes mais dignos e eficazes. Em outros, poucos, há excesso de

⁹¹ PEREIRA, 2009, p. 21.

⁹² FRANCISCO, 2015, p. 53.

⁹³ FRANCISCO, 2015, p. 90.

⁹⁴ BOFF, 2015, p. 149.

⁹⁵ BOFF, 2015, p. 150.

⁹⁶ BOFF, 2015, p. 150.

tecnologias, sofisticando desnecessariamente as relações sociais, prejudicando a qualidade de vida, infestando a biosfera de poluentes e de ondas eletromagnéticas perturbadoras. A crise ecológica engloba essas duas rupturas, ou pelo excesso dos ricos ou pela carência dos pobres. Ela significa a crise global dos sistemas de vida, desde a destruição das florestas, a proliferação das neuroses urbanas, até o cinismo contemporâneo face ao drama de milhões de famintos [...] ⁹⁷

Sem perceber que tudo já é diferente, nossas religiões se mantêm repetindo o igual. Já não se sabe o que significa partilhar o pão. Muitas pessoas vivem sem pão enquanto outras não sabem o significado de partilhar. Antigos valores e símbolos religiosos perderam seu solo existencial, tornaram-se palavras vazias que nos lembram de situações que já não existem, mas que gostaríamos que fizessem parte do nosso cotidiano. Enfermos e desgastados estão os símbolos que nos ajudavam a expressar nossas esperanças, nosso amor e nossos sonhos e nos vemos obrigadas e obrigados a ecoar palavras de ordem que impõe o sistema estabelecido como nossa nova religião. ⁹⁸

O poder-dominação afastou a vida de seu papel central e a reduziu a uma função subordinada, desconsiderando suas necessidades de equilíbrio, cuidado e interação. Essa abordagem negligencia a vulnerabilidade inerente à vida e as condições necessárias para que ela se mantenha, cresça e se desenvolva de forma criativa. Essa lógica de domínio age como uma força contrária à preservação da vida, inviabilizando qualquer relação harmônica ou colaborativa. Operando como uma estrutura destrutiva, ela se opõe aos valores de cuidado e respeito, reforçando o conflito entre exploração e a manutenção das condições essenciais para a existência. ⁹⁹

Feminismo e ecologia perguntam às religiões o que estão fazendo das mulheres e o que estão fazendo do corpo da Terra. Perguntam às tradições cristãs de nosso meio sobre a marginalização de grupos sociais e particularmente das mulheres, sobre o poder no interior das instituições religiosas e na formulação de nossas crenças profundas. ¹⁰⁰

A crítica ao paradigma teológico tradicional, centrado em leituras patriarcais e androcêntricas da criação evidenciam como o pensamento religioso foi, historicamente, mobilizado para justificar a exploração da terra e a subordinação de

⁹⁷ BOFF, 2015, p. 150-151.

⁹⁸ GEBARA, 1997, p. 92-93.

⁹⁹ BOFF, 2015, p. 153.

¹⁰⁰ GEBARA, 1997, p. 81.

corpos considerados inferiores, especialmente o das mulheres. Tal teologia, ao naturalizar hierarquias e promover o distanciamento entre o humano e o restante da criação, revela-se corresponsável pela crise ecológica e ética em que vivemos. Diante disso, é necessário perguntar: que espiritualidade pode hoje sustentar um modo de viver que respeita a terra, corpos e a diversidade da vida? É nesse horizonte que surge a teologia ecológica, fazendo-se caminho alternativo de reconstrução simbólica e prática do sagrado.

2.2.3 Teologia ecológica: cuidado relacionalidade e espiritualidade da terra

A bíblia se preocupa em revelar o Deus da vida e em imprimir o respeito pela vida no povo de Deus. Viver fielmente os ensinamentos do Deus da vida e da bíblia implica em defender todas as vidas ameaçadas. A desintegração ecológica coloca vidas em perigos de muitas maneiras diferentes e os movimentos ecológicos buscam a preservação do equilíbrio natural para que vidas sejam preservadas. Por esse motivo, a leitura fiel da bíblia é ecológica e deveria nos motivar a engajarmo-nos em um compromisso sério em defesa da biodiversidade.¹⁰¹

A biodiversidade afirma o caráter processual, evolutivo do Cosmos, da Terra, de todos os seres e suas necessidades de organizar sua convivência também diversificada. [...] A biodiversidade na reflexão teológica nos abre para o pluralismo das expressões da experiência cristã e muda nosso conceito de "unidade". Não é perder nossa identidade, mas torná-la o mais possível verdadeira, mais próxima daquilo que vivemos, mais próxima das regiões onde se desenrola nossa experiência. Por isso a biodiversidade requer a formação de novas pequenas comunidades de fé, nas quais uma linguagem comum confira o respeito devido a cada grupo. O que nos une é o desejo de refazer nossas relações humanas, de desenvolver os valores da misericórdia, tão esquecidos pelo sistema vigente. Une-nos a necessidade de sentir de novo o calor dos corpos em torno de uma mesa comum, de ser pessoa e não apenas um número. O que nos une é o desejo de falar uma linguagem de comunidade, retomar símbolos que se ligam a nossa história e evocam coisas boas em nós. Liga-nos a esperança de nos aceitarmos em nossas diferenças sem termos de tremos de antemão, caso nos descubram diferentes.¹⁰²

É justamente neste horizonte de diversidade e busca por novas relações que a teologia feminista latino-americana soma suas forças, assumindo o desafio e a

¹⁰¹ MESTERS, Carlos. O que a bíblia tem a ver com a ecologia, e o que a ecologia tem a ver com a bíblia. In.: DIETRICH, Luiz J. (org.). *A Palavra na Vida: Ecologia: solidariedade com o cosmos*. São Leopoldo – RS: CEBI, n. 189, p. 28-32, 2003. p. 28.

¹⁰² GEBARA, 1997, p. 106-107.

oportunidade de, por meio de uma hermenêutica bíblica crítica, construir “espaços de crítica, superação e criação das representações do imaginário das e para as mulheres.”¹⁰³ Dessa forma, a teologia ecológica dialoga diretamente com as contribuições do Sul Global, enriquecendo-se com as perspectivas que articulam a libertação da Terra com a libertação dos corpos e das culturas oprimidas.

À vida terrena cabe o respeito e o cuidado para com a diversidade de seres e saberes indiferentemente de sua utilidade para os seres humanos.¹⁰⁴ Na terra “tudo está inter-relacionado e o cuidado autêntico da nossa própria vida e das nossas relações com a natureza é inseparável da fraternidade, da justiça e da fidelidade [às outras pessoas].”¹⁰⁵ Por esse motivo, torna-se imprescindível o cuidado compreensivo, compassivo e amoroso para com a integralidade da vida, a partir do aceitar a prevenção aos danos ao meio ambiente enquanto se protege o direito das pessoas aos bens comuns e à liberdade.¹⁰⁶ Liberdade essa que nos encaminha na busca por reformulações em nossas relações. “A busca por novas relações de gênero (classe + etnia) deve ser articulada com a militância e espiritualidade ecológica como condição para uma ação política e pastoral libertadoras.”¹⁰⁷

Ao encontro dessa ideia, Gebara afirma que “ecologia como apreensão da diversidade de nossa casa grande, de nosso planeta só vive e se mantém com e na diversidade.”¹⁰⁸ Por isso, é tão importante que haja o desenvolvimento de condições que favoreçam uma sociedade múltipla intercultural e, acima de tudo, de respeito mútuo onde o ambiente promova o florescimento do diferente.¹⁰⁹

2.2.4 Conclusão parcial: limites e abertura ao ecofeminismo

A reflexão sobre ecologia e teologia ecológica revela que a crise ambiental é, em sua essência, uma crise de paradigma. A visão antropocêntrica e instrumental da natureza, historicamente reforçada por interpretações teológicas que legitimaram a dominação mostrou-se insustentável. A teologia ecológica surge como resposta

¹⁰³ PEREIRA, 2009, p. 27.

¹⁰⁴ CARTA DA TERRA INTERNACIONAL, 2020, p. 14.

¹⁰⁵ FRANCISCO, 2015 p. 57.

¹⁰⁶ CARTA DA TERRA INTERNACIONAL, 2020, p. 14.

¹⁰⁷ PEREIRA, 2009, p. 35.

¹⁰⁸ GEBARA, 2018, p. 241.

¹⁰⁹ GEBARA, 2018, p. 241.

necessária, propondo uma espiritualidade encarnada que resgata o cuidado, a relacionalidade e o respeito pela biodiversidade como valores centrais para superar o que o Papa Francisco identifica como “cultura do descartê” que afeta tanto as pessoas e os seres excluídos quanto as coisas que rapidamente se tornam lixo.¹¹⁰

No entanto, embora a teologia ecológica proponha uma ruptura com o paradigma de dominação, ela ainda carece de uma crítica mais incisiva às estruturas de gênero que atravessam tanto o corpo quanto o território. Sua abordagem, muitas vezes, permanece excessivamente genérica, sem desvelar plenamente como as opressões de gênero, classe e raça se entrelaçam com a exploração ambiental. Essa lacuna teórica revela que a necessidade de uma parceria global é vital para sustentar a Terra e transformar nossas culturas e instituições com base em valores éticos universais¹¹¹ que seja, contudo, radicalmente interseccional.

Se a teologia ecológica denuncia a violência contra a Terra, e a teologia feminista denuncia a violência contra as mulheres, o ecofeminismo emerge como a proposta que articula essas as lutas de forma constitutiva. Portanto, o percurso traçado neste tópico não se encerra em si mesmo, mas aponta necessariamente para o horizonte ecofeminista, onde a defesa da vida se fará através do reconhecimento das conexões profundas entre a libertação das mulheres e a libertação da Terra.

2.3 ECOFEMINISMO E TEOLOGIA

O ecofeminismo surge como uma corrente de pensamento e ação que integra as questões de gênero e ecológicas, revelando conexões históricas e ideológicas entre a dominação das mulheres e da natureza. Por séculos, tanto as mulheres quanto os ecossistemas foram submetidos ao controle de estruturas patriarcais e capitalistas, que transformaram o feminino em força de reprodução e a natureza em objeto de exploração. Essa interseção propõe um novo olhar para as relações humanas e para a coexistência com o planeta, buscando a ecojustiça e a valorização de todas as formas de vida.

Diferente de abordagens essencialistas, o ecofeminismo defende uma epistemologia plural e contextual, capaz de reconhecer a diversidade de experiências

¹¹⁰ FRANCISCO, 2015 p. 20.

¹¹¹ CARTA DA TERRA INTERNACIONAL, 2020, p. 9.

e saberes humanos como elementos fundamentais para compreender a interdependência entre os seres vivos. Ele questiona a linearidade das ciências patriarcais e propõe uma visão processual do conhecimento, aberta a múltiplas formas de compreensão e articulação. Assim, a perspectiva ecofeminista não apenas denuncia injustiças, mas também aponta caminhos para uma convivência mais harmônica e equitativa entre seres humanos e o meio ambiente. Este texto explora bases teóricas e alguns desdobramentos práticos do ecofeminismo, destacando seu papel na construção de uma “casa comum” onde todos os seres possam coexistir em respeito e equilíbrio.

2.3.1 História e desenvolvimento

O ecofeminismo “trata-se de captar como ‘mulheres’ e ‘natureza’, palavras e realidades consideradas femininas estiveram por séculos sob o domínio do império masculino.”¹¹² O termo quer expressar a luta por mudança em relacionamentos entre homens e mulheres e a mudança do relacionamento existente entre seres humanos e o ecossistema.¹¹³ No ecofeminismo, encontramos a perspectiva de que tudo está integrado, eu sou o que está ao meu redor e o que está ao meu redor sou eu, a realidade e a circunstância nas quais sou e estou inserida me criam e são criadas por mim.¹¹⁴ O ecofeminismo é uma construção filosófica, teórica e prática que critica o androcentrismo da racionalidade masculina que cria e impõe realidade e relações interpessoais e sociais que partem de um ideal dualista.¹¹⁵

No ecofeminismo, temos a introdução das questões de gênero e das questões ecológicas para que sejam mediadoras de uma interpretação de mundo e de ser humano. Mediadores não como um instrumento a ser descartado após seu uso, mas sim como o meio, o início e o fim incluídos num processo cognitivo, visto que, tanto a dimensão feminina quanto a ecológica constituem a vida humana.¹¹⁶

¹¹² GEBARA, 1997, p. 9.

¹¹³ GEBARA, 1997, p. 9.

¹¹⁴ GEBARA, 2018, p. 241.

¹¹⁵ SCHNORRENBERGER, Neusa; ANGELIN, Rosângela. (Eco)feminismo camponês e os elementos inseridos em Mad Max: a estrada da fúria. In.: *Coisas do Gênero*. São Leopoldo, v. 6, n. 1, p. 124-139, jan.- jun. 2020. p. 130.

¹¹⁶ GEBARA, 1997, p. 67.

Por isso, a filosofia ecofeminista vai mostrar a partir da diversidade como a **desigualdade** é que nos caracteriza e marca. É ela que nos faz sair da ilusão dos conceitos e dos valores absolutos considerados válidos para todos. A crise ecológica mostra a crise dos conceitos idealistas universais e em consequência também a crise das religiões universalizantes. Revela o quanto para fazer pensar passar o universalismo do bem tivemos, muitas vezes, de agir de forma dogmática e totalitária e acentuar uma dualidade de comportamentos a partir dos quais um se torna o Bem e o outro o Mal.¹¹⁷ (Grifo no original)

Mulheres e a natureza, desde os tempos primitivos, estão vinculadas a sobrevivência humana. Visto que a “terra, como lugar do qual surge a vida vegetal e animal, é ligada com os corpos das mulheres dos quais surgem os bebês.”¹¹⁸ De forma que, de norte a sul do planeta, são as mulheres que estão se atendendo e se identificando com a urgência da vida terrena fazendo com que sejam elas quem buscam alternativas que solucionem a crise da sobrevivência no planeta Terra.¹¹⁹ “Mediante as diversas dificuldades que enfrentam, elas promovem práticas voltadas para a religação do fio tênue que as une a terra.”¹²⁰

Ao olharmos para a história podemos perceber que mulheres foram “relegadas pelo sistema patriarcal e particularmente pela modernidade a serem força de reprodução de mão de obra, ‘ventres benditos’, enquanto a natureza tornou-se objeto de dominação em vista do crescimento capital.”¹²¹ Com isso e, como toda a questão reprodutiva da humanidade passa muito pelos cuidados maternos começou-se a manter as mulheres em casa para que pudessem cuidar de suas crianças. Fato esse que, desencadeou em todas as atividades ligadas ao lar serem deixadas nas mãos das mulheres, sobrecarregando-as. E o desenvolvimento da agricultura não ajudou as mulheres e a natureza, pelo contrário, a partir dele “Ambas são vistas não como uma esfera da qual os homens dependem, mas que eles dominam e governam com poder coercivo.”¹²²

Por isso,

Não se trata de essencialismo biológico ou filosófico, mas de abrir a epistemologia para uma perspectiva plural que inclui aspectos comuns a

¹¹⁷ GEBARA, 2018, p. 240.

¹¹⁸ RUETHER, 1992, p. 242.

¹¹⁹ SCHNORRENBARGER, ANGELIN, 2020, p. 128.

¹²⁰ SCHNORRENBARGER, ANGELIN, 2020, p. 128-129.

¹²¹ GEBARA, 1997, p. 10.

¹²² RUETHER, 1992, p. 242.

homens e mulheres de uma dada cultura, mas inclui aspectos diferentes nascidos de experiências diversas.¹²³

Ecofeminismo, a junção entre ecologia e feminismo, procura mostrar como é a dominação das mulheres e da natureza. Destaca a conexão existente entre elas a partir de perspectivas ideológicas culturais e de estruturas sociais. Introduce novas maneiras de pensar o mundo e as relações buscando a ecojustiça que nos lembra que relações humanas justas implicam em relações justas com o ecossistema.¹²⁴ “Não haverá vida humana sem a vida do planeta com suas inúmeras expressões.”¹²⁵

Por essa razão, podemos afirmar que o ecofeminismo tem sua perspectiva voltada a uma linha de ação que, junto de outras, consegue abrir caminhos que ousam uma nova relação entre todos os seres vivos.¹²⁶ Por isso, entendemos como ponto central do ecofeminismo “a interdependência entre todos os elementos que tocam o mundo humano.”¹²⁷ Nos convidando, assim, a deixar a subjetividade fechada, e a deixar de considerar outros e outras como meros objetos submissos a vontades próprias.¹²⁸ Para melhor definir o ecofeminismo, Gebara procura definir o que seria o seu contrário e chega na formulação do termo ecomasculinismo e, para mostrar o que ele simboliza não se fez necessário de imaginação, apenas de olhar ao seu redor e perceber as destruições do planeta.¹²⁹

A exploração das pessoas e dos recursos da terra para favorecer uma minoria era a consequência histórica palpável do trato masculino hierárquico das pessoas e de seus contextos. Dela fazia parte uma compreensão dos seres humanos que era veiculada através da educação e dos meios de comunicação. As hierarquias, as essências, os homens viris estavam sempre no topo da maior valorização social.¹³⁰

Corpos femininos e a natureza são quem mais sofrem com decisões tomadas em âmbitos de poder como os governamentais, militares, econômicos e sanitários, lugares esses onde, o que encontramos, com muita frequência, são rostos masculinos. Nesses lugares, no corpo feminino e na natureza, conseguimos encontrar os danos que pesticidas, resíduos químicos presentes nos alimentos e substâncias

¹²³ GEBARA, 1997, p. 68.

¹²⁴ GEBARA, 1997, p. 29.

¹²⁵ GEBARA, 1997, p. 29.

¹²⁶ GEBARA, 1997, p. 31.

¹²⁷ GEBARA, 1997, p. 60.

¹²⁸ GEBARA, 1997, p. 62.

¹²⁹ GEBARA, 2018, p. 234.

¹³⁰ GEBARA, 2018, p. 234.

toxicas de produtos de limpeza causam. Outro local onde a violência a natureza e a violência a mulheres se assemelha é quando falamos a respeito da defesa da “casa comum”, que tem em seu grupo defensor, em sua maioria, mulheres, como as pessoas que saem a luta por maior equidade e relações mais saudáveis entre homens e mulheres, justiça ecológicas, preservação de territórios ancestrais. Essa luta contra o capitalismo neoliberal e patriarcal, não poucas vezes, faz dessas mulheres, que não se entregam e lutam até suas últimas forças, mártires dessa causa, da busca por uma “casa comum” sã.¹³¹

O ecofeminismo nos abre para outras conexões, denunciando o caráter ideológico de boa parte da ciência patriarcal. A perspectiva ecofeminista tenta introduzir outra epistemologia por sua percepção diferente do ser humano, de sua relação com a Terra e com o Cosmos.¹³²

O fio condutor do ecofeminismo é o poder de recuperar experiências humanas permitindo que, em nossas mentes e corpos, seja reavivado o verdadeiro sentido das crenças mais profundas que temos. São essas experiências que nos possibilitam afirmarmo-nos como homem ou como mulher, como seres na e da Terra, no e do Cosmos ao mesmo tempo que os temos dentro de nós.¹³³ Somos criaturas interdependentes e estamos ligadas umas às outras e ao nosso planeta e a toda a criação de Deus e o ecofeminismo quer nos manter conscientes da importância que existe nessa interdependência, existe um Corpo Maior que se estende para além do eu e que precisa ser cuidado e respeitado e é para ele que o ecofeminismo quer olhar.¹³⁴

É preciso recomeçar em todos os níveis a reconstruir a unidade que somos, a inclusão de nosso ser em todos os processos evolutivos no espaço e no tempo. Então acolheremos a mortalidade de nossa vida junto com a das flores e pássaros, de nossos sonhos e deuses. Acolheremos a transformação de nosso corpo individual ao mistério de nosso Corpo Sagrado. E porque a vida irrompeu nesse universo, tornou-se vitalmente mortal que o amor do instante tem que ser intenso, que o respeito a todos os seres uma obrigação, a busca da justiça uma luz e a felicidade possível um direito inalienável de todos os seres.¹³⁵

¹³¹ ULLOA, Geraldina Céspedes. *Ecofeminismo: Teología saludable para la tierra y sus habitantes*. Bodadilla del Monte: Madrid – Espanha, 2021. p. 37-39.

¹³² GEBARA, 1997, p. 56.

¹³³ GEBARA, 1997, p. 59.

¹³⁴ GEBARA, 1997, p. 61.

¹³⁵ GEBARA, 1997, p. 66.

No ecofeminismo utilizamos a palavra processual para ditar a maneira utilizada para se observar o mundo, diferentemente do patriarcado que possui uma visão linear da realidade.

Conhecimento processual significa que, ao conhecimento global da humanidade, acrescentamos algo de múltiplas formas que não necessariamente obedecem a uma causalidade previsível. Percebemos sempre algo de experiências, de sabedorias, de poesias.¹³⁶

Para o ecofeminismo o conhecimento “é perceber, captar, organizar, poder, transformar em forma de sentido o universo no qual existimos.”¹³⁷ Permitindo, dessa maneira, que não haja a consagração de um momento passado ou futuro que dite as nossas vidas, mas sim que o conhecimento seja dinâmico de maneira que permita ser condicionado as necessidades do grupo que estiver pertencendo.¹³⁸

Tendo em mente que o conhecimento precisa estar relacionado com o contexto no qual vivemos é que podemos dizer que o ecofeminismo e a teologia ecofeminista tem um caráter epistemológico contextual, também, porque ela é uma exigência do contexto histórico em que vivemos, da mesma forma que se desenvolve a partir dele. Temos o seu desenvolvimento em pequenos e específicos contextos, mas há uma conexão global que une todas as maneiras de seu fazer.¹³⁹

A epistemologia que propomos valoriza o contexto em que a experiência e o conhecimento se desenvolvem embora se abra para horizontes e articulações mais amplas. Ela requer uma cosmologia/antropologia contextuais, embora com abertura para o fato de que nos diferentes contextos estão presentes elementos da universalidade. Esses elementos comuns são a expressão de que pertencemos à mesma e extraordinária explicitação da Vida a que chamamos vida humana.¹⁴⁰

De igual forma, e por consequência, o ecofeminismo e a teologia ecofeminista utilizam de uma epistemologia inclusiva, que não impõe limites rígidos ao conhecimento, mas sim que seja inclusivo às diferentes vivências experienciadas por cada ser a sua própria maneira, até porque, somos e existimos em interdependência e de maneira recíproca.¹⁴¹ “Assim não nos orientamos por um único padrão,

¹³⁶ GEBARA, 1997, p. 64.

¹³⁷ GEBARA, 1997, p. 64.

¹³⁸ GEBARA, 1997, p. 64.

¹³⁹ GEBARA, 1997, p. 70.

¹⁴⁰ GEBARA, 1997, p. 71.

¹⁴¹ GEBARA, 1997, p. 74.

paradigma, cultura, cristianismo ou orientação sexual que se imponham como normativas.”¹⁴²

O ecofeminismo quer substituir hierarquias de dominação pela ideia da interdependência. O modelo de relacionamento opressivo entre homens e mulheres, entre grupos humanos e entre seres humanos e animais quer ser desmantelado e trocado pela percepção da interdependência.¹⁴³

Todas as pressuposições racistas, sexistas, classistas e antropocêntricas da superioridade de brancos sobre negros, homens sobre mulheres, gerentes sobre trabalhadores, seres humanos sobre animais e plantas devem ser descartadas culturalmente.¹⁴⁴

Contudo, ao contrário do que podemos rapidamente pensar, a ideia do ecofeminismo não é dar meramente mais poder cultural as mulheres, antes é fazer com que homens comessem a ter participação igual em tarefas domésticas e na criação de crianças. Junto dessa conversão de ideias a respeito do trabalho masculino, também é necessário que se convertam as ideias masculinas a respeito da natureza para que enfim a visão humana simbólica acerca da salvação seja remodelada.¹⁴⁵

2.3.2 Conclusão parcial

O ecofeminismo apresenta-se como uma resposta necessária às crises sistêmicas que enfrentamos, ao destacar a interdependência intrínseca entre a humanidade e o planeta. Sua proposta de uma epistemologia inclusiva e contextual aponta para uma transformação radical nas formas de conhecimento e nas relações humanas, promovendo um olhar mais amplo sobre a justiça social e ecológica. Ele nos desafia a superar visões fragmentadas e hierárquicas, reconhecendo que a vida humana depende profundamente do equilíbrio do ecossistema e da valorização de todas as formas de existência.

Por meio de uma crítica contundente às estruturas patriarcais e capitalistas, o ecofeminismo convida a humanidade a repensar seu papel como parte de um Corpo

¹⁴² GEBARA, 1997, p. 74.

¹⁴³ RUETHER, 1992, p. 249-250.

¹⁴⁴ RUETHER, 1992, p. 250.

¹⁴⁵ RUETHER, 1992, p. 250.

Maior, que inclui a Terra e o Cosmos. Essa visão processual e dinâmica do conhecimento promove, não apenas, um entendimento mais profundo das relações entre os seres vivos, mas também uma prática de respeito mútuo e cuidado com o planeta. Em tempos de mudanças climáticas e desigualdades persistentes, o ecofeminismo ilumina caminhos para a construção de uma sociedade mais justa, onde a diversidade seja celebrada e o amor ao instante seja uma força transformadora. Assim, ele reafirma a urgência de recriar nossas conexões, reconstruindo a unidade que somos e acolhendo a interdependência como fundamento para uma vida plena e sustentável.

2.4 MÉTODOS DE PESQUISA

Nessa pesquisa, o método utilizado é o da pesquisa-ação, que emerge como uma abordagem inovadora e profundamente envolvente no campo das ciências sociais, destacando-se por sua característica participativa e orientada para a transformação de situações reais. Diferentemente das metodologias tradicionais, ela promove uma interação dinâmica e cooperativa entre pessoas pesquisadoras e participantes, unindo esforços para resolver problemas coletivos e fomentar mudanças.

Essa metodologia carrega consigo um duplo propósito: a produção de conhecimento e a ação prática, integrando teoria e prática em um mesmo processo. Além disso, a pesquisa-ação se caracteriza por sua flexibilidade e adaptabilidade, sendo aplicada em contextos específicos, com grupos sociais particulares e em situações que demandam intervenções efetivas. É uma metodologia que valoriza a escuta ativa, o diálogo e a construção coletiva, garantindo que as perspectivas e vivências dos participantes sejam incorporadas ao processo.

Ao longo deste texto, exploramos as nuances dessa prática metodológica, discutindo seus fundamentos teóricos, desafios e potencialidades no contexto acadêmico e social. Mais do que um simples método de pesquisa, a pesquisa-ação é um instrumento de transformação e empoderamento, comprometido com a construção de um conhecimento que dialogue com as demandas e complexidades do mundo real.

2.4.1 Pesquisa-ação

Podemos dizer que pesquisa-ação é uma pesquisa social que possui base empírica estritamente relacionada com uma ação ou com resolução de problemas coletivos de maneira que pessoa pesquisadora e pessoa participante se envolvam cooperativamente ou de maneira participativa.¹⁴⁶ Pessoas pesquisadoras possuem um papel ativo para equacionar os problemas que são encontrados, acompanhar e avaliar ações que são desencadeadas a partir dos problemas.¹⁴⁷ Resumidamente a pesquisa-ação surge como uma estratégia de explicação de algo e se firma como um projeto de resolução de problema no contexto pesquisado com ênfase na compreensão dos fatos.¹⁴⁸

Em sua própria definição, a pesquisa-ação é um procedimento de reflexão aplicada em virtude de uma situação particular a modificar. Nesse sentido, a pesquisa-ação é geralmente uma pesquisa implicada em um campo concreto em torno de um grupo de atores reais.¹⁴⁹

A pesquisa-ação é uma aproximação entre a pesquisa e a ação e por esse motivo o termo carrega consigo múltiplas práticas para que a aproximação seja possível.¹⁵⁰ Sua abordagem metodológica busca articular a produção de conhecimento com a transformação da realidade social, volta-se a compreender uma realidade específica e propor intervenções práticas diante dos problemas identificados nessa realidade, demonstrando sua função e interesse na justiça social.¹⁵¹ Ou seja, a metodologia da pesquisa-ação exige um objetivo duplo: enriquecer conhecimentos e modificar uma situação.¹⁵² Para dentro da pesquisa-ação, conserva-se a especificidade, as diferenças, entre a abordagem científica e a abordagem da ação promovendo o encurtamento do distanciamento entre as duas áreas.¹⁵³ Na pesquisa-

¹⁴⁶ THIOLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 3ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986. p. 14.

¹⁴⁷ THIOLENT, 1986, p. 15.

¹⁴⁸ SILVA, Anair Araújo de Freitas; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ATAÍDES, Fernanda Barros. Pesquisa-ação: princípios e fundamentos. In: *Prisma*. Rio de Janeiro, v. 2, p. 2-15, 2021. p. 4.

¹⁴⁹ DIONNE, Hugues. *A pesquisa-ação para o desenvolvimento local*. Trad. Michel Thiollent. Brasília, 2007. p. 48.

¹⁵⁰ DIONNE, 2007, p. 25.

¹⁵¹ SELISTER-GOMES, Mariana; QUATRIN-CASARIN, Eduarda; DUARTE, Giovana. O conhecimento situado e a pesquisa-ação como metodologias feministas e decoloniais: um Estudo Bibliométrico. 2019. *Revista CS*, 29, 47-72. <https://doi.org/10.18046/recs.i29.3186>.

¹⁵² DIONNE, 2007, p. 44.

¹⁵³ DIONNE, 2007, p. 29.

ação, há a predominância da ação, tornando-a, antes, em uma maneira de intervir do que em uma técnica de pesquisa. Por esse motivo, a pessoa pesquisadora deve levar em consideração o que é vivido pelas pessoas atoras e participantes e sempre fornecer informações que sejam pertinentes a ação.¹⁵⁴

Maria Amélia Santoro Franco evidencia que a pesquisa-ação se estrutura em três dimensões fundamentais: ontológica, epistemológica e metodológica. A dimensão ontológica refere-se à concepção de realidade que orienta a investigação, compreendendo-a como processo dinâmico, crítico e transformador, em que a produção de conhecimento não se restringe à descrição, mas visa à transformação consciente da prática social. A dimensão epistemológica, por sua vez, rompe com os pressupostos da neutralidade científica ao reconhecer a implicação da pessoa pesquisadora no campo investigado, entendendo o conhecimento como situado na práxis e constituído pela indissociabilidade entre teoria e prática. Já a dimensão metodológica corresponde aos processos de construção do conhecimento, que devem articular as demais dimensões e sustentar-se em princípios de diálogo, participação e transformação, recusando a aplicação de técnicas genéricas e neutras, para afirmar uma perspectiva flexível, contextual e aberta à constante resignificação, reconhecendo o caráter plural do conhecimento científico.¹⁵⁵

Para a pesquisa-ação sempre está pressuposto a participação e a ação efetiva das pessoas interessadas,

pela pesquisa-ação é possível estudar dinamicamente os problemas, decisões, ações, negociações, conflitos e tomadas de consciência que ocorrem entre os agentes durante o processo de transformação da situação. [...] a observação do que ocorre no processo de transformação abrange problemas de expectativas, reivindicações, decisões, ações e é realizada através de reuniões e seminários nos quais participam pessoas de diversos grupos implicados na transformação.¹⁵⁶

O primeiro objetivo da pesquisa-ação é o da mudança, de modificar alguma situação particular que pode ser muito diversa dependendo do campo em que se vai intervir.¹⁵⁷ Ela, precisa ser, uma ferramenta de transformação social, ou seja, antes de

¹⁵⁴ DIONNE, 2007, p. 29.

¹⁵⁵ FRANCO, Maria Amélia Santoro. *Pedagogia da Pesquisa-Ação*, Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/ep/a/DRq7QzKG6Mth8hrFjRm43vF/?format=pdf&lang=pt>.

¹⁵⁶ THOLLENT, 1986, p. 19.

¹⁵⁷ DIONNE, 2007, p. 34.

ser uma forma com a qual se pesquisa, a pesquisa-ação é um método com o qual se age e se intervêm na sociedade, com isso a pessoa pesquisadora, que utiliza desse método, não pode estar aquém, isolada do fator social e nem manter-se neutra.¹⁵⁸ No processo da pesquisa-ação, a pessoa pesquisadora adota uma postura de proximidade, comprometendo-se com o campo e com as pessoas envolvidas, participando ativamente das propostas de transformação social, que abrangem mudanças tanto teóricas quanto práticas.

A pesquisa-ação caracteriza-se por um processo não linear, articulado em ciclos espiralados, nos quais o planejamento, a execução e a reflexão sobre a ação se inter-relacionam. A progressão sucessiva desses ciclos propicia o aprimoramento da consciência coletiva e fortalece o potencial transformador da prática investigativa. Sobre a metodologia, Tripp afirma que:

[...] a metodologia de pesquisa deve sempre ser subserviente à prática, de modo que não se decida deixar de tentar avaliar a mudança por não se dispor de uma boa medida ou dados básicos adequados. Antes, procura-se fazer julgamentos baseados na melhor evidência que se possa produzir.¹⁵⁹

A pesquisa-ação é uma pesquisa que se faz em equipe, equipe essa formada por pessoas atoras sociais e da pessoa pesquisadora, bem como precisa conter uma dupla estratégia, uma que diga respeito a pesquisa e outra que diga respeito a ação, essas estratégias precisam ser complementares para dentro do sistema da pesquisa-ação, sem perder de vista o fato de que as estratégias de pesquisa dizem respeito e modos científicos que podem não possuir os mesmos interesses que as estratégias de ação precisam ter.¹⁶⁰ Fato é que o trabalho conjunto entre pessoa pesquisadora e pessoas atoras precisa ser mantido com comunicação ativa para que seja possível criar uma dinâmica que seja original para a pesquisa-ação.¹⁶¹

O conhecimento manifesta-se de forma situada, coletiva e relacional, constituindo-se em uma dinâmica que integra a investigação reflexiva à ação prática, caracterizada pela flexibilidade e pela responsividade às transformações emergentes ao longo do processo. Dessa forma, “a principal preocupação do pesquisador em

¹⁵⁸ DIONNE, 2007, p. 35.

¹⁵⁹ TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQyq5bV4TCL9NSH/?format=pdf&lang=pt>.

¹⁶⁰ DIONNE, 2007, p. 36-37.

¹⁶¹ DIONNE, 2007, p. 44.

pesquisa-ação é solucionar um dado problema ou modificar uma situação específica.”¹⁶² De acordo com Barbosa e Giffin, a pesquisa-ação pode ser situada como “pesquisa do novo paradigma”.¹⁶³

Contudo, dentro do mundo acadêmico, existem diferentes pontos de vistas com relação ao tom científico da pesquisa-ação. Dentro desse mundo de pesquisa é possível encontrar pessoas autoras e pesquisadoras que se comprometem de tal maneira com a pesquisa que acabam por perder de vista a ciência social ou a própria ciência por traz do seu fazer.¹⁶⁴

A ação ou a participação, em si próprias, seriam suficientes. Conhecimento e ação, ciência e saber popular estariam fundidos numa só atuação. Não haveria mais lugar autônomo para a ciência que, no caso, seria apenas considerada como produto tipicamente “acadêmico”, “positivista”, “ocidental” e “decadente”. A pesquisa-ação não precisaria prestar contas à ciência e às suas instituições.¹⁶⁵

Contudo, essa visão torna-se muito radical e possibilita cair em irracionalismos, muitas das críticas que tal movimento faz ao mundo acadêmico e seu academicismo e dependência institucional, são válidas, mas não por isso deveríamos nos permitir abrir mão da racionalidade e da ciência.¹⁶⁶

Apesar disso, a pesquisa-ação vem na contramão da pesquisa clássica, pois não busca respostas que podem ser usadas de maneira generalizadas, mas sim a produção de saberes específicos que facilitem a ação, ela tem no seu centro o caráter particular do seu grupo de pessoas atoras específicas.¹⁶⁷ Neste contexto, “[...] a pesquisa-ação utilizará tudo o que puder para compreender adequadamente uma situação particular para poder intervir de modo específico.”¹⁶⁸ Por isso , ao contrário da pesquisa clássica, na pesquisa-ação, a pessoa pesquisadora se insere no grupo autor não apenas para coletar dados à sua investigação, mas também para tornar-se uma atora de mudanças junto às pessoas atoras sociais.¹⁶⁹ Assim, os dados só

¹⁶² DIONNE, 20017, p. 48.

¹⁶³ BARBOSA, Regina S. GIFFIN, Karen. Gênero, saúde reprodutiva e vida cotidiana em uma experiência de pesquisa-ação com jovens da Maré, Rio de Janeiro. *Interface – Comunic, Saúde, Educ.* v. 11, n. 23, p. 549-567, set./dez. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832007000300011>.

¹⁶⁴ THIOLENT, 1986, p. 21.

¹⁶⁵ THIOLENT, 1986, p. 21.

¹⁶⁶ THIOLENT, 1986, p. 21.

¹⁶⁷ DIONNE, 2007, p. 49-50.

¹⁶⁸ DIONNE, 2007, p. 50.

¹⁶⁹ DIONNE, 2007, p. 50.

adquirem sentido no contexto investigado, e o conhecimento produzido busca reconhecer a historicidade e a ação dos sujeitos, promovendo transformações em suas condições e modos de vida.

A pesquisa-ação também não pode ser confundida com a pesquisa participante, sim, toda pesquisa-ação requer o caráter participativo pois não havendo a participação das pessoas implicadas ao problema não há pesquisa. Contudo a pesquisa participante não é uma pesquisa-ação pelo fato de que, em alguns casos, ela se baseia na metodologia de observação participante onde a pessoa pesquisadora estabelece uma relação comunicativa com o grupo investigado buscando ser aceitos de uma maneira melhor. Para termos certeza de que a pesquisa é pesquisa-ação e não meramente participativa, precisamos observar se ela possui realmente uma ação que envolva a pessoa pesquisadora e o grupo de pessoas pesquisadas.¹⁷⁰ Seja qualquer a ação ou atitude tomada pela pessoa pesquisadora é necessário que sempre venha primeiro a escuta ativa e o esclarecimento a respeito da situação, impedindo que apenas as suas próprias concepções estejam postas para que não haja um unilateralismo de ideias e convicções.¹⁷¹

Ao resumir os principais aspectos da pesquisa-ação podemos chegar à conclusão de que ela é uma estratégia metodológica que pertence a pesquisa social onde:

- a) há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada;
- b) desta interação resulta a ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta;
- c) o objetivo de investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontrados nesta situação;
- d) o objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos, esclarecer os problemas da situação observada;
- e) há, durante o processo, um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação;
- f) a pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo): pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o “nível de consciência” das pessoas e grupos considerados.¹⁷²

¹⁷⁰ THIOLENT, 1986, p. 15.

¹⁷¹ THIOLENT, 1986, p. 17.

¹⁷² THIOLENT, 1986, p. 16.

Ainda sobre os aspectos considerados fundamentais, Franco identifica os seguintes pressupostos metodológicos:

- priorização da dialética da realidade social; da historicidade dos fenômenos; da práxis; das contradições, das relações com a totalidade; da ação dos sujeitos sobre suas circunstâncias;
- a práxis deve ser concebida como mediação básica na construção do conhecimento, pois por meio dela se veicula teoria e prática; pensar e agir; e pesquisar e formar;
- não há como separar sujeito que conhece do objeto a ser conhecido;
- o conhecimento não se restringe à mera descrição, mas busca o explicativo;
- parte do observável e, vai além, por meio dos movimentos dialéticos do pensamento e da ação;
- a interpretação dos dados só pode se realizar em contexto;
- o saber produzido é necessariamente transformador dos sujeitos e das circunstâncias.¹⁷³

A pesquisa-ação pode possuir três diferentes ênfases: resolução de problemas, produção de conhecimento e tomada de consciência. Com essa pesquisa buscamos alcançar a tomada de consciência e a produção de conhecimento. O conhecimento gerado, nesta pesquisa e nas demais, parte da investigação local, mas não para aí, ele é relacionado a outros estudos e corre-se o risco de que seja generalizado.¹⁷⁴

As exigências científicas para a pesquisa-ação são muitas e um dos grandes desafios metodológicos encontrados está em como se fundamenta a inserção da pesquisa-ação a partir de uma perspectiva investigativa científica com uma concepção aberta sem que a ciência tenha como sinônimos funcionalismo, positivismo ou qualquer outro rótulo que possa ter. Quando a pesquisa-ação está voltada para um meio coletivo e seus problemas, como encontramos na nossa pesquisa, um coletivo de trabalho, os objetivos práticos da pesquisa precisam passar por um levantamento de dados a respeito da situação, formulação de reivindicações e ações, algo prático com o foco em encontrar a saída.¹⁷⁵

Mesmo que a pesquisa-ação não tenha compatibilidade com a pesquisa laboral e com o experimentalismo, ela não deixa de ser uma experimentação em ambiente real no qual há intervenção consciente das pessoas pesquisadoras.¹⁷⁶

¹⁷³ FRANCO, 2005, p. 490.

¹⁷⁴ THIOLENT, 1986, p. 18-19.

¹⁷⁵ THIOLENT, 1986, p. 20.

¹⁷⁶ THIOLENT, 1986, p. 21.

Os participantes não são reduzidos a cobaias e desempenham um papel ativo. Além disso, na pesquisa em situação real, as variáveis não são isoláveis. Todas elas interferem no que está sendo observado. Apesar disso, trata-se de uma forma de experimentação na qual os indivíduos ou grupos mudam alguns aspectos da situação pelas ações que decidiram aplicar. Da observação e da avaliação dessas ações, e também pela evidenciação dos obstáculos encontrados no caminho, há um ganho de informação a ser captado e restituído como elemento de conhecimento.¹⁷⁷

À pessoa pesquisadora cabe ter em mente que a pesquisa é construída durante o processo investigativo, sempre cabendo mudanças e reconstruções. É necessário a elaboração de uma investigação estruturada em teorias e em uma organização coerente de estudos investigativos além de um olhar atento ao campo de pesquisa e às pessoas pesquisadas. Cabe ainda, a pessoa pesquisadora, conduzir as situações e descobertas de uma maneira que possibilite alcançar os objetivos estabelecidos ao mesmo tempo que se concretizam as intenções da pesquisa-ação (resolver um problema, produzir conhecimento e transformar a realidade).¹⁷⁸

A compreensão dessas dimensões permite aprender uma abordagem epistemológica e metodológica comprometida política e eticamente com os sujeitos envolvidos e com a transformação da realidade investigada. Nessa perspectiva, a pesquisa-ação consolida-se como pesquisa-ação crítica, na medida em que sua intencionalidade transcende a mera produção de conhecimento e intervenção, fundamentando-se na valorização do saber coletivo, derivado da experiência concreta dos participantes, na escuta recíproca proporcionada pelo processo investigativo e na promoção da emancipação, mediante o desenvolvimento da autonomia reflexiva e da capacidade crítica dos sujeitos para interpretar e intervir no mundo e nas relações sociais que o constituem. Conforme Franco,

Se essa transformação é percebida como necessária a partir dos trabalhos iniciais ~~de pesquisador~~ [da pessoa pesquisadora] com o grupo, decorrente de um processo que valoriza a construção cognitiva da experiência, sustentada por reflexão crítica coletiva, com vistas à emancipação ~~dos sujeitos~~ [das pessoas envolvidas] e das condições que o coletivo considera opressivas, essa pesquisa vai assumindo o caráter de criticidade e, então, tem se utilizado a conceituação de pesquisa-ação crítica.¹⁷⁹ (Grifo do autor)

¹⁷⁷ THIOLENT, 1986, p. 21-22.

¹⁷⁸ SILVA, OLIVEIRA, ATAÍDES, 2021, p. 11.

¹⁷⁹ SELISTER-GOMES; QUATRIN-CASARIN; DUARTE, 2019. p. 485.

Ou seja, a pesquisa-ação é algo além do que uma mera ação ou participação, com ela e a partir dela se produz conhecimento, se adquire experiências, existe uma contribuição em discussões abertas. Tudo isso sem fugir do campo científico, pois não podemos reduzir a ciência ao mero processamento de dados. Mesmo para o campo da ciência a pesquisa-ação é sim uma proposta metodológica e técnica com subsídios organizacionais à pesquisa social sem a rigidez nas observações e nos processamentos de dados que as pesquisas tradicionais impõem.¹⁸⁰

2.4.2 Conclusão parcial

A pesquisa-ação consolida-se, portanto, não como uma simples técnica de coleta de dados, mas como uma opção metodológica profundamente coerente com o arcabouço teórico assumido nesta pesquisa. Se o ecofeminismo defende uma epistemologia situada, contextual e comprometida com a transformação das relações de opressão, a pesquisa-ação opera como a sua expressão metodológica na prática. Conforme destaca Thiollent, ela é uma “pesquisa social que possui base empírica estritamente relacionada com uma ação ou com resolução de problemas coletivos”¹⁸¹ o que a torna instrumento ideal para investigar e potencializar processos de empoderamento coletivo.

Sua singularidade reside na capacidade de integrar rigor científico à ação prática, promovendo mudanças reais enquanto amplia a compreensão dos problemas enfrentados por um grupo. Essa abordagem, conforme analisado, “consolida-se como pesquisa-ação crítica, na medida em que sua intencionalidade transcende a mera produção de conhecimento e intervenção, fundamentando-se na valorização do saber coletivo.”¹⁸² Dessa forma, ela se afasta decisivamente da visão tradicional de ciência como esfera neutra e distante, propondo, em seu lugar, uma ciência engajada e corresponsável pela transformação social.

Ao reconhecer as pessoas participantes como sujeitos de conhecimento e ação, a pesquisa-ação reafirma a importância do diálogo e da colaboração de saberes. Dessa forma, esse método não apenas valida os princípios de horizontalidade e cuidado defendidos pelo ecofeminismo, mas também se configura

¹⁸⁰ THIOLENT, 1986, p. 22-24.

¹⁸¹ THIOLENT, 1986, p. 14.

¹⁸² FRANCO, 2005, p. 490.

como a ferramenta mais adequada para adentrar o universo da Cooperativa de Trabalho Mundo Mais Limpo, onde o conhecimento já se constrói, cotidianamente, na confluência entre teoria e prática, reflexão e ação.

2.5 CONCLUSÃO

O percurso teórico traçado ao longo deste capítulo não se limitou a apresentar correntes de pensamento de forma estanque. Pelo contrário, buscou construir um arcabouço analítico integrado, no qual o feminismo, a teologia ecológica, o ecofeminismo e a pesquisa-ação se articulam como partes de um mesmo projeto epistemológico e político. Partindo da denúncia das estruturas patriarcais, tanto na sociedade, tanto na interpretação do sagrado, a reflexão avançou para a crítica ao paradigma antropocêntrico de dominação da natureza, encontrando, no ecofeminismo, a moldura teórica que conecta radicalmente essas duas frentes de luta. Dessa articulação, emergem dois eixos fundamentais que orientarão a análise subsequente. Primeiramente a centralidade do cuidado como categoria de ética epistemológica e prática, que se desdobra do autocuidado até o cuidado com a Terra, desafiando a lógica do descarté. Em segundo lugar, a opção por uma epistemologia situada e relacional, que valoriza saberes experiências e se recusa a dissociar o sujeito que conhece do objeto de estudo, esse sendo o princípio que encontra sua correspondência metodológica direta na pesquisa-ação.

Foi possível constatar, portanto, que a escolha metodológica não é um apêndice técnico, mas o corolário natural do posicionamento teórico assumido. O ecofeminismo, ao defender a interdependência e a construção coletiva do conhecimento, demanda um método que não apenas observe, mas que se implique e potencialize os processos investigados. Dessa forma, este capítulo não se encerra em si mesmo, mas fornece as lentes conceituais e o ferramental ético-metodológico para ler e interpretar, no capítulo seguinte, a práxis da Cooperativa de Trabalho Mundo Mais Limpo.

Como os princípios do cuidado, da autogestão e da resistência ecofeminista se manifestam e são reinventados no cotidiano do trabalho, das relações e das lutas dessas mulheres? É a pergunta que fica para ser respondida.

3. COOPERATIVA DE TRABALHO MUNDO MAIS LIMPO

Neste capítulo, busca-se explorar a trajetória da cooperativa de trabalho Mundo Mais Limpo, investigando as motivações que levaram um grupo de mulheres a se unir em torno de um propósito comum e o modo como esse trabalho coletivo foi desenvolvido ao longo dos anos, até alcançar os dias atuais. O objetivo central não é apenas compreender os aspectos históricos dessa iniciativa, mas também analisar os desafios e as conquistas que marcaram a sua evolução. Nesse contexto, serão abordados os conceitos de cooperativismo e economia solidária, que sustentam as atividades da cooperativa e refletem princípios fundamentais como autogestão, democracia, equidade e sustentabilidade, essenciais para entender a filosofia que orienta suas práticas cotidianas.

A história da cooperativa será apresentada com base em uma roda de conversa realizada com as sócias da Mundo Mais Limpo, ocorrida em 12 de agosto de 2024, na sede da cooperativa. Este ambiente de diálogo propiciou uma troca rica de experiências, proporcionando uma visão aprofundada, não apenas sobre o processo de formação da cooperativa, mas também sobre as vivências pessoais e coletivas que influenciaram sua identidade e atuação. A partir dessa interação, foi possível captar a força e a resiliência das mulheres envolvidas, além de compreender como elas lidam e lidaram com os desafios sociais, econômicos e culturais ao longo do tempo.

Ademais, o capítulo dedica-se a explorar a aproximação entre a pesquisadora e as integrantes da cooperativa. Relatos dessas mulheres, registrados no caderno de campo da pesquisadora, são utilizados para enriquecer a compreensão do contexto no qual a cooperativa atua. A preservação da confidencialidade das participantes, através do anonimato e da proteção de dados pessoais, é garantida conforme os princípios éticos estabelecidos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Dessa forma, este capítulo visa proporcionar uma análise aprofundada da evolução da cooperativa Mundo Mais Limpo, destacando sua importância não apenas como uma iniciativa de trabalho, mas também como um espaço de transformação social e fortalecimento comunitário. Ao mesmo tempo, oferece uma visão detalhada de como os princípios do cooperativismo e da economia solidária se traduzem em

práticas concretas que impactam diretamente a vida das mulheres que dela fazem parte.

3.1 HISTÓRIAS E PRINCÍPIOS

A história aqui apresentada foi construída com base em uma rica conversa realizada com as sócias da cooperativa. Esse diálogo aconteceu em formato de roda de conversa na sede da instituição no dia 12 de agosto de 2024, proporcionando um ambiente acolhedor e reflexivo para a troca de experiências. Durante essa tarde, emergiram relatos que revelaram não apenas o processo de formação da cooperativa, mas também as vivências pessoais e coletivas que moldaram sua identidade e atuação.

Os conceitos de cooperativismo e economia solidária serão analisados à luz da experiência prática da cooperativa, permitindo um olhar aprofundado sobre como essas ideias se traduzem em ações concretas. Tais princípios orientam tanto o modelo organizacional como as relações internas entre as sócias e com a comunidade local, criando uma dinâmica de trabalho que prioriza a justiça social e o bem-estar coletivo.

A partir dessa interação, foi possível captar a força e a resiliência das mulheres que compõem a cooperativa, além de entender como elas lidaram com questões sociais, econômicas e culturais ao longo do tempo. Este capítulo, portanto, busca oferecer uma visão sensível e contextualizada sobre o desenvolvimento da Mundo Mais Limpo, destacando sua relevância não apenas como uma iniciativa de trabalho, mas também como um espaço de transformação social e fortalecimento comunitário.

3.1.1 Fundação

A cooperativa de trabalho Mundo Mais Limpo tem sua fundação como tal datada de oito de julho de 2013, entendendo-se como uma sociedade de pessoas que não possui fins lucrativos. Os princípios com os quais operam são o da economia solidária, cooperativismo, autogestão, cuidado com o meio ambiente e colaboração recíproca. O objetivo principal da cooperativa é a geração de trabalho e renda para a defesa socioeconômica de suas cooperadas através da fabricação de produtos

ecológicos de limpeza, higiene e velas artesanais que derivam da coleta e do recebimento do óleo de cozinha usado.¹⁸³

Contudo, a história da cooperativa de trabalho Mundo Mais Limpo tem seu início muito antes de sua efetivação como cooperativa. Mais do que 11 anos de história, a cooperativa já soma 17 anos de trajetória. No ano de 2007 existia um grupo de mulheres que faziam almoço para as crianças do colégio Amadeo Rossi, para elas era difícil manter um emprego fixo diante de diversos fatores impeditivos como: algumas não recebiam a permissão do marido, outras não tinham local para deixar suas próprias crianças. Existia o sentimento de que tudo era muito difícil porque se precisava fazer tudo sozinhas, até que o sentimento de 'sozinha está difícil, vamos tentar fazer algo juntas' é tematizado e faz com que juntas começassem a participar de cursos e rodas de conversas de trabalho na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (a partir de agora UNISINOS).

A primeira ideia de empreendimento que tiveram foi o de seguir na produção alimentícia, mas muitos foram os empecilhos e as concorrências postas à frente do grupo para que esse caminho não fosse viável. Contudo, partindo dos ensinamentos de uma das professoras do colégio Liberato elas aprenderam a produzir sabão a partir de azeite usado e seguiram com essa produção como sendo sua busca por uma renda fixa. Outro fator importante que as motivou a seguir nesse caminho foi a tragédia que se acometeu sobre o Rio do Sinos, rio que corta a cidade de São Leopoldo onde a cooperativa possui sua sede, ocorrida em outubro de 2006 e um dos grandes fatores foi o despejo indevido de esgoto doméstico no leito do rio.¹⁸⁴

No ano de 2009, elas assinam um primeiro termo de compromisso entre elas. Seu primeiro local de trabalho foi a associação de moradores e moradoras, mas foram expulsas de lá pois o trabalho delas era com soda (químico perigoso a saúde se manuseado de maneira errônea) e havia crianças que passavam seu tempo também na associação de moradores e moradoras. Com isso, mudaram o seu local de produção e começaram a produzir o sabão na área de fora da casa da companheira

¹⁸³ MUNDO MAIS LIMPO. *Estatuto social Cooperativa de Trabalho Mundo Mais Limpo*. Junta Comercial, Industrial e Serviços do Rio Grande do Sul, Código de Registro: 7900404 em: 29 set. 2021. p. 1.

¹⁸⁴ CLICK RBS/O Globo Online. *Desastre ambiental no RS foi causado por despejo industrial e esgoto*. Gazeta do Povo, 2006. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/desastre-ambiental-no-rs-foi-causado-por-despejo-industrial-e-esgoto-a8gz9jkc160oel6vw8pwgruj2/>. Acesso em: 20 dez. 2024.

de trabalho Cláudia. Porém, como não tinham para si um local para exercer a tarefa tão importante para o meio ambiente e para o município, foram atrás da prefeitura e solicitaram que recebessem um local onde poderiam se estabilizar e chamar de seu. A solicitação deu certo e ganharam da prefeitura o endereço que possuem até os dias de hoje.

Com o próprio espaço, agora poderiam começar a investir em equipamentos para facilitar no trabalho e possibilitar o desenvolvimento maior dos produtos que produziam. Para a arrecadação de verba, foi primordial a ajuda da UNISINOS que auxiliou com a escrita de projetos que foram encaminhados para fora do país. A Sindmetal, a Renner e a Still foram empresas que auxiliaram a cooperativa, comprando o sabão, e que, com isso, possibilitaram a regulamentação e a compra de mais alguns materiais que eram essenciais.

No início, as vendas e as coletas eram feitas de porta em porta nas casas da vizinhança. Contudo, no ano de 2013, com o crescimento do reconhecimento e com o auxílio recebido de outras empresas foi preciso a formalização como cooperativa para inserir-se no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) e possibilitar a continuação das vendas para grandes empresas que precisam de notas fiscais para comprar. Assim, no ano de 2014, a Cooperativa de Trabalho Mundo Mais Limpo se formaliza como tal e já pode vender seus produtos às empresas e mercados. Com a cooperativa e os seus produtos se destacando e ganhando cada vez mais espaço o curso de farmácia da UNISINOS auxiliou no refinamento do sabão.

No ano de 2015, assume em São Leopoldo-RS, um novo prefeito que, tira da cooperativa o direito de utilizar o espaço que havia sido concedido pelo prefeito anterior. Sem um endereço próprio, elas perdem o direito de usar seu CNPJ e precisam voltar a vender seus produtos de porta em porta para que tenham alguma renda, mas, apesar de não terem mais a licença para usar o local, elas resistiram lá e mantiveram o local sempre ocupado. A cooperativa se inscreveu para concorrer a prêmios em São Paulo, sendo representada por outro CNPJ. Com o dinheiro que conseguiram após três anos seguidos ganhando o prêmio, contrataram uma advogada para que juntas, no ano de 2017, pudessem regularizar as questões financeiras e fiscais possibilitando a volta à normalidade de empresa com um CNPJ em dia.

Além disso, com o dinheiro que conseguiram levantar com os prêmios, contrataram uma farmacêutica para orientar a respeito de como o espaço da

cooperativa precisava estar organizado e como cada coisa deveria ter seu lugar, que não deveriam almoçar no mesmo lugar onde o sabão é produzido e nem misturar o local da produção com o local da limpeza dos galões de óleo que estavam vazios. Ou seja, após 10 anos do início do trabalho foi quando começaram a seguir procedimentos de limpeza e de organização.

Por meados do ano de 2020, o óleo que a cooperativa estava conseguindo arrecadar já tinha deixado de ser algo que derivaria em sabão, o que elas estavam recebendo era apenas cebo. O motivo que levou a essa ocorrência foi o preço do óleo usado no mercado, pois além de ser usado para fazer sabão, ele pode ainda gerar óleo diesel e borracha. Com isso um novo embate com a prefeitura começa, pois como estavam registradas apenas como recicladoras elas não poderiam sair para coletar o óleo, o óleo no ponto que precisavam para a produção do sabão, mas elas sabiam que tinham o direito de serem registradas como catadoras também. Enquanto esse processo com a prefeitura não se desenrolava, elas conseguiram apoio de um jornal da região que fez uma matéria conscientizando as pessoas e pedindo para que levassem o seu óleo usado até o endereço da cooperativa. Para dar o “selo” de catadoras às mulheres da cooperativa a prefeitura exigiu que tivessem um veículo para recolher o óleo nos pontos de coleta. Elas conseguiram um carro com a ajuda de um projeto de fora do país.

No ano de 2020, o país é acometido pela pandemia de Covid19. Esse foi o momento em que a cooperativa mais trabalhou em toda a sua existência, pois o sabão era um ótimo aliado para eliminar os germes e o coronavírus. Nessa época, em que estavam trabalhando intensamente perceberam que se tudo correr bem e funcionar como deve elas são capazes de tirar 5 mil sabões na semana.

Com a condição de que a coleta de óleo fosse municipal, no ano de 2022, a prefeitura fecha um contrato com a cooperativa cuja contrapartida era um aporte financeiro. Fato esse que ocasionou a distribuição reservatórios de 50 litros por estabelecimentos da cidade, esses estabelecimentos têm, como contrapartida da prefeitura para a sua reciclagem, desconto no Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana (IPTU). Outro desfecho desse contrato é a contratação de um funcionário para ser o motorista do carro e carregar os reservatórios cheios do estabelecimento até o carro e, estando de volta na cooperativa, do carro até o local onde começa o processamento do óleo.

Com o espírito inovador, surge também a ideia de usar o óleo reciclado para a confecção de velas artesanais. As primeiras feitas, no ano de 2015, não poderiam nem ser expostas ao sol que já se derretiam, mas no ano de 2019, com o processo muito mais desenvolvido começa a produção de velas para a venda. Com a ajuda do Banco Cooperativo Sicredi a cooperativa desenvolve a produção de velas aromáticas, permitindo o surgimento de um braço da cooperativa nomeado de Mundo Mais Aromático. Fazendo com que hoje a Cooperativa de Trabalho Mundo Mais Limpo tenha três excelentes produtos à venda, o sabão em barra, a limpeza pesada e as velas. O óleo que chega para elas, que está muito sujo e não pode ser usado na produção dos seus produtos, é levado adiante para a produção de borracha e óleo diesel, nada é desperdiçado, e nada é jogado no meio ambiente para que o prejudique. Elas reconhecem que, enquanto catadoras poderiam limitar-se a comercializar o óleo usado. No entanto, optam por transformá-lo em produtos de limpeza e velas, agregando valor simbólico e econômico ao trabalho. Com isso, além de transformarem as próprias vidas elas também estão entregando ao meio ambiente um produto que já não é mais agressor a ele. Essa prática ecofeminista concretiza a ideia de cuidado como resistência, unindo sustentabilidade ambiental e autonomia feminina.

A cooperativa de trabalho Mundo Mais Limpo leva consigo a honra de ajudar a salvar o nosso planeta pois, a cada litro de óleo que recicla são 25 mil litros de água que deixam de ser contaminados, mas também a honra de ser a primeira cooperativa só de mulheres do município de São Leopoldo e do país, bem como foram elas quem permitiram que o município de São Leopoldo fosse reconhecido como o primeiro no país a reciclar óleo de cozinha e atualmente também são referência em economia solidária. Hoje, após tanta luta e direitos conquistados junto à prefeitura, a cooperativa está listada junto aos demais pontos turísticos de São Leopoldo, tornando-se assim um lugar a ser visitado, um ponto turístico. Em qualquer lugar que forem chamadas para fazer palestras e conscientizar ambientalmente as pessoas elas vão pois entendem que esse também é um papel que têm. Para dentro da cooperativa elas se entendem como um só organismo que funciona como um todo e que só anda se o trabalho for feito em conjunto, não sendo assim, todo o trabalho fica mais difícil. Elas se percebem também como parte da história futura enquanto usufruem da história das 20 mulheres que as antecederam.

Hoje a cooperativa de Trabalho Mundo Mais Limpo faz parte da Rede de Comércio Justo e Solidário que pertence a Fundação Luterana de Diaconia (FLD). A

Rede de Comércio Justo e Solidário foi criado no ano de 2000 e, por meio dela, a FLD apoia projetos e iniciativas de geração de trabalho e renda de cunho comunitário bem como grupos que presam pela economia solidária.¹⁸⁵

3.1.2 Cooperativismo e economia solidária

Torna-se imprescindível situar teoricamente o termo cooperativismo e no que suas práticas e aspirações são fundamentadas. Este texto busca, portanto, articular os conceitos de cooperativismo e economia solidária, iluminados pela crítica feminista e pela perspectiva ética da teologia ecofeminista. Partimos do entendimento de que tais experiências econômicas não se esgotam na geração de trabalho e renda, mas configuram-se como projetos políticos que visam a construção de relações sociais pautadas na autogestão, na cooperação e no cuidado com as pessoas e com a Terra. Neste percurso, foi investigado como esses fundamentos teóricos se entrelaçam para oferecer um quadro interpretativo capaz de capturar não apenas a estrutura, mas a alma de um empreendimento que almeja ser, ele mesmo, um gesto concreto de transformação.

O cooperativismo, enquanto pilar fundamental da economia solidária, emerge não apenas como uma alternativa de geração de trabalho e renda para segmentos excluídos do mercado formal, mas como um projeto político que busca instituir novas relações sociais de produção. Conforme Singer sua essência reside na “associação entre iguais em vez do contrato entre desiguais” materializando-se na cooperativa de produção, onde “todos os sócios têm a mesma parcela do capital e, por decorrência, o mesmo direito de voto em todas as decisões”, caracterizando um regime de autogestão onde “ninguém manda em ninguém”.¹⁸⁶ Essa forma de organização introduz uma nova racionalidade econômica que se distingue radicalmente da lógica capitalista, pois modifica o princípio fundamental da extração do trabalho excedente, baseando-se na propriedade social dos meios de produção e no poder decisório coletivo de pessoas trabalhadoras.¹⁸⁷ A autogestão, nesse contexto, funciona como

¹⁸⁵ REDE de Comércio Justo e Solidário. *Quem somos*. Disponível em: <https://comerciojustofld.com.br/>. Acesso em: 25 set. 2025.

¹⁸⁶ SINGER, Paul. *Introdução a economia solidária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002. p. 9.

¹⁸⁷ GAIGER, Luiz Inácio. A economia solidária diante do modo de produção capitalista. In: GAIGER, Luiz Inácio. *Economia solidária*. v. 1, p. 18-40, 2001. p. 25.

“princípio de libertação e participação direta dos indivíduos nas diversas escalas”¹⁸⁸, constituindo-se um processo contínuo de reflexão e transformação dos espaços ocupados.

A dimensão política do cooperativismo, contudo, não pode ser negligenciada. Como adverte Novaes, o cooperativismo “se encaixa em diversos projetos de sociedade”¹⁸⁹, podendo ser apropriado por diferentes correntes de pensamento. Enquanto setores dominantes podem vê-lo como um “negócio da China” que se adequa aos processos de flexibilização e precarização do trabalho, as correntes críticas o reconhecem como “uma das estratégias de resistência da classe trabalhadora” e uma “cena de chegada, uma vez que aponta para uma sociedade produtora de valores de uso governada por pessoas produtoras associadas. [sic]”¹⁹⁰ Essa dualidade exige um olhar atento sobre as condições concretas em que se desenvolvem as experiências cooperativistas, pois, como alerta o autor, se permanecerem isoladas de outras lutas sociais, “elas ou definharão ou sobreviverão a duras penas, mas dificilmente poderão avançar rumo ao controle global do processo de trabalho pelos produtores associados.”¹⁹¹

É nesse espaço de tensão e potencialidade que a economia solidária se afirma como um modelo de organização econômica que transcende a mera geração de ocupação, configurando-se como uma “nova forma de organização social na esfera do trabalho.”¹⁹² Preocupando-se com a “comercialização e consumo de bens de serviço com inclusão social, preço justo e respeito ao meio ambiente”¹⁹³, a economia solidária se orienta por princípios de cooperação, autogestão e desenvolvimento local, constituindo-se como “um modelo de organização econômica não focado apenas nos quesitos produção e lucro, mas sim com enfoque ao bem-estar social de [sic] indivíduos como um todo.”¹⁹⁴ Essa perspectiva multidimensional da economia inclui

¹⁸⁸ NASCIMENTO, Edilane Moisés; et al. MULHERAR: vivências e experiências solidárias. In: *Revista gestão e organizações*, v. 5, n. 2, p. 49-68, jan./jun. 2020. p. 6.

¹⁸⁹ NOVAES, Henrique Tahan. *O fetiche da tecnologia: A experiência das fábricas recuperadas*. São Paulo: Expressão popular, 2007. p. 8.

¹⁹⁰ NOVAES, 2007, p. 8-9.

¹⁹¹ NOVAES, 2007, p. 9.

¹⁹² GALLO, Ana Rita; DAKUZAKU, Regina Yoneko; EID, Farid; VALÊNCIO, Norma Felicidade L. da Silva; SHIMBO, Ioshiaqui; MASCIO, Carlos César. Incubadora de cooperativas populares: uma alternativa à precarização do trabalho. In: GAIGER, Luiz Inácio. *Economia solidária*. v. 1, p. 41-60, 2001. p. 55.

¹⁹³ FUNDAÇÃO Luterana de Diaconia. *Áreas de atuação*. Disponível em: <https://fld.com.br/nosso-trabalho/areas-de-atuacao/#economiasolidaria>. Acesso em: 25 set. 2025.

¹⁹⁴ NASCIMENTO, et al., 2020, p. 2.

atividades não mercantis e não monetárias, como o trabalho doméstico e de cuidado, historicamente desempenhado por mulheres e tradicionalmente excluído das análises econômicas convencionais.

Contudo, a significativa participação feminista nessas iniciativas não garante, por si só, a superação das assimetrias de gênero. A análise crítica de Souza-Lobo é fundamental aqui, ao demonstrar que “a classe operária tem dois sexos” e que “operário não é igual a operária”¹⁹⁵, evidenciando que a divisão sexual do trabalho não é um fenômeno natural, mas uma construção social que hierarquiza e segrega atividades coletivas, atribuindo valores distintos ao trabalho realizado por homens e mulheres. A autora alerta que, mesmo em estruturas coletivas nascidas de ideias igualitárias “as práticas coletivas passam a ser vistas como sexualizadas”¹⁹⁶, o que exige um olhar atento para não reproduzir a invisibilidade do trabalho feminino. É comum observar nas experiências cooperativas a repetição de lógicas de divisão sexual de trabalho, nas quais as mulheres permanecem concentradas em funções consideradas “leves” ou “complementares”, enquanto os homens assumem cargos de gestão e representação.

Essa compreensão é essencial para avaliar em que medida as experiências de cooperativismo e economia solidária questionam os perpetuam essas assimetrias, exigindo uma intencionalidade política para incluir a perspectiva de gênero na organização do trabalho, na distribuição de tarefas e na divisão de renda. A obra de Souza-lobo lembra-nos ainda que a experiência das mulheres com o trabalho produtivo está sempre articulada com a esfera reprodutiva. Iniciativas que não levam em conta a dupla ou tripla jornada das mulheres tendem a reproduzir a sobrecarga e limitar sua participação efetiva. Como bem sintetiza a autora “o trabalho doméstico faz parte da condição de mulher; o emprego faz parte da condição de mulher pobre”¹⁹⁷, o que evidencia a imbricação entre produção e reprodução.

A convergência entre economia solidária e teorias feministas é, portanto, vital¹⁹⁸ e encontra um solo fértil na perspectiva da teologia ecofeminista. Essa última

¹⁹⁵ SOUZA-LOBO, Elisabeth. *A classe operária tem dois sexos: Trabalho, dominação e resistência*. 3ª ed. São Paulo: fundação Perseu Abramo, Editora Expressão Popular, 2021. p. 11.

¹⁹⁶ SOUZA-LOBO, 2021, p. 14.

¹⁹⁷ SOUZA-LOBO, 2021, p. 86.

¹⁹⁸ HILLENKAMP, Isabelle; GUÉRIN, Isabelle; VERSCHUUR, Christine. A economia solidária e as teorias feministas: possíveis caminhos para uma convergência necessária. In: SEMPREVIVA

aporta um substrato ético-espiritual que compreende a economia, nas palavras de Pereira, como a “gestão participativa da casa, todas as casas que habitamos, nossas comunidades, nosso corpo, o corpo do mundo e da terra.”¹⁹⁹ Esta visão ampla rompe com a concepção restrita de economia como mero processo de acumulação, propondo uma reorganização social, baseada na sustentabilidade da vida em comunidade. Nessa “gestão da casa comum”, a dimensão do cuidado é resgatada como elemento fundamental para uma economia a serviço da vida.

Dierckxsens e Silva defendem que a economia solidária se constrói a partir de uma “ética solidária onde nos damos conta que sem salvar o ‘outro’ não haverá salvação para mim” e afirmam que “o cuidado é parte da natureza humana [...] Sem cuidado deixamos de ser humanos [tradução nossa]”.²⁰⁰ Essa visão amplia radicalmente o conceito de trabalho, incluindo as atividades de reprodução da vida tradicionalmente invisibilizadas e realizadas majoritariamente por mulheres. Neuenfeldt ressalta que “as mulheres exercem um papel protagonista [tradução nossa]”²⁰¹ nessa organização, posicionando-se como sujeitas centrais na construção de alternativas econômicas baseadas na cooperação. Ventura corrobora esta visão a resistência à “denúncia de um sistema que explora, que não permite as satisfações básicas de pão, teto, trabalho digno, descanso, sexualidade, prazer! [tradução nossa]”.²⁰²

A implementação de mecanismos de cuidado compartilhado e horários flexíveis, inspirados nesta ética ecofeminista do cuidado, pode ser determinante para a sustentabilidade e o caráter verdadeiramente solidário dos empreendimentos econômicos. Estudos como o de Nascimento et al. mostram que a economia solidária surge para as mulheres como “espaço de trabalho, formação e empoderamento não

Organização Feminista, 2016. Disponível em: <https://www.sof.org.br/a-economia-solidaria-e-as-teorias-feministas-possiveis-caminhos-para-uma-convergencia-necessaria/>. Acesso em: 8 out. 2025.

¹⁹⁹ PEREIRA, Nancy Cardoso. Presentación. In: RIBLA (Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana). *Economía: solidaridad y cuidado*. Quito, Ecuador, n. 51, v. 2, p. 5, 2005. p. 5.

²⁰⁰ DIERCKXSENS, Win; SILVA, Sílvia Regina de Lima. Solidaridad y cuidado: en búsqueda de una economía em función de la vida. In: RIBLA (Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana). *Economía: solidaridad y cuidado*. Quito, Ecuador, n. 51, v. 2, p. 47-12, 2005. p. 10.

²⁰¹ NEUENFELDT, Elaine. ¡Mujeres com furza y poder! In: RIBLA (Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana). *Economía: solidaridad y cuidado*. Quito, Ecuador, n. 51, v. 2, p. 54-59, 2005. p. 57.

²⁰² VENTURA, Maria Cristina. Olares a parto, tabajo y pan: una mirada desde los salmos de subida. In: RIBLA (Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana). *Economía: solidaridad y cuidado*. Quito, Ecuador, n. 51, v. 2, p. 45-53, 2005. p. 45.

sendo apenas uma fonte geradora de renda, mas sobretudo um espaço que lhes garante o direito de falarem e de serem ouvidas.”²⁰³ Essa constatação revela o potencial transformador dessas experiências quando articuladas com uma perspectiva de gênero.

Em síntese a articulação entre cooperativismo de base solidária, iluminado pela crítica feminista à divisão sexual do trabalho fundamentada pela ética do cuidado da teologia ecofeminista, oferece um instrumental analítico valioso para repensar as alternativas econômicas num contexto de crise civilizatório. Permite compreender estes empreendimentos não apenas como unidades econômicas, mas como um modo de vida que promove não apenas a justiça econômica, mas também a igualdade de gênero e a sustentabilidade da vida em sua integralidade. Afinal como conclui Souza-Lobo, “a divisão sexual de trabalho mostra que a relação de trabalho é uma relação sexuada porque é uma relação social”²⁰⁴, e é precisamente nesta relação social que o cooperativismo e a economia solidária, vistas pela lente ecofeminista, podem semear formas mais justas e cuidadoras de organizar a vida comum, onde o bem-estar coletivo e a preservação da “casa comum” se tornem os fundamentos da prática econômica.

3.2 DIÁLOGOS E VIVÊNCIAS

Este ponto dedica-se a explorar a aproximação e o relacionamento estabelecido entre a pesquisadora e a cooperativa de trabalho Mundo Mais Limpo. O texto apresenta relatos das integrantes da cooperativa, registrados pela pesquisadora em seu caderno de campo ao longo das interações realizadas durante os encontros e as atividades desenvolvidas em conjunto. Esses relatos oferecem uma perspectiva rica e detalhada sobre as vivências e reflexões das mulheres que compõem a cooperativa, enriquecendo a compreensão do contexto em que atuam.

Para assegurar a privacidade e o respeito aos direitos das participantes, nomes e informações pessoais serão mantidos em confidencialidade, em conformidade com os princípios éticos estabelecidos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em anexo. Dessa forma, o capítulo busca equilibrar a

²⁰³ NASCIMENTO, et al., 2020, p. 7.

²⁰⁴ SOUZA-LOBO, 2021, p. 71.

profundidade das narrativas com o compromisso ético da pesquisa, apresentando uma análise cuidadosa e respeitosa das experiências compartilhadas pelas mulheres da Mundo Mais Limpo.

As histórias que se seguem não são apenas narrativas individuais, mas expressões concretas de como o patriarcado, o classismo e a religião se entrelaçam na vida das mulheres da cooperativa. Através dessas vozes, é possível identificar tanto a internalização da violência simbólica quanto sementes de resistência ecofeminista onde o cuidado consigo, com a comunidade e com o território emerge como prática política.

3.2.1 Moldando relações: a inserção ética no território da cooperativa

O contato com a cooperativa de trabalho Mundo Mais Limpo foi caracterizado por uma receptividade marcante desde o início. As integrantes da cooperativa demonstraram-se solícitas e abertas tanto à pesquisa quanto ao formato de condução do processo investigativo. O planejamento inicial previa o estabelecimento de um relacionamento mais próximo e efetivo com as mulheres da cooperativa concomitantemente ao início do ano letivo de 2024. No entanto, ocorreram diversos fatores que inviabilizaram essa aproximação no período previsto.

Entre os principais entraves estiveram questões relacionadas à agenda da cooperativa, que exigiu ajustes no cronograma de atividades, e, posteriormente, à agenda da pesquisadora, que também passou por alterações. Além disso, eventos climáticos adversos, como a tragédia que atingiu o estado do Rio Grande do Sul em maio de 2024²⁰⁵, impuseram desafios adicionais às duas partes envolvidas. Os impactos desse desastre natural demandaram esforços e adaptações até meados de julho de 2024, adiando o início das interações previstas no escopo da pesquisa. A sede da cooperativa e suas cooperadas não foram atingidas pelas águas, contudo houve pessoas familiares que sim e que precisaram se alojar junto de cooperadas até que pudessem retornar as suas casas. Nesse tempo, o recolhimento de óleo ficou impossibilitado pois não havia como se locomover dentro da cidade devido às águas.

²⁰⁵ BBC NEWS BRASIL. *A cronologia da tragédia no Rio Grande do Sul*. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cd1qwp3z77o>. Acesso em: 8 ago. 2025.

Em compensação a isso, no mês de agosto quando de fato a interação começou a pessoa pesquisadora pode se fazer presente em um curso ministrado pelas mulheres que estão na cooperativa a mais tempo para novas pessoas que poderiam tornar-se cooperadas após o fim desse pequeno curso. O curso foi realizado a partir da aprovação de um projeto feito e direcionado a FLD que custeou a sua realização, sem esse auxílio externo sua realização não teria sido possível. Junto dessas novas mulheres a pesquisadora pode perceber e analisar os princípios nos quais a cooperativa se baseia e de igual forma, perceber que apesar de fazerem muito do que o ecofeminismo prega, ainda não conhecem o termo e não o tem como um de seus princípios.

Foram três encontros no mês de agosto de 2024, nos quais foram divididos os temas história e princípios. No primeiro encontro, ouvimos sobre a história da cooperativa e como o trabalho de muitas mãos e a luta de muitos corpos femininos fez com que elas chegassem aonde estão hoje (relato apresentado no capítulo anterior). No segundo encontro, ouvimos sobre a economia solidária e seus princípios, de igual forma ouvimos sobre cooperativismo, a autogestão, cooperação e solidariedade.

No terceiro encontro, falamos sobre justiça de gênero e como as lutas das mulheres começam em pequenos locais como dentro das nossas próprias casas, a conversa foi baseada em duas perguntas centrais sendo elas: 'O que as mulheres ao seu redor fazem?' e 'O que os homens fazem?', mesmo divididas em dois grupos para responderem as perguntas na hora de compartilhar obtivemos respostas muito parecidas fato que nos ajudam a perceber como estão postas as relações de poder e patriarcado em todos os âmbitos da vida. Para a primeira pergunta, as respostas foram todas voltadas para a ideia de que as mulheres cuidam da casa, cuidam das crianças, cuidam dos maridos, cuidam de todas as pessoas e coisas que as cercam e para a segunda pergunta o que surgiu de resposta foi que os homens são os detentores de poder, são agressivos e que alguns poucos cuidam da casa.

Na experiência do terceiro dia, já foi possível perceber alguns dos maiores problemas e males que atingem essas mulheres e que atingem toda a sociedade machista e patriarcal na qual vivemos e contra a qual buscamos lutar. Foi relatado, nessa experiência, que era mais fácil escrever a respeito das mulheres pois elas fazem mais coisas e, chama a atenção, que quando se fala de homens e do que eles fazem logo nos lembramos de como tratam as mulheres e outras pessoas com

agressividade e com ar de superioridade como se fossem os únicos que fizessem alguma coisa verdadeiramente importante em suas vidas. Foi dito que, para a maior parte dos homens, a mulher é como se fosse um chão que pode ser pisado, mas que na verdade a responsabilidade do homem era cuidar da sua mulher para que ela tivesse condições de cuidar da sua família. De igual forma, foi dito que, no fundo, a culpa sempre é da mulher, pois, como mães, elas mimam seus filhos homens e os deixam mal-acostumados e, depois, eles querem que suas esposas façam o mesmo e sejam tão boas quanto suas mães o foram.

Essa noção de que a culpa recai sobre as mulheres foi especialmente marcante para mim, enquanto pesquisadora. É particularmente problemático perceber o quanto a responsabilidade, frequentemente expressada como culpa, recai de forma desproporcional sobre os ombros femininos. Mesmo quando as situações de injustiça e opressão são estruturadas por dinâmicas sociais e culturais que as ultrapassam individualmente, a narrativa dominante as leva a sentir-se responsáveis pelo que vivem ou pelo que conseguem mudar. Essa internalização da culpa não apenas reforça a opressão, mas também dificulta a construção de um senso pleno de pertencimento e merecimento de direitos. Observar esse processo em campo provoca desconforto, pois evidencia como o peso simbólico e emocional da desigualdade é sustentado não só pelas estruturas externas, mas também por mecanismos sutis de autovigilância e autossilenciamento.

A pessoa que estava ministrando essa conversa levantou uma pergunta importante que não teve respostas verbalizadas na hora, mas que incentiva a pensar a respeito por muito tempo. A pergunta era: 'O que eu faço no meu dia a dia para mudar a ideia do patriarcado?' Ela instigou um pouco mais dizendo ainda que existe uma rede de patriarcado que está aí e precisa ser combatida.

Essa motivação feita por ela, trouxe à tona dois relatos que dizem muito sobre o patriarcado. O primeiro chama a atenção, por como o patriarcado se coloca no nosso meio e nas nossas igrejas e nós os acatamos com tranquilidade, pois está na boca do pastor então deve ser palavra de Deus. O relato fala a respeito da roupa que se usa. A mulher relata que, desde que entrou na igreja, passou a usar roupas, segundo ela, mais decentes, que escondem mais o corpo. Ela acredita que não está certo mostrar seu corpo, mostrar o corpo seria estar se exibindo e isso está errado. Esse relato nos mostra como igrejas também agem como instrumento do poder e da violência simbólica, conceituados por Bourdieu, enquanto controlam os corpos femininos.

Vinculadas a esse meio, as mulheres ouvem tão repetidamente a respeito que incorporam essa norma religiosa como sendo uma verdade única.

O outro relato mostra como, desde sempre, as mulheres vão sendo condicionadas a não falar, a não se intrometer em questões nas quais não se considera devida a sua intervenção. O relato foi de que, ainda criança, ao se intrometer na conversa do pai e do irmão na busca de mais informações, a mulher apanhou para que não mais se intrometesse nas conversas de pessoas adultas. Novamente, podemos perceber o conceito de Bourdieu na prática somado a uma violência física. Nesse relato, observamos uma incorporação simbólica do lugar de não-fala que se é atribuído à mulher pelo regime patriarcal incorporado na vida familiar.

Em resumo, essa aproximação feita no mês de agosto de 2024 com a cooperativa de trabalho Mundo Mais Limpo possibilitou a compreensão das dinâmicas internas do grupo e a reflexão sobre questões fundamentais, como o impacto do patriarcado nas vivências das mulheres. Os encontros não apenas reforçaram os valores de cooperativismo e economia solidária, mas também trouxeram à tona desafios sociais e culturais que atravessam suas histórias, ampliando as perspectivas da pesquisa e seu compromisso com a transformação social.

Em setembro de 2024, a agenda das partes envolvidas na pesquisa enfrentou novos obstáculos, resultando na interrupção temporária das interações. No entanto, esse período foi utilizado para estruturar um calendário de encontros, visando mitigar os problemas relacionados à conciliação de horários e à comunicação entre as partes. A partir de outubro, os encontros passaram a ocorrer de maneira mais fluida, com uma periodicidade previamente planejada. A pesquisadora estabeleceu um cronograma regular de reuniões com o grupo, que aconteciam quinzenalmente, e participou ativamente das atividades da cooperativa, auxiliando na produção às terças, quartas e quintas-feiras.

Tal relação estabelecida proporcionou a confiança mútua entre as cooperadas e a pesquisadora, possibilitando que as conversas e interações fossem mais fluídas e honestas sobre situações abusivas e de abandono vividas por cada uma em sua individualidade. Apesar de relatos muito particulares salta aos olhos o fato de que todas elas sofrem ou sofreram com algum tipo de abuso que deriva do patriarcado e machismos instaurados na nossa sociedade, bem como poucas ou nenhuma se

colocam em primeiro lugar e há uma negligência por parte delas próprias em cuidar de sua saúde.

Abusos verbais, psicológicos, financeiros, traições, falta de dignidade habitacional foram algumas das questões colocadas. Mesmo em poucos dias de contato com as mulheres da cooperativa de trabalho Mundo Mais Limpo já foi possível observar que suas vidas eram muito tocadas por violências patriarcais.

A seguir serão relatados os problemas destacados pelas mulheres durante o tempo de trabalho conjunto. Não há marcação exata sobre em qual dos encontros esses diálogos ocorreram, visto que, os assuntos iam e vinham e, em meio à produção da cooperativa, poucos espaços surgiam para que assuntos novos fossem trazidos para o diálogo. Apesar de tentativas de inserção de assuntos que contribuiriam com a pesquisa, percebe-se que, por não existirem esses momentos em que elas se sentiam verdadeiramente ouvidas por outras pessoas, a pesquisadora se encontrava muitas vezes no lugar da escuta pastoral e sempre, de novo ouvia, os mesmos relatos, permitindo que essas mulheres pudessem processar internamente os problemas que enfrentaram nas suas vidas até o momento e que ainda enfrentavam diariamente.

3.2.2 Relatos de vida: ecofeminismo na pele

Este tópico apresenta os relatos de vida das cooperadas que são fundamentais para ancorar a pesquisa na realidade concreta. Suas narrativas revelam como corpo, território e cotidiano se entrelaçam, materializando o ecofeminismo na pele. Através de suas vozes visibilizamos saberes marginalizados e analisamos as estruturas de opressão que enfrentam, bem como suas estratégias de resiliência. Os relatos não só legitimam essas mulheres como sujeitos de conhecimento, mas também documentam o processo dialógico onde conhecimento e transformação caminham juntos.

A insegurança habitacional é uma realidade constante para muitas mulheres da cooperativa, e acompanha suas trajetórias muito antes da organização atual existir. As irmãs da Ordem Missionária de Cristo Ressurreto estão por trás do trabalho da cooperativa, mas já estavam no auxílio às mulheres mesmo antes da formação da cooperativa oferecendo suporte material e emocional em momentos de necessidade. Hoje, a maioria das cooperadas vive em uma mesma área de moradia irregular, sem

acesso estável a água e energia elétrica, mas compartilham o mesmo sonho de que um dia possam ter a posse legal das terras onde construíram suas casas.

Foi percebida uma diversidade religiosa da cooperativa, no grupo há mulheres católicas, evangélicas pentecostais e algumas afastadas das igrejas pentecostais. As mulheres que organizam a agenda da cooperativa, a logística do recolhimento de óleo pela cidade de São Leopoldo – RS e que estabelecem o dia e a quantidade de sabão que precisa ser feito são as freiras da Ordem Missionária de Cristo Ressurreto. Há mulheres que foram batizadas católicas, que, enquanto crianças, participaram da umbanda e, hoje, estão em igrejas evangélicas. Igrejas citadas foram Deus é Amor Assembleia de Deus, ambas igrejas pentecostais. Algumas dessas mulheres assumem cargos em ministério das suas igrejas, como o ministério da dança e do culto infantil. Há relatos de desligamento com as igrejas evangélicas advindo do desapontamento com a questão de como a vivência na igreja é separada da vivência fora dela. A narrativa foi de um julgamento recebido sobre a roupa que estava sendo usada em culto, mas a mesma pessoa que a julgou se vestia de forma vulgar na rua.

Em seguida, apresento relatos sobre a vida de algumas mulheres da cooperativa. Esses relatos são importantes para que possamos perceber o local de onde cada uma delas parte. Eles ancoram a pesquisa na realidade concreta. Querem tornar visível o que por muitas vezes é invisibilizado, denunciando as desigualdades e legitimando os saberes que muitas vezes são marginalizados. Com eles queremos reconhecer que as mulheres da cooperativa não são e não foram apenas objetos dessa pesquisa, mas sujeitas de conhecimento. A partir desses relatos, poderemos analisar criticamente as estruturas de opressão e as estratégias de resistência e resiliência. Esses relatos querem documentar o processo dialógico no qual o conhecimento e a transformação caminham juntos. Para além disso os relatos querem revelar a integralidade entre corpo território e o cotidiano.

O nome das mulheres foi alterado para nomes de flores para evitar a possibilidade de identificação. As flores remetem à vida, à resistência e à beleza que florescem mesmo em meio a dificuldades e precariedades. Fato esse que se conecta a história e a realidade das cooperadas que, mesmo em meio a adversidades, seguem firmes criando, cuidando e gerando possibilidades de vida. Usar o nome de flores também nos conecta ao ecofeminismo. Bem como a natureza, os corpos e as histórias das mulheres são frequentemente explorados e violentados, mas também são fontes de cura, força e renovação. Assim como as flores, cada mulher possui sua cor, sua

forma, sua fragrância, sua história, permitindo que valorizemos suas singularidades sem revelar quem está por trás de cada uma das narrativas.

3.2.2.1 História 1 – Rosa

Rosa enfrentou momentos de extrema fragilidade quando suas crianças eram pequenas. Em certo período, quase perdeu a guarda delas por conta das condições precárias de moradia. Foi graças ao apoio das irmãs missionárias que conseguiu uma casa em melhores condições e pôde permanecer com as crianças. Ainda assim, sua vida foi marcada por perdas dolorosas incluindo o falecimento de um filho adulto em um acidente de trabalho. Esse acidente deixou uma ferida profunda dificultando sua relação afetiva com seus demais descendentes. Ela percebe que, às vezes, sentem distância emocional por parte dela. Rosa descreve o tempo em que não tinha vínculos institucionais religiosos como um período confuso, no qual se envolveu em um relacionamento e construiu uma família. Atualmente, participa ativamente de uma comunidade religiosa, segue suas normas de vestimenta e realizou seu sonho de se casar civilmente. Ela mantém o matrimônio mesmo diante do histórico de desrespeito e comportamentos abusivos do marido. O marido, dependente químico, consome parte de sua renda com drogas, apresenta comportamento controlador e desrespeitoso. Embora tenha conseguido que ele saísse da casa dela, não considera o divórcio por suas convicções pessoais e religiosas. Entre dificuldades conjugais e familiares relata sentir-se frequentemente em estado depressivo, mas afirma que precisa resistir para não ceder a pensamentos suicidas, pois acredita que isso comprometeria sua salvação espiritual.

Sua trajetória ilustra a intersecção entre gênero, classe e religião. A quase perda da guarda das crianças, devido a precariedade habitacional, revela como a pobreza é feminizada e usada como instrumento de controle sobre as mulheres mães,²⁰⁶ gerando mais que opressão de classe, mas uma específica de gênero o perigo do desmantelamento do núcleo familiar, com sofrimento psíquico causado pela possibilidade de afastamento de suas crianças. O apoio das irmãs missionárias, um serviço que pode ser caracterizado em ministério diaconal, representou não apenas ajuda material, mas a construção da sororidade como rede de sustentação tão cara

²⁰⁶ HOOKS, 2019, p. 60-63.

ao ecofeminismo.²⁰⁷ Apesar da rede de empoderamento formada pela cooperativa, ela fica exposta a vulnerabilidade devido a sua permanência em um matrimônio abusivo, justificada por convicções religiosas. Essa situação exemplifica o que Bourdieu denominaria de “aceitação do sofrimento como destino.”²⁰⁸ Paradoxalmente, é também na fé que Rosa encontra forças para resistir aos pensamentos suicidas, demonstrando a ambivalência da religião como um fenômeno onde, ao mesmo tempo em que legitima a submissão, também oferece recursos simbólicos para a sobrevivência.

3.2.2.2 História 2 – Margarida

A trajetória de Margarida é marcada por instabilidade e muitas mudanças de endereço. Em uma das mudanças, durante a gestação, viajou em condições muito precárias devido aos altos custos de transporte. Passou por um período de separação conjugal após uma traição do marido mediada por contatos virtuais. Nesse tempo, enfrentou um quadro grave de saúde e uma forte sensação de solidão, chegando a perder o apetite. Posteriormente, reconciliou-se com o marido, interpretando o ocorrido como resultado de uma tentação espiritual. Em suas falas, demonstra certo desconforto com práticas religiosas de pessoas vizinhas com uma denominação diferente da sua. Atualmente, o marido trabalha em serviços de entrega e transporte de passageiros.

Margarida personifica o corpo-território em disputa, seu constante deslocamento geográfico reflete a instabilidade que marca a vida de mulheres periféricas. A gestação em condições precárias de transporte evidencia como a violência obstétrica começa muito antes do parto, na negligência com a mobilidade urbana das grávidas pobres. Sua reconciliação após a traição, interpretada como “tentação espiritual”, revela a espiritualização das violências, mecanismo que transforma agressões concretas em provações divinas. Esse mecanismo simbólico pode ser interpretado como uma das faces mais perversas do patriarcado religioso.²⁰⁹ O desconforto com práticas religiosas diferentes sugere como a religião também opera como fronteira simbólica entre comunidades pobres, fragmentando possíveis alianças

²⁰⁷ GEBARA, 1997, p. 61-62.

²⁰⁸ BOURDIEU, 2012, p. 51-54.

²⁰⁹ ULLOA, 2021, p. 37-39.

entre mulheres. Como construir solidariedade que transcendam barreiras doutrinárias é uma contradição que o ecofeminismo precisa enfrentar.

3.2.2.3 História 3 – Jasmim

Jasmim vive com o marido, diagnosticado com transtorno de saúde mental, mas que se recusa a realizar tratamento. Em momentos de maior instabilidade, ele apresenta comportamento agressivo, já chegando a golpear a parede durante discussões. A ausência de vínculo formal no trabalho dele gera insegurança financeira para a família. Além disso, mesmo diante de problemas de saúde, ele evita buscar tratamento médico adequado. Questões de saúde de Jasmim dificultam o uso de anticoncepcionais, levando a uma gestação não planejada, sem acompanhamento médico desde o início. Batizada na tradição católica, não manteve vínculo religioso ativo na vida adulta.

A vida de Jasmim explicita como a saúde das mulheres pobres torna-se território de negociação impossível entre necessidades biológicas e sobrevivência econômica. A gestação não planejada, sem acompanhamento médico, revela o que é denunciado como violência reprodutiva onde o direito ao cuidado pré-natal é negado pela intersecção entre pobreza e patriarcado.²¹⁰ O marido com transtorno mental não tratado, que apresenta comportamentos agressivos, ilustra como a saúde mental masculina negligenciada recai sobre as mulheres como trabalho emocional não remunerado. Esta dinâmica materializa o conceito de “cuidado como ônus feminino”.²¹¹ A ausência de vínculo religioso na vida adulta de Jasmim, contrastando com as mulheres, sugere diferentes estratégias de busca por autonomia espiritual e, talvez, uma recusa inconsciente às estruturas que naturalizam seu sofrimento.

3.2.2.4 História 4 – Hortência

Hortência é mãe e vive separada do ex-companheiro, que não pode se aproximar dela por decisão judicial. Depois de começar a trabalhar na cooperativa, decidiu retomar os estudos, abrindo novas possibilidades para seu futuro.

Hortência representa a potência transformadora do trabalho coletivo como catalisado de projetos de vida interrompidos. Sua decisão de retomar os estudos após ingressar na cooperativa exemplifica o que hooks identifica como “educação como

²¹⁰ PEREIRA, 2009, p. 34-35.

²¹¹ GEBARA, 1997, p. 62-63.

prática de liberdade” em que o acesso ao conhecimento se torna uma ferramenta de reescrita de destinos.²¹² A medida protetiva contra o ex-companheiro evidencia como o Estado pode, quando acionado, operar como aliado na ruptura de ciclos de violência, ainda que insuficiente para garantir autonomia plena. Esta tensão entre proteção estatal e emancipação real é central nas discussões ecofeministas sobre políticas públicas.²¹³ Sua trajetória sintetiza o potencial emancipatório da economia solidária onde, mais do que geração de renda, há a possibilidade de reconstruir autoestimas e projetos interrompidos pela violência de gênero.

3.2.3 Autogestão e autoritarismo: dilemas éticos na prática cooperativista

Este tópico analisa os dilemas éticos inerentes à prática cooperativista, onde o ideal da autogestão esbarra na reprodução inconsciente de estruturas autoritárias. A investigação revela como as marcas do patriarcado e de experiências laborais anteriores persistem no cotidiano do grupo, manifestando-se na dificuldade de dissociar responsabilidade de autoridade. Paralelamente, aborda a tensão vivida pelas cooperadas entre a autonomia conquistada no espaço de trabalho e os papéis de gênero tradicionais exigidos por suas comunidades religiosas, uma dupla militância que tensiona a busca por uma nova ética das relações. Por fim, reflete sobre como essas dinâmicas revelam a profundidade entranhada na cultura machista e a urgência de uma práxis que uma crítica e ação para superá-la.

Nas experiências de trabalho anteriores à cooperativa, algumas participantes vivenciaram ambientes nos quais lideranças utilizavam práticas autoritárias e desrespeitosas. Esses aprendizados, ainda que dolorosos, acabam sendo reproduzidos de forma inconsciente no espaço de trabalho atual. Mesmo em uma organização que se propõe horizontal e colaborativa, surgem situações em que determinadas funções, percebidas como de maior responsabilidade, são associadas a maior autoridade. Nessas circunstâncias, ideias diferentes e sugestões para otimizar o trabalho podem ser desconsideradas por não seguirem o padrão já estabelecido, reforçando a lógica de que o “modo certo” é aquele prescrito por quem coordena. Esta reprodução inconsciente de hierarquias revela o que Gebara identifica como a

²¹² HOOKS, 2019, p. 50-52.

²¹³ SAFFIOTI, 2015, p. 48-49.

naturalização das estruturas de dominação.²¹⁴ Mesmo em espaços que buscam a transformação, as marcas do patriarcado persistem como leis incorporadas²¹⁵, demonstrando que a libertação exige não apenas mudança estrutural, mas conversão interior.

Observa-se, nesse contexto, um dilema moral que atravessa a vida dessas mulheres. A participação em uma cooperativa que valoriza o trabalho feminino e promove reflexões sobre justiça de gênero amplia horizontes, fortalecendo a percepção de que a igualdade entre homens e mulheres é possível e desejável. Ao mesmo tempo, muitas mantêm vínculos com tradições religiosas que preservam papéis de gênero mais rígidos, nos quais a liderança e a decisão final ainda são majoritariamente atribuídas aos homens. Esse contraste cria tensões internas, pois, em um espaço, elas experimentam autonomia e valorização, enquanto, em outro são chamadas a ocupar posições de obediência e deferência. Esta tensão experimentada na cooperativa e a submissão exigida em comunidades religiosas ecoa a crítica ecofeminista de que a dimensão de gênero não só tem algo a acrescentar ao conhecimento, mas modifica seus princípios, seu fundamento e expressão histórica.²¹⁶ As mulheres vivem o que Pereira chama de dupla militância²¹⁷, visto que, lutam por novas relações de gênero enquanto navegam em tradições que as subalternizam.

Ao acompanhar o cotidiano das mulheres da cooperativa, percebi de forma cada vez mais evidente o impacto negativo das estruturas machistas em suas vidas. Esse sistema, presente tanto nas relações domésticas quanto comunitárias, não apenas limita oportunidades, mas também compromete a dignidade e a qualidade das interações humanas. Nas situações observadas, alguns comportamentos masculinos, reforçados por essa lógica, mostram-se destituídos de valor ético ou sensibilidade para com as outras pessoas, revelando um padrão de relações que fragiliza laços e naturaliza desigualdades. Trata-se de uma presença constante, que atua de maneira silenciosa ou explícita, e que exige das mulheres resiliência e estratégias diárias para enfrentá-las.

²¹⁴ GEBARA, 1997, p. 51.

²¹⁵ BOURDIEU, 2012, p. 51.

²¹⁶ GEBARA, 1997, p. 67.

²¹⁷ PEREIRA, 2009, p. 35.

O fato de que mesmo em um espaço emancipatório como a cooperativa as hierarquias se reproduzem revela a profundidade do que o Papa Francisco chama de cultura do descarte²¹⁸ e que é aplicada não apenas às coisas, mas aos modos de relacionamento. A transformação exige, portanto, o que Hooks identifica como práxis revolucionária que tem a intenção de unir reflexão crítica e ação transformadora.²¹⁹

3.2.4 Empoderamento como libertação integral: a reconquista da própria autoridade

Em seguida, apresento as falas registradas no caderno de campo em uma das conversas. Elas mostram o sentimento das mulheres da cooperativa com relação à autonomia financeira que encontram a partir da dignidade do trabalhar na cooperativa. O diálogo que se segue não é apenas um relato sobre trabalho e renda, mas a materialização concreta do que Hooks define como feminismo para todo mundo, pois demonstra uma prática política que transforma a consciência e permite às mulheres se reconhecerem como sujeitas de suas próprias vidas.²²⁰ Aqui a economia solidária revela seu potencial revolucionário quando não apenas gera renda, mas produz subjetividades livres. Ele é uma síntese da transformação pessoal e coletiva possibilitada pelo trabalho autogestionário.

Pessoa 1: - “No final do mês tu vai ter o teu salário pra ti poder comparar tudo o que tu quer, isso para mim é muito bom! Eu tive o direito de poder viver para mim! Muito bom essa parte.”

Pessoa 2: - “Isso é empoderamento!”

Pessoa 1: - “Sim e eu pude achar isso para mim!”

Pessoa 2: - “Empoderamento não é só ter poder para mandar!”

Pessoa 1: - “Eu tive autoridade sobre a minha própria pessoa.”

Pessoa 3: - “Essa é a maior conquista!”

Pessoa 1: - “Eu consegui essa parte para mim. Eu sou eu, eu posso, eu vou, eu consigo, eu vou viver para mim, eu vivo para mim! E quem me proporcionou isso foi o Mundo Mais Limpo!”

Nos relatos das mulheres, quando se trata em questões financeiras, é consensual que o trabalho na cooperativa lhes trouxe a liberdade de poderem ser elas mesmas, de poderem comprar as coisas que desejam. Tudo isso utilizando do seu próprio dinheiro, adquirido com muito esforço, suor e cooperativismo. Nesses relatos,

²¹⁸ FRANCISCO, 2015, p. 57.

²¹⁹ HOOK, 2019, p. 56.

²²⁰ HOOKS, 2018, p. 21.

podemos observar a materialização do empoderamento feminino. O trabalho na cooperativa gera autodescoberta e consciência crítica a respeito do próprio valor que cada uma das mulheres possui. Nesse diálogo, percebe-se na prática a mudança de consciência proporcionada pela cooperativa e pelo trabalho que lá é exercido. A cooperativa é o espaço concreto onde o compromisso político pela libertação das mulheres se realiza.

Esta sequência de falas exemplifica o que hooks descreve como autodescoberta através da prática coletiva.²²¹ Quando a Pessoa 1 afirma “Eu tive autoridade sobre a minha própria pessoa”, ela está enunciando o que Bourdieu teoriza como ruptura com a violência simbólica²²² que é o momento no qual as dominadas cessam de ver o mundo com os olhos dos dominadores. A distinção feita pela Pessoa 2 entre “empoderamento” e “poder para mandar” revela uma compreensão mais sofisticada do poder como capacidade de agência e não como dominação sobre outras pessoas. Esta nuance ecoa a epistemologia ecofeminista de Gebara, para quem o verdadeiro poder reside na capacidade de autodeterminação em comunidade.²²³ A frase “Eu sou eu, eu posso, eu vou, eu consigo” constitui um verdadeiro mantra de autoafirmação que materializa na linguagem a transformação subjetiva ocorrida. Não se trata apenas de acesso a recursos materiais, mas do que Saffioti identifica como “reconquista da soberania sobre si” que é um processo fundamental para a superação da opressão patriarcal.²²⁴ Finalmente o reconhecimento de que “quem me proporcionou isso foi o Mundo Mais Limpo” demonstra como a autonomia individual se constrói coletivamente. Esta é a essência do que Pereira denomina como ecossocialismo feminista que é compreensão de que a libertação pessoa está inextricavelmente ligada à transformação das estruturas econômicas e sociais.²²⁵

3.2.5 Religião e gênero: a bíblia como campo de disputa

As tensões entre tradição religiosa e emancipação feminina emergiram de forma particularmente aguda durante um diálogo sobre a narrativa de Adão e Eva.

²²¹ HOOKS, 2019, p. 50-52.

²²² BOURDIEU, 2012, p. 47-48.

²²³ GEBARA, 1997, p. 33-34.

²²⁴ SAFFIOTI, 2015, p. 84-85.

²²⁵ PEREIRA, 2009, p. 35.

Este episódio revela como a interpretação bíblica torna-se território de conflito entre visões patriarcais consolidadas e leituras ecofeministas emergentes, demonstrando na prática o que Gebara identifica como a “luta pelo direito de reinterpretar o sagrado”.²²⁶

Durante um dos encontros na cooperativa, a pesquisadora problematizou a integridade de Adão ao atribuir a Eva a responsabilidade pelo pecado original, sugerindo que “quem sabe, Eva podia comer do fruto, ou não ficou sabendo da proibição que havia sido informada apenas para Adão, ou ainda, que a história contada havia sido a versão de Adão, e que nesse caso, quem havia comido o fruto primeiro poderia ter sido ele”. Essa intervenção, embora feita de maneira descontraída com o intuito de problematizar a veracidade do que é dito por homens, desencadeou uma reação intensa que merece uma análise cuidadosa. Percebeu-se que o problema não estava na fala, mas sim em mexer com fundamentações bíblicas existentes e que temas bíblicos e religiosos, são muito sensíveis para serem questionados de forma “abrupta”.

A resposta defensiva da cooperada insistia que “Eva não veio para ser submissa a Adão e estar abaixo de seus pés, mas que ela veio para estar ao seu lado fazendo as coisas por ele”, exemplifica o que Butler teoriza como investimento identitário nas narrativas dominantes.²²⁷ Para esta mulher, questionar a versão patriarcal de Gênesis representava uma ameaça aos alicerces de sua cosmovisão religiosa e, conseqüentemente, de sua identidade. Essa tensão materializa, na prática, a naturalização de hierarquias de gênero através de leituras literais de textos sagrados.²²⁸ Contudo, já há uma desconstrução dos termos e do papel da mulher em gênesis, mas, do qual, ela ainda apresenta certa resistência em tomá-lo para si como uma nova verdade. A resistência em reconsiderar o papel de Eva revela como, para muitas mulheres, a manutenção de certas interpretações bíblicas funciona como estratégia de pertencimento comunitário, ainda que ao custo da própria subordinação simbólica. O conflito intrapsíquico gerado pelo contato entre visões de mundo incompatíveis²²⁹ foi identificado a partir da defesa ferrenha de uma interpretação que

²²⁶ GEBARA, 1997, p. 42.

²²⁷ BUTLER, 2003, p. 19-21.

²²⁸ GEBARA, 1997, p. 44-45.

²²⁹ SAFFIOTI, 2015, p. 84.

coloca a mulher em posição de serviço podendo estar mascarando um mal-estar não resolvido em essa mesma posição.

Essa experiência demonstra os limites e possibilidades do diálogo ecofeminista em contextos de forte tradição religiosa. Como observa Pereira

[...] a teologia feminista latino-americana, em especial no trabalho de hermenêutica bíblica, tem diante de si o desafio e a oportunidade de somar esforços na construção de espaços de crítica, superação e criação das representações do imaginário das e para as mulheres.²³⁰

O desconforto gerado pelo debate sinaliza que o processo de desnaturalização do patriarcado religioso é lento e cheio de resistências. Contudo, o próprio fato de o debate ter ocorrido e o alerta sobre temas religiosos serem temas sensíveis já representam avanços. Como ensina hooks o feminismo como compromisso político nos engaja em uma práxis revolucionária²³¹ que inclui justamente a coragem de enfrentar os tabus e silêncios que sustentam a opressão.

3.2.6 Saúde e autocuidado: quando sobreviver é mais urgente que viver

A negligência com a saúde pessoal emergiu como um padrão recorrente entre as mulheres da cooperativa, revelando como o autocuidado torna-se luxo inacessível quando a sobrevivência imediata da família está em jogo. Essa dinâmica materializa, na prática, a exploração do corpo feminino como recurso infinito de cuidado, mesmo à custa do próprio bem-estar, fato esse tão denunciado pela economia feminista.

O acompanhamento do cotidiano da cooperativa revelou um padrão de postergação sistemática da saúde das mulheres em favor das demandas laborais e familiares. Como registrado no caderno de campo, “para que buscassem atendimento médico para resolver questões de saúde, algumas mulheres precisavam de incentivo insistente por parte de outras pessoas.” Essa postura exemplifica o que a ecofeminista Gebara identifica como ética do cuidado invertida onde as mulheres são socializadas para cuidar de todas as pessoas, exceto de si mesmas.²³² As observações de que “dores de cabeça, problemas dentários, dificuldade de visão e até lesões não

²³⁰ PEREIRA, 2009, p. 27.

²³¹ HOOKS, 2019, p. 56.

²³² GEBARA, 1997, p. 62-63.

interrompem a rotina laboral”²³³ demonstra como o sofrimento físico é normalizado como parte do cotidiano feminino.

A justificativa econômica percebida e relatada no caderno de campo “não querer perder dias de trabalho, pois isso significaria menos recursos para fechar o mês” revela a interseção entre gênero e classe que Saffioti analisa como opressão em cascata.²³⁴ Para mulheres pobres, a escolha entre saúde e sustento é sempre uma equação perversa onde seu próprio corpo é a variável de ajuste. Essa dinâmica encontra eco na reflexão de Pereira sobre corpos-territórios em exaustão que destaca que, como a natureza é explorada até o seu esgotamento, os corpos das mulheres pobres são levados ao limite na luta pela sobrevivência.²³⁵

O contraste entre a negligência consigo mesma e a prontidão para cuidar de suas crianças era flagrante. Havia prontidão, por parte das cooperadas em acompanhar filhos e filhas em tratamentos, ilustrando o que Hooks denuncia como o mandato do sacrifício feminino.²³⁶ Essa disposição incondicional para o cuidado de outras pessoas, ainda que à custa da própria saúde, é celebrada socialmente como uma virtude materna, quando na realidade constitui uma forma de violência estrutural. Como Ulloa argumenta, o ecofeminismo deve olhar para as mulheres reais, em seus contextos concretos de pobreza e exclusão.²³⁷ A saúde negligenciada não é apenas fruto da socialização de gênero, mas da precariedade material que força escolhas impossíveis.

A cooperativa, embora espaço de empoderamento, não consegue romper completamente com esta lógica, pois opera dentro de um sistema econômico que valoriza a produtividade acima do bem-estar. Contudo, há esperança na observação de que algumas mulheres começam a reconhecer seu próprio valor através do trabalho da cooperativa. Como uma delas afirmou: “Eu sou eu, eu posso, eu vou, eu consigo”. Autoafirmação que pode ser o primeiro passo para entender que cuidar de si não é egoísmo, mas condição para continuar cuidando do mundo. É a semente de uma nova ética, ecofeminista, que entende que a sustentabilidade da “casa comum” começa pela integridade das mulheres que a habitam e sustentam.

²³³ Extraído do caderno de campo.

²³⁴ SAFFIOTI, 2015, p. 90-92.

²³⁵ PEREIRA, 2009, p. 34-35.

²³⁶ HOOKS, 2019, p. 60-63.

²³⁷ ULLOA, 2021 p. 37-39.

3.3 CONCLUSÃO

A trajetória da Cooperativa de Trabalho Mundo Mais Limpo, analisada ao longo deste capítulo, revela-se como um microcosmo potente de lutas, contradições e resistências que permeiam a vida das mulheres em contextos de vulnerabilidade socioeconômica. Mais do que uma iniciativa de geração de trabalho e renda, a cooperativa se configura como um espaço de transformação social, onde os princípios do cooperativismo e da economia solidária se entrelaçam com as demandas concretas por justiça de gênero e sustentabilidade ambiental, conformando um rico campo de estudo para a práxis ecofeminista.

A história da cooperativa, marcada por perseverança diante de adversidades institucionais e da precariedade material, ilustra a coragem coletiva necessária para construir alternativas econômicas em um sistema que frequentemente marginaliza o trabalho feminino. A transformação do óleo de cozinha usado em produtos de limpeza e velas aromáticas não é apenas um gesto técnico de reciclagem, antes é um ato simbólico de cuidado ampliado com elas próprias, com a comunidade e com o território. Esse cuidado, para além de sua dimensão ecofeminista, pode ser interpretado como uma expressão prática de uma espiritualidade encarnada que valoriza a criação e promove a justiça socioambiental. Ao agregar valor simbólico e econômico a um resíduo poluente, essas mulheres praticam uma forma de ecologia encarnada, onde a sustentabilidade ambiental e a autonomia feminina se reforçam mutuamente, desafiando a lógica do descarte que atinge tanto a natureza quanto seus corpos.

Os diálogos e as vivências compartilhadas, no entanto, não ocultam as profundas marcas do patriarcado. Os relatos de violência doméstica, abandono, sobrecarga de cuidados e a naturalização da negligência com a própria saúde mostram como os corpos-territórios das mulheres são campos de batalha onde se travam conflitos de gênero, classe e raça. A internalização da culpa, a dificuldade em questionar interpretações religiosas patriarcais e a reprodução inconsciente de hierarquias mesmo no espaço cooperativo demonstram a eficácia da violência simbólica e a complexidade do processo de libertação, que é sempre parcial, contraditório e está sempre em construção. Essa complexidade revela a profundidade com que as estruturas de pecado social se entranham nas subjetividades, exigindo um processo contínuo de conversão pessoal e comunitária que vai além das

mudanças estruturais. A tensão entre a autonomia experimentada na cooperativa e a submissão exigida em outros âmbitos de suas vidas evidencia que a dominação patriarcal é uma estrutura que não se desfaz apenas com a independência financeira, mas que exige uma contínua desconstrução interna e coletiva.

Contudo, é justamente nas brechas dessas contradições que surgem os lampejos de transformação. O empoderamento experimentado através da autonomia financeira materializa a ruptura prática com a lógica da dominação. A cooperativa funciona, assim, como uma comunidade de suporte e ressignificação, onde as mulheres não apenas ganham salário, mas reconquistam e conquistam a dignidade, ressignificam suas histórias de dor e forjam novas identidades baseadas na sororidade e na agência coletiva. Nesse processo, podemos observar uma dimensão de esperança escatológica, onde sinais de um novo modo de ser comunidade se fazem presente na história através de gestos concretos de libertação e cuidado que figuram valores do Reino de Deus. Este é o cerne do empoderamento como libertação integral que a pesquisa pôde testemunhar.

Portanto, a Mundo Mais Limpo não é um caso idealizado, mas um exemplo vivo e real da práxis ecofeminista. Sua experiência configura um verdadeiro *locus theologicus*, um espaço privilegiado onde a fé se encarna na luta por dignidade, e onde a reflexão teológica é desafiada a partir das periferias existenciais. Ela evidencia que a luta por um mundo mais justo começa na transformação dos ambientes mais próximos, na reorganização das relações de produção e cuidado e na coragem de mulheres que, ao cuidar da Terra e umas das outras, reinventam diariamente as possibilidades de existência mais plena e sustentável. O estudo desta cooperativa demonstra que o ecofeminismo, longe de ser uma teoria abstrata, é uma ferramenta vital para interpretar e potencializar as lutas das mulheres que, com os pés no chão de sua realidade, já constroem alternativas de cuidado, economia e comunidade.

4. PROPOSTA FORMATIVA

A partir do trabalhar em conjunto, do conviver, do ouvir e do perceber o movimento da cooperativa e o que seria importante trazer para aquele grupo de mulheres a respeito do ecofeminismo, surge uma primeira proposta de formação idealizada pela pessoa pesquisadora. Nessa primeira proposta, pensava-se em desenvolver o tema ao longo de 5 encontros, nos quais iriam sendo aprofundados os principais pontos do ecofeminismo, culminando na escrita de um 'manifesto ecofeminista da cooperativa'. Todos os encontros contariam com vídeos explicativos e ilustrativos que permitiriam uma melhor visualização dos temas, bem como contariam com atividades práticas para contribuir na internalização do conteúdo estudado.

Contudo, devido a vida agitada da cooperativa que demandava de muito trabalho de produção de sabão e velas, a primeira ideia precisou ser modificada. Visto que, para que pudesse ser concluída com êxito, como montada inicialmente ela demandaria de muitos meses de encontros com a cooperativa para que não atrapalhassem o serviço, da mesma forma tornando-se inviável para a pessoa pesquisadora aplicar esses encontros devido a finalização e defesa do seu mestrado que precisava ocorrer antes desse tempo para que os dados coletados pudessem aparecer de maneira clara no corpo da pesquisa.

Em comum acordo, chegou-se à decisão de que o melhor seria a realização de um único encontro de cerca de uma hora. A ideia era passar o conceito do ecofeminismo de maneira geral para que elas pudessem tomar consciência do significado do termo e de como elas vivem o ecofeminismo para dentro de suas atividades trabalhistas. Nesses termos o encontro se deu e mesmo assim, a participação foi diminuída, apenas três mulheres participaram da roda de conversa, devido a outros eventos que demandaram a participação das demais. Apesar disso foi um momento de troca muito rica e de uma conscientização ímpar.

Contudo, o fato de ser uma cooperativa de trabalho que busca melhorar a vida e a dignidade de vida das mulheres que nela atuam, para além do âmbito financeiro, as formações são pensadas e trazidas para dentro do espaço de trabalho, acarretando momentos que, por precisarem ser curtos, acabam não podendo se aprofundar e desenvolver os temas com a profundidade que as ajudariam no repensar as suas

vidas e o sistema patriarcal no qual estão envolvidas. O mesmo aconteceu na formação no tempo da integração entre pesquisadora e cooperativa. Os temas tratados eram de muita importância para elas, contudo, foram rapidamente apresentados e não chegaram na profundidade necessária para que elas pudessem internalizar o conhecimento transmitido de uma forma que permitisse que mudassem seus conhecimentos previamente sedimentados dentro dos quadros androcêntricos.

4.1 ECOFEMINISMO EM AÇÃO: MULHERES, COOPERAÇÃO E SUSTENTABILIDADE

A partir da convivência, da escuta atenta e da percepção sobre a dinâmica e as necessidades do grupo, foi idealizada pela pesquisadora uma primeira proposta de formação, estruturada e sequencial, para ser desenvolvida com as mulheres da cooperativa de trabalho Mundo Mais Limpo. O objetivo central era fornecer um embasamento teórico-prático sólido sobre o ecofeminismo, permitindo que as cooperadas não apenas reconhecessem suas práticas sob essa nova ótica, mas também se aproximassem criticamente de seus conceitos para repensar suas vidas e seu trabalho. O título escolhido, *Ecofeminismo em ação: mulheres, cooperação e sustentabilidade*, buscava refletir justamente essa integração entre reflexão e prática.

A estrutura de cinco encontros foi pensada para garantir uma progressão pedagógica, partindo de conceitos gerais e avançando para aplicações específicas no contexto da cooperativa, sempre valorizando os saberes prévios das participantes. Conforme defende hooks, a educação libertadora deve conectar a teoria à realidade vivida, tornando-se uma prática de liberdade.²³⁸ Da mesma forma a epistemologia de Gebara nos alerta que o conhecimento ecofeminista é processual e deve ser construído a partir da experiência concreta,²³⁹ o que orientou o desenho de cada atividade.

²³⁸ HOOKS, 2019, p. 50-52.

²³⁹ GEBARA, 1997, p. 64.

4.1.1 Encontro 1 – O que é Ecofeminismo?

O primeiro encontro teria como objetivo principal uma aproximação inicial e desmistificadora do ecofeminismo. A metodologia proposta incluía uma roda de conversa para levantar os entendimentos prévios sobre feminismo e ecologia, seguida da exibição de vídeos explicativos que introduzissem as conexões históricas e ideológicas entre a opressão das mulheres e a exploração da natureza, tal como analisado por Ruether.²⁴⁰ Seria feita uma apresentação das principais teóricas do ecofeminismo, visando mostrar a diversidade e a solidez do pensamento. Faríamos uma atividade prática, onde cada uma poderia desenhar ou escrever um aspecto do cotidiano que as conecta com a natureza, alinhando à proposta de Gebara de que o conhecimento “é perceber, captar, organizar, transformar em forma de sentido o universo no qual existimos”²⁴¹. Por fim, o mapeamento coletivo das atividades da cooperativa que já dialogam com o ecofeminismo serviria para ancorar a teoria na prática imediata do grupo, validando seu saber.

4.1.2 Encontro 2 – Mulheres e o Cuidado com a Terra

Este encontro se dedicaria a aprofundar a crítica às estruturas de exploração. O foco seria demonstrar, conforme fundamenta Boff que a crise ecológica é também uma crise ética e espiritual, que atinge de maneira particular as mulheres.²⁴² A discussão sobre o papel histórico das mulheres na sustentabilidade buscaria romper com a invisibilidade de suas contribuições, um dos alvos centrais da crítica feminista ao conhecimento androcêntrico. A leitura de trechos de Pereira sobre corpos-territórios em exaustão²⁴³ ajudaria a ilustrar de forma visceral essa conexão. A dinâmica em pequenos grupos, discutindo o impacto do trabalho da cooperativa, e a construção de um mural coletivo, materializariam a ideia de comunidade de suporte e ressignificação que a própria cooperativa representa.

²⁴⁰ RUETHER, 1992, p. 242.

²⁴¹ GEBARA, 1997, p. 64.

²⁴² BOFF, 2015, p. 52.

²⁴³ PEREIRA, 2009, p. 34-35.

4.1.3 Encontro 3 – Ecofeminismo na Prática: O Trabalho da Cooperativa

Aqui a proposta era fazer da própria cooperativa o caso de estudo central. A roda de conversa partiria das experiências das participantes para debater como a reciclagem e o reaproveitamento são gestos ecofeministas de resistência à cultura do descarte, expressão cunhada pelo Papa Francisco²⁴⁴. A análise da economia solidária como um modelo que privilegia a vida sobre o lucro se conectaria diretamente com a busca ecofeminista por alternativas sistêmicas, como aquelas discutidas por Solón²⁴⁵. O debate sobre os desafios internos e a escrita de propostas de melhoria teriam o duplo objetivo de fomentar a autogestão e exercitar a capacidade de intervenção crítica no próprio ambiente de trabalho, tornando as mulheres sujeitas ativas da transformação.

4.1.4 Encontro 4 – Autonomia e Resistência: O Poder das Mulheres na Sustentabilidade

O quarto encontro visava inspirar e empoderar, mostrando que a luta local da cooperativa é arte de um movimento global. A discussão sobre o protagonismo das mulheres em mudanças ambientais e sociais reforçaria a noção, defendida por hooks, de que o feminismo é para todo mundo e se manifesta nessas ações concretas.²⁴⁶ A listagem de princípios sustentáveis serviria de base para a criação do ‘manifesto ecofeminista da cooperativa’, um documento que sistematizaria, nas palavras do grupo, seu compromisso com uma práxis transformadora.

4.1.5 Encontro 5 – Reflexão e Encerramento do Módulo

O encontro final seria dedicado à sistematização e projeção futura. A recapitulação dos conceitos e a autoavaliação permitiriam consolidar a aprendizagem. A criação de um plano de ação ecofeminista, conforme a metodologia da pesquisa-ação descrita por Thiollent,²⁴⁷ transformaria a reflexão em um guia para a ação futura.

²⁴⁴ FRANCISCO, 2015, p. 20.

²⁴⁵ SÓLON, 2020, p. 147.

²⁴⁶ HOOKS, 2018, p. 21.

²⁴⁷ THIOLENT, 1986, p. 18-19.

Por fim, a leitura solene do manifesto, produto final do processo coletivo, representaria a coroação do ciclo formativo, simbolizando a apropriação do ecofeminismo pela cooperativa.

4.1.6 Conclusão parcial

O trabalho na cooperativa vem aumentando e, conseqüentemente, as demandas que cada uma das mulheres possui também. O aumento significativo de trabalho para elas com certeza é imprescindível e as ajuda a melhorar suas perspectivas de futuro, mas ocasiona em uma diminuição no tempo em que poderiam participar de uma formação. Por esse motivo, a proposta de 5 encontros foi reduzida a um único encontro, no qual, ainda assim, houve a participação de apenas três das cooperadas.

Os motivos que levaram a lotação da agenda da cooperativa têm relação com o seu envolvimento para fora dos muros do estabelecimento. Elas levam palestras e a cultura do feitiço do sabão para escolas e instituições que as convidavam, pois além do serviço da reciclagem elas também trabalham com a promoção da educação ecológica. Ao mesmo tempo, surgiram encomendas de sabão e velas que as sobrecarregaram de trabalho também dentro de seus muros.

4.2 ECOFEMINISMO COM OS PÉS NO CHÃO

A segunda proposta formativa foi a formação realizada com as mulheres da cooperativa de trabalho Mundo Mais Limpo. Teve cerca de uma hora de duração e foi intitulada de *Ecofeminismo com os pés no chão*. A escolha do nome buscou expressar a intencionalidade do encontro de enraizar conceitos que até então haviam sido apenas introduzidos de forma breve ao longo dos encontros. Durante esse momento procurou-se criar um espaço de troca e diálogo acessível, em que o ecofeminismo fosse compreendido não como uma teoria distante, mas como uma prática ligada ao cotidiano das participantes. Para isso, a pesquisadora partiu de exemplos concretos da vida das mulheres e das atividades da própria cooperativa, incentivando-as a relacionar as noções apresentadas com suas experiências de trabalho, de cuidado com a natureza e de enfrentamento às desigualdades de gênero. A proposta, assim, não se restringiu à transmissão de informações, mas buscou provocar reflexões

críticas e coletivas, valorizando os saberes já existentes no grupo e promovendo uma leitura ecofeminista situada em sua realidade, tal como propõe Gebara ao defender uma epistemologia contextual.²⁴⁸

Além de promover a reflexão sobre o ecofeminismo, essa proposta formativa assumiu também um caráter investigativo, possibilitando à pesquisadora compreender melhor como as mulheres da cooperativa se percebem em suas relações interpessoais. Essa dimensão foi importante para a pesquisa-ação, pois permitiu observar de que modo os laços de solidariedade, de apoio mútuo e, por vezes, de tensão, atravessam a experiência coletiva. A partir dessa escuta e convivência, a investigação se tornou, ao mesmo tempo, produção de conhecimento e espaço de transformação, na medida em que as próprias mulheres puderam refletir criticamente sobre as formas de relação que constroem no cotidiano da cooperativa. Assim, a atividade não se limitou a ser uma coleta de dados, mas se configurou como parte do processo educativo e político proposto pela pesquisa, materializando o duplo objetivo da pesquisa-ação de produzir conhecimentos e modificar uma situação, conforme descrito por Dionne.²⁴⁹

4.2.1 Cuidado como categoria central

Para concretizar essa proposta, o encontro foi iniciado com uma conversa aberta sobre o significado da palavra “cuidado” para cada uma das mulheres presentes. As respostas apresentaram diferentes nuances dessa experiência, trazendo termos como amor, carinho e preocupação (esta última acompanhada da explicação de que a preocupação constante com as pessoas próximas também é uma forma de cuidar). Essa partilha inicial serviu como porta de entrada para o diálogo, permitindo que as mulheres se reconhecessem em experiências comuns e valorizassem o cuidado como dimensão essencial de sua própria identidade coletiva.

Na sequência, a reflexão foi ampliada a partir da pergunta sobre quem, na sociedade atual, ocupa o lugar de cuidadora, quem são as pessoas que se dispõem a cuidar delas, as mulheres da cooperativa, e de outras pessoas em momentos de necessidade. Entre as respostas surgiram figuras diversas, como o marido de uma

²⁴⁸ GEBARA, 1997, p. 70.

²⁴⁹ DIONNE, 2007, p. 44.

das participantes e o pastor da comunidade, apontando tanto para relações familiares quanto para vínculos religiosos como espaços onde o cuidado é reconhecido. Essa etapa evidenciou, ainda, como o cuidado é socialmente distribuído de forma desigual revelando percepções que refletem tanto práticas cotidianas quanto valores culturais enraizados, o que Saffioti identificaria como a naturalização do cuidado como ônus do feminino.²⁵⁰

A seguir, apresento trechos da transcrição da fala de uma das participantes, que ajudam a compreender como elas percebem o cuidado em sua vida cotidiana. Mais do que ilustrações, essas falas revelam a densidade das experiências compartilhadas e permitem que a análise ecofeminista dialogue diretamente com as vozes das mulheres da cooperativa.

Pessoa 2:

Meu Pastor, porque ele tem a preocupação de interceder por ela, a preocupação de ver se ela está bem, se eu não vou em algum culto ele tá com a preocupação de 'será que aconteceu alguma coisa com ela? O que é que houve que ela não pode vir hoje?' então ele vai me mandar mensagem para saber como é que eu estou. Então ele tem a preocupação e todos os pastores que eu tive, por onde passei, sempre tiveram essa preocupação, esse cuidado, que ai nesse sentido é amor pelas almas, que é diferente do amor 'maridal' que é o que a pessoa 1 citou, que é diferente do amor que a pessoa 3 tem pela sua família, que vive preocupada com seu marido e filhos, então tem essa diferença, também tem o amor que a gente tem pelo nosso trabalho que é uma dedicação, um carinho que é uma satisfação saber o bem que tu tá fazendo para uma sociedade, tem esse tipo de amor de carinho e de cuidado e atenção também. Então tem, tudo isso que se inclui dentro do cuidado.

A fala da Pessoa 2 revela uma percepção apurada das diferentes dimensões do cuidado, onde ela distingue nuances afetivas, religiosas, laborais e familiares. No entanto, percebe-se a ausência de uma dimensão fundamental na discussão que é o cuidado consigo mesma. Tal omissão não é casual, mas sintomática da socialização de gênero que ensina as mulheres a cuidarem do mundo, frequentemente à custa do próprio bem-estar. Para ampliar essa percepção e introduzir a dimensão, frequentemente negligenciada, do autocuidado e a cura que podem ser encontrados na relação com o natural, a atividade seguinte propôs um exercício de escuta e conexão com a natureza. Essa transição buscou, portanto, abrir um caminho sensível para que as mulheres pudessem experienciar o cuidado não apenas como uma

²⁵⁰ SAFFIOTI, 2015, p. 84-45.

obrigação socialmente imposta, mas como uma fonte de restauração e paz, convidando-as a se perceberem como merecedoras do mesmo cuidado que dedicam às outras pessoas.

4.2.2 Escuta da natureza e espiritualidade ecofeminista

O ecofeminismo propõe uma espiritualidade do cuidado e da conexão entre humanidade e natureza, ressaltando, de modo especial a experiência das mulheres. Para aprofundar essa dimensão, após a reflexão sobre o cuidado, realizamos um exercício de pausa e escuta dos sons da natureza. A proposta não foi apenas de ouvir, mas de silenciar a rotina, abrir espaço para a sensibilidade e permitir que os ruídos da Terra se tornassem linguagem simbólica. O convite feito ao grupo foi que cada participante se deixasse conduzir pelos sons e recordasse um momento em que se sentiu profundamente ligada à Terra, reconhecendo como essa ligação se manifesta em sua história de vida. Essa dinâmica buscou mostrar que a espiritualidade ecofeminista se faz no cotidiano, nos pequenos gestos de atenção e reciprocidade com o ambiente, uma vez que, como afirma Gebara, somos criaturas interdependentes e estamos ligadas umas às outras e ao nosso planeta.²⁵¹ Ao final da escuta, a pergunta foi retomada.

Pessoa pesquisadora: - “Vocês conseguiram se lembrar de algum momento de comunhão com a natureza?”

Pessoa 2:

Sim, que nem ali, tinha um som de cachoeira lá no fundo, junto com o som das cigarras voando, tinha o som de mais de um passarinho, e quando a gente caminha pela mata a gente vê muito mais ainda. Eu gosto muito de caminhar pelo mato, no meio da natureza, desde criança a gente vivia correndo no meio do mato, meu avô tinha um sítio, lá tinha uma vertente, que no interior chamam de sanga, e ela tinha um pedaço de asfalto dentro que a gente entrava ali para brincar. Tô me lembrando também de quando estivemos na reserva da família Lima e ali a gente via os macaquinhos pulando para cá e para lá, que vai além de quando a gente só tá escutando né? Vimos também borboletas de várias cores e tamanhos, muito bonitas, e que a gente ficava encantadas então é onde elas têm liberdade para andar pra lá e pra cá, o som dos passarinhos cantando, vários pássaros. É muito bonito a gente ver quando a gente sai do nosso habitat e vai para um lugar assim que a gente vê a natureza. Ali a gente esquece de tudo porque desde uma flor que a gente vê encanta a gente. Então, quando tu sai assim tu não tá com aquela preocupação com nada sabe, tu te livra de tudo que tá te

²⁵¹ GEBARA, 1997, p. 57.

trazendo um fardo pesado, quando a gente tá na cidade tudo é preocupação. A gente tem a preocupação de sair na rua, a gente tem a preocupação com os familiares, a gente tem aquela preocupação se tá bem se tá bem de saúde e tudo mais. Então quando a gente tá assim, conectado com a natureza, a gente esquece de tudo. Acho que é por isso que muitos gostam de por esse som para ter a impressão assim que sabe, fecha o olho e se lança para outro lugar com o pensamento, imaginando um belo lugar para se estar, mas quando a gente tá conectado direto com esse som é muito maravilhoso, vai bem mais além aquela conexão que tu sente é liberdade. Liberdade da ansiedade, liberdade de tudo o que te traz preocupação, da angústia, da tristeza, da fúria, da raiva. Traz paz para o coração. Melhor dizendo, tudo se conclui com uma única palavra paz para o coração.

Pessoa 1:

Consegui me conectar, mas não com a natureza, natureza. É atrás da minha casa, lá tem muito mato, e o terreno lá é grande porque são vários terrenos. Daí bem atrás de casa tem uma moita muito grande e tem todos os tipos de borboleta que tu pode imaginar e elas ficam lá por muito tempo e fica muito bonito com as borboletas passeando por lá, todos os tipos de borboleta, tem até algumas que eu acho que não são borboletas. E me sinto conectada com a natureza em ficar olhando para elas.

Pessoa 3: - “Eu sempre me senti conectada com a natureza. Quando eu era criança, meu pai sempre morava para fora, então é bom eu gosto assim de lugares com mato. Se eu pudesse eu morava no mato.”

O trabalho na cooperativa, para essas mulheres, vai além de um simples trabalho. Como pudemos perceber nos relatos sobre o contato com a natureza, estar conectadas com a natureza é uma forma da qual elas conseguem desfrutar de sua espiritualidade, aquietando os corações e simplesmente ficando ali apreciando as belezas criadas por Deus. Por mais que a conexão entre a terra, a natureza, e o sagrado não haviam sido completadas, já podemos perceber que o sentimento que tinham trazia consigo a conexão com o sagrado que as possibilita ter momentos de paz e tranquilidade ao conseguirem se conectar e se manter em silêncio enquanto observam a natureza.

Pesquisadora: - “Vocês conseguem lembrar quem que ensinou vocês a cuidar?”

Pessoa 1: - “Eu meio que não aprendi, foi na marra, eu tinha que cuidar dos meus primos da minha sobrinha, eles só largavam comigo lá e eu tinha que cuidar, daí eu aprendi sozinha.”

Pessoa 3: - “Mãe, pai, principalmente meu pai.”

Pessoa 2:

Eu quem me ensinou a cuidar foi minha mãe e boa parte observando os outros ou algumas coisas, minhas tias também me davam algumas dicas, mas assim, mais foi a minha mãe e ela também era exigente. A minha irmã tinha saído de casa para ir trabalhar e eu era a que ficava em casa com meus irmãos, ainda que eu fosse a menor que dois deles. Mas aí o compromisso de cuidar da casa o compromisso de cuidar dos menores, tudo era meu de fazer almoço para os demais, tanto que com seis anos eu já cozinhava e era no fogão a lenha.

Pessoa 3:

Quando eu aprendi a cozinhar eu tinha oito anos. Eu fui abrir uma panela de pressão, sem tirar ela do fogão a lenha. É que eu na verdade assim fui cozinhar em fogão a gás só depois dos 14 anos. Mesmo que minha avó tivesse um fogão a gás desses antigos, mas a gente não mexia né, porque a maioria do tempo era fogão a lenha acesso dia e noite, verão ou inverno, sempre fogão a lenha acesso.

Pessoa 2:

Então eu fazia a comida, tinha que ir para a escola, então tinha que levantar cedo, já fazer fogo no fogão a lenha, deixar tudo no fogão já aquecendo para que os que iam se acordar e se arrumar para irem à escola, quando voltávamos da escola, a mil fazer comida para os meus irmãos levarem para o meu pai quando chegassem na escola. Daí tinha que ir a pé onde meu pai trabalhava, num posto de gasolina, porque ele era borracheiro num posto de gasolina. Então tinha que ser aquela coisa corrida. Quando eu passei a estudar de tarde, então também tinha que se levantar cedo para dar tempo de fazer todas as coisas e deixar tudo em ordem até a hora de ir para a escola e se ajeitar e tudo, porque eu também não gostava de faltar na escola. E as vezes minha mãe tinha necessidade de que eu não fosse para a escola e era uma guerra porque eu não gostava de faltar a escola, porque acho que também, era meu momento de tranquilidade e de descanso. Isso minha neta puxou a mim, porque ela prefere estar em sala de aula, estar fazendo um cursinho, mas é bom porque ela gosta de estudar. Então, mas é, era o momento em que eu não tinha o que fazer pela casa né, mas igual tinha nosso momento de lazer, de brincar, era cada brincadeira que a gente fazia que era uma loucura, mas nós fazíamos.

Os relatos sobre a aprendizagem do cuidado expõem a naturalização da economia política do cuidado, como define Saffioti²⁵², onde o trabalho doméstico e afetivo é incorporado pelas mulheres desde a infância como um destino inevitável. A fala da Pessoa 2, em especial, ilustra com clareza a sobrecarga de uma dupla e tripla jornada iniciada ainda na meninice, conciliando os trabalhos domésticos com a frequência escolar. Essa experiência ecoa a reflexão de Hooks²⁵³ sobre como o mandato do sacrifício feminino é incutido precocemente, ensinando às mulheres que

²⁵² SAFFIOTI, 2015, p. 90.

²⁵³ HOOKS, 2019, p. 60-63.

suas necessidades pessoais, inclusive a educação são negociáveis e devem ser subordinadas ao bem-estar coletivo da unidade familiar. A menção à escola como refúgio e espaço de autonomia em potencial contrasta fortemente com a realidade do trabalho doméstico infantil não remunerado, demonstrando a tensão vivida por meninas pobres entre o desejo de ascender pelo conhecimento e as demandas concretas da reprodução social da família. Esta análise revela que as raízes do auto negligenciamento adulto, discutido na seção 3.2.6, estão fincadas nessa socialização primária que ensina a mulher a se colocar em último lugar.

4.2.3 Ecofeminismo vivido

Para entrar de vez para dentro do que é o ecofeminismo foi passado um vídeo curto, disponível no Youtube²⁵⁴, que explica de maneira simples e rica o tema. A partir do vídeo, há um reconhecimento das mulheres que o viram de que às mulheres sempre coube o papel ecológico, de cuidado, de preocupação, de evitar desperdícios.

Pessoa 2: - “Sempre foi a mulher em qualquer área, em qualquer situação sempre foi nós, as mulheres.”

A pessoa pesquisadora fez uma breve explanação com um aprofundamento do que foi dito no vídeo, enfocando o fato de que são as mulheres que sofrem com as mudanças climáticas, e que é a partir delas que começam a surgir soluções para esses problemas, justamente porque são elas que estão na linha de frente. O intuito também foi de mostrar as mulheres o termo ecofeminismo não é um “demônio” a ser combatido como pode ser que algumas pessoas façam parecer por se tratar de feminismo, mas sim é uma vivência que parte das ações que as pessoas fazem e principalmente das ações que elas mesmas têm e fazem na cooperativa. Mostrar que mesmo que elas não nomeassem as suas ações como ecofeminismo, elas eram ações ecofeminista que colaboravam de maneira muito rica na luta contra a destruição do meio ambiente. Para ter a certeza de que o que foi falado chegou de maneira clara as mulheres da cooperativa, a pesquisadora pediu que compartilhassem o que elas haviam pensado a partir do que ouviram no vídeo e do que ouviram vindo de sua explicação.

²⁵⁴ ZEROCARBON. *O que é ecofeminismo*. Belo Horizonte, 2021. Acesso em: 6 jun. 2025. Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=TWGk7co9dJs>.

Nesse momento foi trazido:

Pessoa 2:

Para falar a verdade eu não sou feminista porque eu acho que as mulheres que são feministas ferrenhas elas as vezes sofrem um pouquinho de distúrbio porque são extremamente exageradas, mas eu sou feminina, não sou feminista, mas sou feminina. Realmente a mulher sempre acaba sofrendo as consequências da poluição, do descaso com a natureza e nós mesmas também por causa daquela coisa que nem se diz né "é o homem quem provê", mas nós ensinamos o homem a essa situação, nós mulheres porque somos nós as educadoras dos nossos filhos né, o nosso esposo ele educa, mas ele não fica o dia inteiro em casa né, nem sempre, então ele não educa. Por que se os filhos precisam ir no médico quem é que leva? O esposo ou a esposa? É muito difícil o esposo levar, se ele leva ele tá acompanhando a esposa. Mas é muito difícil ele ir sozinho levar, porque foi essa a educação que ele recebeu, a tua esposa quem tem que correr, a tua esposa quem tem que fazer. Então, já vem dentro dele. Nós criamos o homem machista porque nós temos que ensinar eles a respeitar as mulheres a ser companheiros das mulheres, mas nós achamos que ele é só o provedor pra dentro de casa, mas hoje em dia o homem não prove tudo sozinho, se a mulher não estiver dando a mão para ajudar ele, ele não vai conseguir. E nesse auxílio mútuo alguns homens conseguem deslanchar nas carreiras e crescer e aí são poucos que se lembram que tem essa esposa que ajudou lá no seu período de dificuldade, que era sua esposa que tava com ele quando ele não tinha trabalho. Aí quando ele consegue crescer, ele não quer ter só aquela mulher junto com ele, ele quer ter também aquela que chegou agora que botou o olho nele porque ele tá com um poder aquisitivo mais alto. Ai fulano tá podendo, aí fulano tem e ela vai se achegando e ele vai colocando olho nela e esquece daquela que começou com ele lá no princípio por ser um mundo machista né? E a desigualdade salarial então, essa é a que mais prejudica as mulheres em tudo, porque por mais que a mulher trabalhe e tenha hoje o seu cargo de igual maneira estudou a mesma coisa o mesmo tempo que o homem, mas quando ela ingressa para trabalhar, para exercer a função na qual ela foi formada o salário dela é 3 vezes menor e tem que brigar muito para chegar pelo menos perto, não vai chegar igual, mas pelo menos perto né. E o homem quando só ele trabalha e a mulher não trabalha, ele meio que oprime a mulher, ele faz questão de ter essa mulher de baixo de suas mãos sobre a manutenção dele né que daí ele controla tudo. Por mais que ele chegue e entregue o salário todo para ela ele controla tudo, porque daí ela tem que ficar em casa, cuidando da casa, fazendo toda a tarefa que tem que fazer, estar sempre a disposição dele e tudo porque é ele quem coloca o dinheiro para dentro de casa e faz muitas vezes questão de frisar isso e isso é diminuir ela como esposa porque não está valorizando o que ela faz em casa, não tá valorizando que ela lava suas roupas podres de sujeira, não está valorizando que ela mantém a casa limpa para que ele só chegue e se sente na frente da tv, telefone ou joguinho, algo assim, e ela não tá vendo isso que a mulher tá fazendo. E nossos filhos depois de crescido, depois de nós dar esse cursinho para ele de como tratar as mulheres, já começam tratando nós as mães assim, sabe? E do jeito que eles tão tratando nós, é o jeito que vão tratar as esposas. E nós sendo mães de meninas tem que ser ó observa teu namorado que do jeito que ele tratar a mãe é o jeito que ele vai te tratar. As mulheres por sua vez também do jeito que ela trata os pais em casa a mãe ela também vai tratar o seu esposo. Nessa parte aí quase elas por elas, mas temos que observar bem o tipo de homem com os quais vamos nos casar, o tipo de homem que queremos para ser nossos companheiros. Tudo isso tá... como posso dizer? Em um único bloco em uma única instância quase se nós analisar bem, né? E é contra isso que as mulheres feministas têm lutado muito né? Essa guerra grande e eu não faço pouco caso da luta das mulheres

que lutam por nós a única coisa que eu não sou feminista a base de extremos, sou apenas feminina. Eu gosto de pensar que sou bem feminina.

Nessa fala conseguimos destacar muitos aspectos que demonstram a importância das lutas das mulheres pela superação de violências sofridas, principalmente a violência simbólica conceituada por Pierre Bourdieu²⁵⁵, que tem como sua maior aliada a adesão da pessoa dominada. Quando ouvimos que a culpa, pelos homens serem como são, vem da mulher, ou que o feminismo é algo radical e a feminilidade representa uma identidade aceitável, percebemos como se dá a adesão da pessoa dominada às estruturas patriarcais que naturalizam a responsabilização feminina pela socialização dos homens, isentando a figura paterna e a própria estrutura social de seu papel. A estrutura patriarcal é eficaz ao ponto de delegar às mulheres a responsabilidade pela própria dominação, enquanto isenta os homens e as organizações sociais mais amplas. Aqui vemos que a culpa funciona como um dispositivo que naturaliza a assimetria de gênero, fazendo com que a crítica não se dirija ao sistema, mas recaia sobre as próprias mulheres, que se veem como más educadoras de suas crianças. No entanto a prática da participante, na cooperativa, demonstra que, na prática, ela vive muitos dos princípios feministas, o que evidencia a contradição entre a consciência crítica emergente e a internalização da dominação.

Pesquisadora: - “O movimento feminista é bastante diverso.”

Pessoa 2:

É bastante diversificado, toda luta é assim, toda luta por uma causa ela é assim, que nem o antirracismo. Tem a pessoa que é antirracismo, mas ela é calma no lidar, calma com as palavras, mas tem o antirracismo que é no extremo, num extremo demais, porque eu vivo isso, vivo isso de estar nessas causas. Depois de estar no mudo mais limpo eu vivo isso tudo. O feminista, o antirracismo racial, o da homofobia, que na verdade nem tanto. A homofobia contra o homossexual e o inverso também, do homossexualismo usando a radicalidade que qualquer palavra lhe ofende. Que nem, eu sou negra, aí eu não me sinto ofendida com qualquer palavra, mas o negro que é aquele no extremo, uma palavrinha, lhe ofende, lhe humilha e ele já tem que sair com 10 pedras, se alguém é contraditório a sua opinião ele já acha que está vivendo um racismo porque a pessoa não concordou com a sua opinião, então né, não já tá me perseguindo, já tô sofrendo, a mesma coisa o homossexual, qualquer palavra já tá lhe ofendendo, já te lhe perseguindo já vem contra-atacando com muitas pedras, né? E isso eu considero o exagero, porque primeiro tem que parar e analisar o que aquela palavra tá lhe dizendo, as vezes nem tá lhe ofendendo, Muitas vezes nem lhe é direcionada. Nós temos que pensar muito sobre isso sabe? E a mesma coisa nós como femininas, nem todas as palavras é para nos ferir, mas muitas das vezes é para nos ensinar, é para nos instruir, para a gente parar e pensar opa, vamos

²⁵⁵ BOURDIEU, 2012, p. 45.

conversar sobre esse assunto, vamos buscar um entendimento mais sobre esse assunto, não vamos dizer que não vamos contra-atacar, mas vamos ter a palavra certinha para quando alguém desferir novamente um palavreado tipo esse que me foi lançado, mas não digo que seja pra eu revidar na mesma bordoadada ou pior. É são tudo coisas para nós analisarmos.

Frase de despedida da pessoa pesquisadora para que continuasse a motivar o trabalho delas: “Ecofeminismo é plantar a vida com os pés na Terra e o coração aberto.”

Pessoa 2:

E tu vê que as conquistas sempre vêm depois de uma tragédia, né? Se as mulheres não tivessem vivido. Olha só as mulheres já desde novinha limpando casa dos seus senhores, desde das antiguidades as mulheres estão na limpeza, no cuidado da casa, dos seus senhores, lá nos tempos bíblicos também, já a mulher já vinha nessa fase de educar o filho, de cuidar, de ser muitas vezes além da empregada substituir as esposas de seus maridos. Então senão tivesse acontecido aquela tragédia onde um patrão, além de destruir o seu patrimônio, matou um monte de funcionários, hoje não teríamos o dia da mulher, não teria essa luta da mulher. Da mesma forma com o meio ambiente, temos que ter pessoas lutando para que não haja desmatamento na Amazônia brasileira, pessoas lutando pra que nos demais países que compõe o rio Amazonas, de onde ele começa, nem sempre que foi aqui no Brasil que foi roubada a fauna e a flora do Amazonas então também nos países vizinhos, que compõe e que estão dentro do rio Amazonas. Então nos foi muito roubado. Então as pessoas têm lutado por isso nos seus países e aqui no Brasil a gente tem lutado para que não nos roubem o que tem de natural e natureza no rio, então nossa Amazonas foi muito, muito depredada. Porque daí vão roubando a nossa riqueza e quem é que tem o controle? O pré-sal o nosso país não tem o controle do pré-sal que é aqui dentro do nosso país, quem tem o controle são os países grandes, da Europa, da América do Norte. Então toda a riqueza do Brasil, e não demora muito eles vão começar a roubar nossa água, por que qual o país que tem mais concentração de água? É o Brasil. Ainda que tenha aqui os outros países que compõe a nossa volta que também tem uma quantidade de água, mas água em qualidade de uso é só o Brasil, então não demora muito vão começar, que acho que já estão devagarinho. Sabe como eles vêm para nos roubar? O cientista vem fazer pesquisa e na verdade não tá pesquisando, já vem roubando porque pesquisa já fez faz tempo, então já vem pra roubar, para tirar. Nós fomos roubados no ouro, nós fomos roubados na borracha, fomos e somos roubados no petróleo e agora, qual é a nossa outra maior riqueza? A água. O nosso outro bem maior que nós temos aqui. A madeira também o madeiramento o pau-brasil, hoje a gente luta contra a extinção dele, mas onde a gente encontra essa madeira nas casas? Nas casas brasileiras? Não, pode ser o mais milionário que for, não encontra essa madeira nobre na sua casa aqui brasileira, tu encontra nos países estrangeiros, lá tu encontra, foi vendido a troco de banana e hoje se quiser essa madeira aqui no país aí a gente tem que desembolsar muito ouro, milhões, milhões e milhões para termos o que nos foi roubado. Ah e ainda somos roubados no que é extraído da terra, nos metais, no mercúrio, no ferro. Então em tudo. Olha o Brasil e os demais países menores que não conseguem crescer, não conseguem crescer porque são roubados, porque são roubados pelos países de poder. Às vezes, que nem, muitos países na Europa, que são menor do que o Brasil, Alemanha é menor que o Brasil, a Itália é menor do que o Brasil, só que são países mais desenvolvidos e roubam muito do Brasil e da África.

A fala final da Pessoa 2, que se inicia como resposta ao ecofeminismo e deságua em uma crítica contundente ao extrativismo colonial, demonstra, na prática, a potência sintética dessa perspectiva teórica. Ela realiza, de forma intuitiva e poderosa a conexão que Gebara estabelece ao afirmar que “não haverá vida humana sem a vida do planeta”.²⁵⁶ Sua argumentação ilustra o que Pereira conceitualiza como a ligação entre o corpo-território da mulher e o corpo-território da terra, ambos alvos de uma mesma lógica de exploração e dominação.²⁵⁷ A participante não apenas identifica a violência de gênero na esfera privada, caracterizados por traições, controle financeiro, dupla jornada, mas expande a crítica para a violência contra os bens comuns, percebendo o roubo da água, das madeiras e dos minérios como uma extensão do mesmo paradigma opressivo. Esta é a essência do que Ruether defendia ao propor que as pressuposições antropocêntricas de superioridade dos seres humanos sobre a natureza devem ser descartadas culturalmente.²⁵⁸ A fala evidencia que, a despeito da resistência ao rótulo de feminista, a consciência ecofeminista já está instalada e ativa no grupo, manifestando-se como uma compreensão aguda das interligações entre as opressões. O desafio pedagógico, portanto, não é introduzir um conceito externo, mas fornecer as ferramentas teóricas para que essas percepções já existentes sejam nomeadas, articuladas e potencializadas como ferramentas de análise e ação coletiva.

4.2.4 Conclusão parcial

O encontro *Ecofeminismo com os pés no chão* cumpriu seu papel de semear conceitos e instigar a reflexão crítica, ainda que em um formato reduzido. A riqueza dos diálogos e a profundidade das experiências compartilhadas evidenciam o potencial transformador que um processo formativo mais longo teria junto a essas mulheres. A resistência em adotar o rótulo de feminista, associado a estereótipos de radicalismo, contrasta com a clara percepção das injustiças de gênero e ambientais que as afetam diretamente. Esta dissonância, longe de ser um ponto negativo, aponta para a necessidade de uma abordagem pedagógica que, como propõe Hooks²⁵⁹,

²⁵⁶ GEBARA, 1997, p. 29.

²⁵⁷ PEREIRA, 2009, p. 34-35

²⁵⁸ RUETHER, 1992 p. 250.

²⁵⁹ HOOKS, 2019, p. 56.

entenda o feminismo como um compromisso político e uma práxis revolucionária, e não meramente uma identidade. A fala da Pessoa 2, que articula uma crítica sofisticada ao colonialismo extrativista e à divisão sexual do trabalho, demonstra que o conhecimento ecofeminista já está vivo e em ação na cooperativa, aguardando apenas a ferramenta teórica para nomeá-lo e potencializá-lo plenamente.

4.3 SEMENTES ECOFEMINISTAS: CUIDAR DE SI, DA COMUNIDADE E DA TERRA

A experiência de formação única, ainda que pontual e com participação limitada, evidenciou a necessidade de um diálogo mais permanente e aprofundado sobre o ecofeminismo no interior da Cooperativa de trabalho Mundo Mais Limpo. A oscilação das participantes entre identificação com as práticas de cuidado e a resistência em se assumir feministas revela um campo fértil para um trabalho educativo de longo prazo. Esta seção propõe, portanto, algumas diretrizes para uma ação formativa continuada, que possa ser implementada em parceria com a Faculdades EST em projeto de extensão e o projeto institucional de pesquisa da qual essa dissertação é fruto, visando consolidar os princípios ecofeministas como um pilar da identidade e atuação do grupo.

Ao olhar as potencialidades, as contradições e as brechas identificadas ao longo da pesquisa, estrutura-se o curso *Sementes ecofeministas: cuidar de si, da comunidade e da Terra*. Diferente da formação pontual realizada, esse curso é desenhado como uma trilha formativa modular, com encontros quinzenais de 1h30 de duração, realizados no próprio espaço da cooperativa e integrados à sua jornada de trabalho. O objetivo central é transformar as intuições e práticas já existentes no grupo em uma consciência ecofeminista organizada, convertendo-a em ferramenta concreta para a ação coletiva e a transformação de conflitos internos e externos, materializando assim o compromisso ético e político da pesquisa-ação de devolver à comunidade pesquisada os frutos do conhecimento construído.

O curso se estrutura em três módulos interligados onde, cada um abordara uma lacuna específica identificada na pesquisa e detalhados a seguir.

4.3.1 Módulo 1 – O cuidado que liberta: autocuidado e saúde como ato político

Este módulo tem como foco superar a cultura do auto negligenciamento amplamente observada e analisada na seção 3.2.6. Parte-se da concepção de Gebara sobre a ética do cuidado invertida²⁶⁰, pela qual as mulheres são socializadas para cuidar de todas as pessoas exceto de si mesmas, e da noção de Pereira do corpo-território como primeiro espaço de resistência.²⁶¹ O conteúdo trabalharia técnicas simples de auto escuta e gestão de cansaço, além de um mapeamento coletivo dos direitos à saúde e como acessá-los. Como atividade prática, propõe-se a criação de um ‘Acordo de Cuidado’ interno na cooperativa, que institucionalize pausas regulares, rodas de conversa sobre saúde e a possibilidade de um fundo solidário para emergências médicas, tornando o autocuidado uma prática coletiva e politizada.

4.3.2 Módulo 2 – Nomeando nossas práticas: do sabão ao ecofeminismo

O foco deste módulo é preencher a brecha entre a prática e a teoria, superando a resistência ao termo feminismo identificada na seção 4.2.3. O conteúdo central seria uma oficina sobre vocabulário ecofeminista, respondendo a perguntas como: O que é patriarcado? Androcentrismo? Economia do cuidado?. Busca-se demonstrar como a reciclagem do óleo é um gesto ecofeminista de resistência à cultura do descarte, conceito-chave da encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco²⁶², e como a economia solidária se alinha com práticas econômicas que valorizam a vida, conforme discutido por Sólon²⁶³. A atividade prática consistiria na produção de um “Glossário da Mundo Mais Limpo”, onde as próprias cooperadas definissem, com suas palavras, os conceitos que vivenciam, culminando na gravação de um vídeo curto para as redes sociais que explique ‘o que é ecofeminismo’ a partir do trabalho que já realizam.

²⁶⁰ GEBARA, 1997, p. 62-63.

²⁶¹ PEREIRA, 2009, p. 34-35.

²⁶² FRANCISCO, 2015, p. 20.

²⁶³ SÓLON, 2020, p. 147.

4.3.3 Módulo 3 – Autogestão e poder compartilhado: desafios e potencialidades

Este módulo visa abordar a reprodução de hierarquias e o dilema da dupla militância que gira entre a autonomia na cooperativa e a submissão exigida em outros espaços, como analisado na seção 3.2.4. o conteúdo abordaria a crucial distinção de Hooks entre o ‘poder sobre’ que fala de dominação, e o ‘poder com’ que tem teor coletivo²⁶⁴, e aprofundaria a compreensão da autogestão como um processo contínuo e conflitivo de aprendizado. A partir da análise anônima e construtiva de casos de conflitos vivenciados na cooperativa, a atividade prática seria a realização de uma dinâmica de tomada de decisão por consenso e a criação de uma “roda de resolução de conflitos”, com um protocolo simples a ser utilizado quando surgirem tensões, fortalecendo a horizontalidade e a gestão democrática.

4.3.4 Conclusão parcial

Em síntese a proposta *sementes ecofeministas* não se configura como um apêndice, mas como a materialização do compromisso ético e político da pesquisa-ação. Ela busca devolver à cooperativa, de forma organizada e aplicável, as principais descobertas do estudo. A avaliação do curso se daria por meio de um “Diário de bordo coletivo”, onde as mulheres registrariam insights e mudanças percebidas em suas vidas e no trabalho coletivo, permitindo uma avaliação processual e formativa. Esta proposta oferece um caminho prático para que o ecofeminismo, hoje uma intuição presente no fazer cotidiano, se torne uma ferramenta concreta de libertação integral, instrumentalizando as mulheres para nomearem suas realidades, confrontarem as estruturas de opressão e aprofundarem o projeto de autonomia e cuidado que já tecem com suas mãos.

4.4 CONCLUSÃO

A elaboração e a implementação das propostas formativas junto à Cooperativa de Trabalho Mundo Mais Limpo evidenciaram, na prática, os desafios e as potências de se construir um diálogo entre o ecofeminismo acadêmico e a

²⁶⁴ HOOKS, 2019 p. 56.

sabedoria prática de mulheres trabalhadoras. A trajetória da proposta inicial, ambiciosa e estruturada em cinco encontros, para a realização de um único encontro, com participação reduzida, não representa um fracasso, mas a materialização de uma condição fundamental da pesquisa-ação que é a necessidade de flexibilidade e radical inserção na realidade concreta do grupo. A vida agitada da cooperativa com suas demandas produtivas e educativas, impôs um limite material incontornável, revelando que o tempo é um recurso escasso e disputado na vida dessas mulheres.

Contudo, o encontro único “Ecofeminismo com os pés no chão” e a subsequente elaboração da proposta “sementes ecofeministas” demonstram que, mesmo em condições limitadas, o diálogo é fértil e necessário. A riqueza das falas, as reflexões espontâneas sobre cuidado, gênero e exploração ambiental, e a crítica orgânica ao extrativismo colonial comprovam que uma consciência ecofeminista intuitiva já pulsa no cotidiano da cooperativa. O principal desafio pedagógico identificado, por tanto, não é o de “ensinar” um conteúdo externo, mas o de oferecer ferramentas teóricas e nomeações que permitam a essas mulheres reconhecerem, articularem e potencializarem o conhecimento que já possuem, transformando intuição em ferramenta de análise e ação política.

A resistência ao rótulo “feminista”, associado a estereótipos de radicalismo, contrasta violentamente com a vivência prática de princípios feministas e ecofeministas na vida diária. Essa dissonância aponta para a urgência de uma abordagem pedagógica, como a defendida por hooks, que entenda a educação como prática da liberdade, capaz de demonstrar preconceitos e construir pontes entre a teoria e a vida. A proposta “Sementes ecofeministas”, com sua estrutura modular e flexível, surge como uma resposta a esse desafio, propondo um caminho viável e contínuo de formação.

Por fim, esse capítulo deixa claro que a formação ecofeminista não é um adendo, mas um pilar estratégico para a sustentabilidade do empreendimento. Fortalecer a autogestão, politizar o autocuidado e nomear as opressões são passos essenciais para que a cooperativa possa não apenas sobreviver economicamente, mas florescer como um espaço genuíno de libertação integral, onde o cuidado com a Terra e o cuidado entre as mulheres se reforcem mutuamente, criando sementes de um mundo novo a partir do chão concreto de sua realidade.

5. CONCLUSÃO

Esta pesquisa, ao articular a reflexão teórica com a escuta atenta as vozes e práticas da Cooperativa de Trabalho Mundo Mais Limpo, confirmou a potência do ecofeminismo como lente analítica e ferramenta política para interpretar e potencializar iniciativas que buscam um mundo mais justo. O percurso realizado demonstrou, de forma contundente, que a crise ecológica e a opressão das mulheres não são fenômenos isolados, mas faces de um mesmo paradigma de dominação patriarcal e capitalista, que explora tanto os corpos femininos quanto os bens comuns da Terra.

A fundamentação teórica não se limitou a apresentar conceitos, mas construiu um arcabouço integrado onde o feminismo, a teologia ecológica e o ecofeminismo se revelaram partes de um mesmo projeto epistemológico de descolonização do saber e do poder. Esse percurso nos permitiu compreender que a violência simbólica, a naturalização das hierarquias de gênero e a visão antropocêntrica e instrumental da natureza são alicerces interligados de um sistema que a práxis ecofeminista se propõe a desmantelar.

Ao adentrar o universo da Cooperativa de Trabalho Mundo Mai Limpo, a teoria ganhou carne e osso. A história de resistência e construção coletiva dessas mulheres, desde a luta por um espaço físico até a consolidação de um empreendimento economicamente viável e ecologicamente responsável, é a materialização concreta dos princípios ecofeministas. A transformação do óleo de cozinha usado em produtos de limpeza e velas aromáticas mostrou-se muito mais do que uma técnica de reciclagem, mostrou-se um ato simbólico de cuidado ampliado, um gesto político que articula a sustentabilidade ambiental com a autonomia econômica feminina, desafiando a lógica do descarte. A pesquisa-ação, como método coerente permitiu não apenas observar, mas se implicar e testemunhar esse processo, em que o conhecimento foi construído na relação dialógica e no compromisso compartilhado.

No entanto a investigação também evidenciou as contradições e os desafios inerentes a este processo de libertação. Os diálogos e vivências revelaram as profundas marcas do patriarcado inscritas nos corpos-territórios das mulheres, a internalização da culpa, a naturalização do auto negligenciamento em saúde, a dificuldade em questionar interpretações religiosas patriarcais e a reprodução sutil de

hierarquias mesmo no espaço supostamente horizontal da cooperativa. Esses achados demonstraram que a dominação não se desfaz apenas com a independência financeira, mas exige uma contínua e dolorosa desconstrução interna e coletiva, um desprendimento dos fios invisíveis da violência simbólica.

Foi justamente nas brechas dessas contradições que a pesquisa identificou os lampejos mais promissores de transformação. O empoderamento como libertação integral se manifestou na reconquista da autoridade sobre a própria vida, expressa em falas, como “eu sou eu, eu posso, eu vou, eu consigo”. A cooperativa revelou-se, assim, uma comunidade de suporte e ressignificação, onde as mulheres não apenas ganham um salário, mas reconquistam a dignidade, ressignificam suas histórias de dor e forjam novas identidades baseadas na sororidade e na agência coletiva.

A proposta formativa idealizada, mesmo em sua aplicação reduzida, sinalizou o caminho para a consolidação dessa consciência. A resistência inicial ao rótulo “feminista”, constatado a percepção das injustiças de gênero e ambientais, aponta para a necessidade de um trabalho educativo de longo prazo que, partindo das experiências concretas, forneça as ferramentas teóricas para nomear e potencializar plenamente a práxis ecofeminista já existente.

Portanto, conclui-se que a Cooperativa de Trabalho Mundo Mais Limpo é um microcosmo vivo e real da transformação ecofeminista em ação. Ela não é um caso idealizado, mas exemplo concretíssimo de que a luta por um mundo mais justo e sustentável começa na reorganização das relações de produção e cuidado nos ambientes mais próximos. Essa dissertação demonstrou que o ecofeminismo, longe de ser uma teoria abstrata, é uma ferramenta vital para interpretar e fortalecer as lutas das mulheres que, com os pés no chão de sua realidade, já constroem, com suor, sabão e solidariedade, as sementes de um fruto possível. O cuidado com a Terra e o cuidado com as outras mostram-se, assim, como o fio condutor para a libertação integral e a construção de um mundo onde todas as vozes e formas de vida sejam, de fato, respeitadas e valorizadas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é Feminismo*. 2. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1982.

ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*. Trad. André de Macedo Duarte. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011.

BARBOSA, Regina S.; GIFFIN, Karen. Gênero, saúde reprodutiva e vida cotidiana em uma experiência de pesquisa-ação com jovens da Maré, Rio de Janeiro. *Interface – Comunic, Saúde, Educ.* v. 11, n. 23, p. 549-567, set./dez. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832007000300011>.

BBC NEWS BRASIL. *A cronologia da tragédia no Rio Grande do Sul*. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cd1qwpq3z77o>. Acesso em: 8 ago. 2025.

BBC News. *De Amazônia a ofensa a esposa, as frases da escalada de tensão entre Bolsonaro e Macron*. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49455361>. Acesso em: 20 mar. 2025

BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da Mãe Terra, grito dos pobres: dignidade e direitos da Mãe Terra*. Ed. rev. e ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BONFIM, Cláudia Ramos de Souza; (et. al.). Androcentrismo e desigualdade da mulher na sociedade. In.: SILVA, Américo Junior Nunes da; SOUZA, Ivanete dos Santos de; LIRA, Ismael Santos (org). *Educação enquanto fenômeno social: perspectivas de evolução e tendências*. Ponta Grossa – PR: Atena, p. 72-85, 2022.

BOTTON, Andressa; STREY, Marlene Neves; ROMANI, Patrícia Fasolo; PALMA, Yáscara Arrial. Sexo/Sexismo. In.: COLLING, Ana Maria; TODESCHI, Losandro Antônio (org.). *Dicionário crítico de gênero*. 2 ed. Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, p. 666-669, 2019.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARTA DA TERRA INTERNACIONAL. *A Carta da Terra: edição comemorativa Carta da Terra 20 anos*. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/cnijma/EbookCartadaTerra2.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2025.

CLICK RBS/O Globo Online. *Desastre ambiental no RS foi causado por despejo industrial e esgoto*. Gazeta do Povo, 2006. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/desastre-ambiental-no-rs-foi-causado-por-despejo-industrial-e-esgoto-a8gz9jkc160oel6vw8pwgruj2/>. Acesso em: 20 dez. 2024.

DEIFELT, Wanda. Teologia feminista: uma história construída em mutirão. In: MUSSKOPF, André S.; BLASI, Marcia (orgs.). *história, saúde e direitos: sabores e saberes do IV Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: CEBI, p. 17-26, 2016.

DIERCKXSENS, Win; SILVA, Sílvia Regina de Lima. Solidaridad y cuidado: en búsqueda de una economía em función de la vida. In: RIBLA (Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana). *Economía: solidaridad y cuidado*. Quito, Ecuador, n. 51, v. 2, p. 47-12, 2005.

DIONNE, Hugues. *A pesquisa-ação para o desenvolvimento local*. Trad. Michel Thiollent. Brasília, 2007.

FRANCISCO. *Laudato si'*: sobre o cuidado da casa comum. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_encyclica-laudato-si_po.pdf. Acesso em: 24 jul. 2025.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da Pesquisa-Ação, Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/DRq7QzKG6Mth8hrFjRm43vF/?format=pdf&lang=pt>.

FUNDAÇÃO Luterana de Diaconia. *Áreas de atuação*. Disponível em: <https://fld.com.br/nosso-trabalho/areas-de-atuacao/#economiasolidaria>. Acesso em: 25 set. 2025.

GAIGER, Luiz Inácio. A economia solidária diante do modo de produção capitalista. In: GAIGER, Luiz Inácio. *Economia solidária*. v. 1, p. 18-40, 2001.

GALLO, Ana Rita; DAKUZAKU, Regina Yoneko; EID, Farid; VALÊNCIO, Norma Felicidade L. da Silva; SHIMBO, Ioshiaqui; MASCIO, Carlos César. Incubadora de cooperativas populares: uma alternativa à precarização do trabalho. In: GAIGER, Luiz Inácio. *Economia solidária*. v. 1, p. 41-60, 2001.

GEBARA, Ivone. Ecofeminismo e antropologia. In.: BLASI, Marcia; BRUN, Marli; FONSECA, Marcela Sehn da (orgs.). *Ecologia, Economia, Ecumenismo: celebrando os 500 anos da Reforma: V Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: CEBI, p. 233-244, 2018.

GEBARA, Ivone. *Teologia Ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião*. São Paulo: SP, 1997.

GONÇALVES, Andréa Lisly. *História & gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HILLENKAMP, Isabelle; GUÉRIN, Isabelle; VERSCHUUR, Christine. A economia solidária e as teorias feministas: possíveis caminhos para uma convergência necessária. In: SEMPREVIVA Organização Feminista, 2016. Disponível em: <https://www.sof.org.br/a-economia-solidaria-e-as-teorias-feministas-possiveis-caminhos-para-uma-convergencia-necessaria/>. Acesso em: 8 out. 2025.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Trad. Ana Luiza Libâno. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

HOOKS, bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. Trad. Reiner Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

KROB, Daniéli Busanello. *O gigante acordou... Só agora? Discursos sexistas no Movimento Popular de 2013 no Brasil*. In: MUSSKOPF, André S.; BLASI, Marcia. (org) *Ainda Feminismo e Gênero: histórias, gênero e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia*. São Leopoldo: CEBI, p. 145-154, 2014.

LIMA, Lana Lage da Gama; SOUZA, Suellen André de. Patriarcado. In.: COLLING, Ana Maria; TODESCHI, Losandro Antônio (org.). *Dicionário crítico de gênero*. 2 ed. Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, p. 578-582, 2019.

LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. In.: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, p. 58-91, 2020.

MESTERS, Carlos. O que a bíblia tem a ver com a ecologia, e o que a ecologia tem a ver com a bíblia. In.: DIETRICH, Luiz J. (org.). *A Palavra na Vida: Ecologia: solidariedade com o cosmos*. São Leopoldo – RS: CEBI, n. 189, p. 28-32, 2003.

MIÑOSO, Yuderkys Espinosa. Fazendo uma genealogia da experiência: o método rumo a uma crítica da colonialidade da razão feminista a partir da experiência histórica na América Latina. In.: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, p. 109-134, 2020.

MUNDO MAIS LIMPO. *Estatuto social Cooperativa de Trabalho Mundo Mais Limpo*. Junta Comercial, Industrial e Serviços do Rio Grande do Sul, Código de Registro: 7900404 em: 29 set. 2021.

NASCIMENTO, Edilane Moisés; et al. MULHERAR: vivências e experiências solidárias. In: *Revista gestão e organizações*, v. 5, n. 2, p. 49-68, jan./jun. 2020.

NEUENFELDT, Elaine. !Mujeres com furza y poder! In: RIBLA (Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana). *Economía: solidaridad y cuidado*. Quito, Ecuador, n. 51, v. 2, p. 54-59, 2005.

NOVAES, Henrique Tahan. *O fetiche da tecnologia: A experiência das fábricas recuperadas*. São Paulo: Expressão popular, 2007.

OPAS, Organização Pan-Americana da Saúde. *Violência contra as mulheres*. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women#:~:text=As%20Na%C3%A7%C3%B5es%20Unidas%20definem%20a,em%20vida%20p%C3%ABblica%20ou%20privada%22..> Acesso em: 11 mar. 2025.

PEREIRA, Nancy Cardoso. *Remover pedras, plantas roseiras, fazer doces: por um ecossocialismo feminista*. São Leopoldo: CEBI, 2009.

PEREIRA, Nancy Cardoso. Apresentação. In: RIBLA (Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana). *Economía: solidaridad y cuidado*. Quito, Ecuador, n. 51, v. 2, p. 5, 2005.

REDE de Comércio Justo e Solidário. *Quem somos*. Disponível em: <https://comerciojustofld.com.br/>. Acesso em: 25 set. 2025.

RUETHER, Rosemary R. Ecofeminismo: conexões simbólicas e sociais entre a opressão das mulheres e a dominação da natureza. *Revista Estudos teológicos*, São Leopoldo – RS, v. 32, n. 3, p. 240-252, 1992.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado, violência*. 2ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SCHNORRENBERGER, Neusa; ANGELIN, Rosângela. (Eco)feminismo camponês e os elementos inseridos em Mad Max: a estrada da fúria. In.: *Coisas do Gênero*. São Leopoldo, v. 6, n. 1, p. 124-139, jan.- jun. 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; LOURO, Guacira Lopes (org.). *Educação e realidade: mulher e educação*. Porto Alegre/RS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 16, n. 2, jul/dez, p. 5-22, 1990.

SELISTER-GOMES, Mariana; QUATRIN-CASARIN, Eduarda; DUARTE, Giovana. O conhecimento situado e a pesquisa-ação como metodologias feministas e decoloniais: um Estudo Bibliométrico. 2019. *Revista CS*, 29, 47-72. <https://doi.org/10.18046/recs.i29.3186>.

SENADO Federal; SECRETARIA Geral da Mesa. *Comissão Parlamentar Mista de Inquérito da violência contra a mulher: relatório final*. Brasília, 2013. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/496481>. Acesso em: 11 mar. 2025.

SILVA, Anair Araújo de Freitas; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ATAÍDES, Fernanda Barros. Pesquisa-ação: princípios e fundamentos. In: *Prisma*. Rio de Janeiro, v. 2, p. 2-15, 2021.

SINGER, Paul. *Introdução a economia solidária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOLÓN, Pablo. Direitos da mãe terra. In.: SOLÓN, Pablo (org.). *Alternativas sistêmicas: Bem viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização*. Trad. João Peres. São Paulo, SP: Elefante, p. 145-173, 2020.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. *A classe operária tem dois sexos: Trabalho, dominação e resistência*. 3ª ed. São Paulo: fundação Perseu Abramo, Editora Expressão Popular, 2021.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 3ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQyyq5bV4TCL9NSH/?format=pdf&lang=pt>.

ULLOA, Geraldina Céspedes. *Ecofeminismo: Teología saludable para la tierra y sus habitantes*. Bodadilla del Monte: Madrid – Espanha, 2021.

VENTURA, Maria Cristina. Olares a parto, tabajo y pan: uma mirada desde los salmos de subida. In: RIBLA (Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana). *Economía: solidaridad y cuidado*. Quito, Ecuador, n. 51, v. 2, p. 45-53, 2005.

ZEROCARBON. *O que é ecofeminismo*. Belo Horizonte, 2021. Acesso em: 6 jun. 2025. Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=TGWk7co9dJs>.

ANEXO 1

TERMO/REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: Transformando ambientes e moldando um mundo mais justo

Nome da pesquisadora: Eduarda Viviane Müller

Nome da orientadora: Carolina Bezerra de Souza

1. **Natureza da pesquisa:** Você está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa que tem por objetivos pesquisar se a partir de uma pesquisa-ação, com proposta formativa, baseada na teologia ecofeminista é possível auxiliar as mulheres da cooperativa Mundo Mais Limpo a identificar violências sofridas e desenvolver estratégias de enfrentamento para alcançar uma vivência com justiça de gênero e justiça socioambiental promovendo mudanças na sociedade. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466/2012 – item IV / Artigo 4º e 5º da Resolução 510/2016 - do Conselho Nacional de Saúde.
2. **Participantes da pesquisa:** Farão parte dessa pesquisa as pessoas que fazem parte da Cooperativa Mundo Mais Limpo.
3. **Envolvimento na pesquisa:** Ao participar deste estudo você permitirá que a pessoa pesquisadora participe das reuniões do grupo e converse com você sobre a história da cooperativa, seu desenvolvimento, seus entendimentos a respeito de justiça de gênero e justiça socioambiental. Bem como permite que as conversas sejam gravadas para possibilitar uma revisão póstuma do que foi conversado para que a pesquisa seja ainda mais fiel com os ideais do grupo que compõe a cooperativa. Você tem liberdade de se recusar a participar e de recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone ou e-mail da pesquisadora do projeto e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdades EST.
4. **Sobre os questionários:** A você não será solicitado a resposta de questionários.
5. **Riscos e desconforto:** Você não terá qualquer risco ou desconforto em participar deste estudo, considerando que o interesse principal desta pesquisa é avaliar questões acerca da justiça de gênero e justiça socioambiental. Caso ocorra o risco de algum desconforto frente a temas tratados em conversas ou oficinas que serão propostas, fica claro que você é livre para não comparecer e participar da atividade, ficando isenta também de qualquer prejuízo quanto a participação nos atendimentos recebidos (se for

Rubrica do Participante: _____ Rubrica do Pesquisador: _____

o caso). Fica assegurado que ao participar da pesquisa fica garantido o amparo do que regulamenta a Resolução 466 – IV.3.b e Resolução 510/16, Art. 3º. Assim sendo tudo que você considerar será acolhido como benéfico para a estruturação de propostas futuras mais eficazes.

6. **Confidencialidade:** todas as informações coletadas neste estudo servirão de base única e exclusivamente para estudo e avaliação sobre questões acerca da justiça de gênero e a justiça socioambiental. A identificação das pessoas envolvidas será preservada no anonimato, sendo que em nenhum momento sua identidade será divulgada.
7. **Confidencialidade:** A pessoa pesquisadora se responsabiliza eticamente por manter a confidencialidade de todas as informações obtidas e analisadas, em atendimento à todas as determinações contidas na Resolução 466/12/ Resolução 510/2016, quanto ao sigilo de informações obtidas envolvendo as 30 pessoas participantes de pesquisa. Todos os documentos analisados darão respaldo para a dissertação de mestrado com o título 'Transformando ambientes e moldando um mundo mais justo', os quais, mantendo anonimato e confidencialidade das pessoas participantes, poderão seus resultados darem subsídios para elaboração da dissertação de mestrado, para contribuir no desenvolvimento da pesquisa científica. As pessoas que farão parte da pesquisa são todas aquelas que no ano de 2024 estavam compondo o corpo de pessoas trabalhadoras da cooperativa e que possuíam mais de 18 anos. Caso não assine o termo de consentimento livre e esclarecido, tenha menos de 18 anos, ou conviva no mesmo ambiente da cooperativa, mas não faça parte dela os dados coletados referentes a essa pessoa não poderão ser utilizados, não havendo o consentimento por parte de pelo menos 3 pessoas que compõe a cooperativa será necessário a interrupção da pesquisa. Todos os documentos resultantes desta pesquisa serão mantidos pelo prazo de 5 anos sob a guarda da pessoa pesquisadora.
8. **Benefícios:** ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre a importância de estudos e conhecimento acerca da justiça de gênero e da justiça socioambiental. A pessoa pesquisadora se compromete a divulgar os resultados obtidos junto às pessoas participantes.
9. **Pagamento:** Você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(QUANDO REALIZADO ATRAVÉS DE MODALIDADE ONLINE)

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Devolvo este documento, garantindo o registro de uma via deste documento sob meu poder. Este documento igualmente será assinado e rubricado pela pessoa pesquisadora que ficará de posse de uma via preservada por 5 anos.

Assim sendo manifesto abaixo através de assinatura meu consentimento em participar desta pesquisa:

Nome do participante

Assinatura

Assinatura da pessoa pesquisadora

Local e data

Informações:**Pessoa****pesquisadora:****e-mail:**

mullereduardav@gmail.com <mailto:maryleavargas@yahoo.com.br> e **telefone: (51)99850-6176**

Rubrica do Participante: _____ Rubrica do Pesquisador: _____

CONEP: A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - **CONEP**- é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. Fone: (61) 3315-5877, e-mail: conep@saude.gov.br

CEP: O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, com “munus público”, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Nome, telefone e e-mail de um membro do CEP da EST: Luciana Oliveira de Azevedo
(51) 2111-1465 - E-mail: cep@est.edu.br